



Who decides? Who provides?

Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Tânia Patrícia Simões Arêde dos Santos
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Orientador: Professor Pedro Pousada
Co-orientador: Professor Doutor José António Bandeirinha

Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra

Julho de 2014

*I am not sure what I see behind me and, therefore,
I am even less sure about what I can see ahead.*

John Turner, 1974

Agradecimentos

Ao Professor Pedro Pousada, pela orientação, pelas conversas, mas principalmente pelo interesse, e por todo o cuidado e dedicação na procura do melhor caminho em tão curto intervalo de tempo.

Ao Professor Doutor José António Bandeirinha, por ter aceite o convite, pela partilha do seu saber, e especialmente pela cedência à pressão que bem renuncia.

Ao meu Pai, pelo amor, por ter estado presente e contribuído com o melhor apoio, mesmo em alturas de menos paciência. Sem ti não teria sido possível.

À Isabel, pela amizade e presença constantes, mesmo a dois mil quilómetros. Pela paciência e confiança únicas, pelas revisões intermináveis e por uma racionalidade crítica como poucas.

À Mafalda, por não desistir. Pelas conversas e esperança. E pelos cozinhados, que decididamente sempre me animaram o espírito.

À família Morgado, por serem quem são e que tanto amo, por terem estado lá.

À Marta, pela amizade, paciência e carinho constante, um *grazie mille* pelas traduções.

A todos estes, um forte obrigada por terem acreditado.

Resumo

A presente dissertação pretende explorar os vários temas com que a arquitectura social se relaciona desde a década de 50 até aos dias de hoje, partindo do estudo de trabalhos de John F. C. Turner.

No contexto do pós Segunda Guerra Mundial começa-se a questionar a capacidade de resposta da arquitectura moderna face às necessidades habitacionais de uma Europa arrasada. As críticas daqueles que defendem uma arquitectura ligada às ciências sociais aumentam, colocando assim em causa o papel do próprio arquitecto na sociedade. Turner, desde cedo influenciado pelas narrativas de William Morris e Patrick Geddes, partilha desta dúvida, juntamente com nomes como Giancarlo de Carlo e Eduardo Neira. É com este contexto, e a partir do convite deste último, que Turner vai para o Perú, onde as oportunidades para progredir na sua aprendizagem se apresentavam incomparavelmente mais altas do que em Inglaterra.

Turner foi desenvolvendo uma profunda relação com os habitantes das *barriadas*, responsáveis pela construção da sua própria habitação, e durante os oito anos em que esteve no Perú, concomitantemente ao seu trabalho enquanto arquitecto questionou o seu papel e o do Estado no processo de *housing*. Dos inúmeros escritos que resultaram desta experiência, destacam-se *Dwelling Resources in South America* (1963), *The Reeducation of a Professional* (1972) e *Housing by People* (1976) como a obra que resume as suas premissas. É com uma analogia aos vários casos de estudo que nos apresenta que pretendemos responder às questões *who decides? Who provides?*

Abstract

The thesis here presented intends to explore the many subjects with which social architecture is related from the 1950's until today, having as basis the works from John F. C. Turner.

In the context of after the Second World War, the ability of modern architecture to respond to the housing needs of a devastated Europe is questioned. The critics of those who defend an architecture connected to the social sciences increase, questioning the role of the architect himself in the society. Turner, influenced from an early stage by the work of William Morris and Patrick Geddes, shares this uncertainty, together with names as Giancarlo de Carlo and Eduardo Neira. It is in this context, and by invitation of the latter, that Turner goes to Peru, where the opportunities to expand his own learning were incomparably higher than in England.

Turner developed a profound relationship with the people living in the *barriadas*, which were responsible for the construction of their own home, and during the eight years spent in Peru, concurrently to his work as an architect began to question his role and that of the State in the process of *housing*. From the many writings that resulted from this experience, the following stand out as a summary of his premises: *Dwelling Resources in South America* (1963), *The Reeducation of a Professional* (1972) and *Housing as a Verb* (1972). Bearing in mind the case studies he presented, we aim to answer the questions *who decides? Who provides?*

Sumário

| | |
|---|-----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1 Preceitos da Arquitectura no Pós-Guerra | 9 |
| 1.1.Percursos | 23 |
| 1.1.1.William Morris..... | 25 |
| 1.1.2.Peter Kropotkin | 27 |
| 1.1.3.Patrick Geddes | 29 |
| 1.1.4.Veneza e Eduardo Neira | 33 |
| Capítulo 2 Panorama na América Latina | 37 |
| 2.1. Povoamentos (des)controlados | 45 |
| 2.1.1. Ciudad Guayana..... | 51 |
| 2.1.2. Exposições | 57 |
| 2.2. Housing as a Verb ?..... | 63 |
| 2.2.1. Grande Escala | 73 |
| 2.2.2. Sectores Público, Privado e Popular | 83 |
| 2.2.3. O Papel da Economia..... | 91 |
| Capítulo 3 Quem decide? Quem providencia? | 107 |
| 3.1. O Processo SAAL e John Turner | 117 |
| 3.2. Housing by people?..... | 123 |
| Referências | 135 |
| Bibliografia..... | 135 |
| Fonte de imagens..... | 145 |

Introdução

Com a presente dissertação pretendeu-se responder às perguntas sobre quem decide e quem providencia através da investigação do papel de John F. Charlewood Turner ante uma arquitectura mais voltada para populações de baixos rendimentos, particularmente em países comumente denominados por Terceiro Mundo.

Desde cedo no nosso curto percurso e aproximação ao estudo da Arquitectura que nos questionamos sobre as suas premissas, verdades e limites. Com demasiada facilidade, fomos apercebendo que o pré-conceito que sempre tivemos de uma Arquitectura que servia as necessidades de todos por igual nem sempre se reflectia como a nossa fantasiosa realidade o ditava.

A vertente social desta arquitectura, embora naturalmente pouco explorada dentro das paredes de uma Escola, é extremamente abrangente e, por isso, tornou-se essencial que a reduzíssemos, tendo, por conseguinte, tomado a decisão de nos determos na figura de John Turner. Pelo que simboliza para o campo da arquitectura *com* as comunidades e pela proximidade com que acompanhou o processo SAAL em Portugal, a convite de Nuno Portas, este foi o que mais sobressaiu de entre as inúmeras referências que surgem no Capítulo I d' *Os sentidos do debate internacional*, no livro d' *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*, da autoria do Professor Doutor José António Bandeirinha.

Embora as premissas gerais de Turner relacionadas com a auto-construção sejam reconhecidas, consideramos exíguo o trabalho académico conhecido sobre as mesmas, e daí o

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

nosso interesse em admitir a pertinência da exposição da sua obra. O que levou um estudante de arquitectura londrino a abandonar a sua vida, em detrimento de quase uma década passada na América Latina a estudar as *barriadas* peruanas? Qual foi o seu real papel, enquanto arquitecto, na resolução do problema da habitação? Quais foram as conclusões a que chegou?

Até à primeira publicação de Turner na *Architectural Design* em 63, pouca tinha sido a visibilidade sobre a real situação da habitação nos países da América Latina. Charles Abrams é outro exemplo de alguém dedicou mais de dez anos da sua vida a estudar a habitação e as formas e condições que a podem caracterizar nos sítios mais inóspitos. As suas experiências, manifestas no seu livro *Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World*, visavam mais trazer às Nações Unidas, organização que lhe encomendou este trabalho de investigação, as várias soluções que o processo de *housing* pode adquirir. Turner, por sua vez, enfatiza mais a importância pessoal de esclarecer qual é o limite do papel do arquitecto em cenários onde os actores já provaram por numerosas soluções palpáveis, que são perfeitamente capazes de construir a sua própria casa.

Embora existam outros arquitectos que se tenham dedicado à prática e estudo intensivo deste campo, como Hassan Fathy, Carlos Nelson dos Santos e Yona Friedman, para enumerar alguns, nenhum ficou tão conhecido na tentativa deste equilíbrio entre experiência e estudo como John Turner, especialmente pelo destaque que foi adquirindo no seu papel de tentar fazer chegar as suas convicções às mais diversas áreas, particularmente à camada estudantil. Numa época em que pouco material se encontrava disponível sobre outros contextos urbanos e rurais, nomeadamente os do *Terceiro Mundo*, toda a teorização era aplaudida – e daí que a vasta experiência de Turner tenha tido um notável impacto sobre todos aqueles que acreditavam ser capazes de melhorar o contexto da habitação social. Não obstante, não acreditamos que a teorização deste tipo de problemática tenha evoluído muito desde esta altura, quer no desenvolvimento de novos pontos de vista quer na disponibilização dos mesmos – mas isto é uma questão que será mais tarde abordada.

O cruzamento dos temas da comunidade e habitação poderia levar-nos para discussões que incluem ainda a temática da privatização das casas, na distinção Marxista entre o que é pessoal e o que é público e a forma como o objectivo é auferido. No entanto esta será apenas vagamente mencionada, enquanto nos cingimos a uma *re-leitura crítica* dos escritos de Turner, particularmente às obras *Housing by People* (1976), *The Reeducation of a Professional* (1972) e a sua já mencionada publicação na revista *Architectural Design*, com o tema *Dwelling Resources in South America*, que inclui uma amostra do panorama dos casos práticos da América Latina e a sua respectiva explicação.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

John Turner defende de uma forma resoluta que o poder de construção e de escolha, incluindo o de fazer qualquer alteração numa habitação, deveria ser confiado aos membros da mesma. Num ambiente de sistemas hierárquicos, como os de hoje em dia, quanto maior é o grau de centralização, menos *economicamente viável* se torna – excepto em tempos de crise, quando o sistema hierárquico é essencial para a criação de recursos básicos. Com isto, menor é o poder cedido aos que se encontram na base da pirâmide – e a construção com características tradicionais existente nos sistemas de alojamento locais passa, ironicamente, a só ser passível de ser colocada em prática por aqueles que possuem altos rendimentos.

No primeiro capítulo iremos principiar com uma contextualização de algumas linhas de pensamento em que baseava o ensino e prática da arquitectura entre os anos 50 e 70 no âmbito europeu e americano, com um forte apoio na linha histórica dos CIAM. Com a renovada preocupação na relação entre indivíduo e comunidade, começaram a surgir novas propostas arquitectónicas, que contavam também com projecções utópicas de novas cidades, como a *New Babylon* e a *Ville Spatiale*. A crescente abordagem ao tema da arquitectura social é aqui exemplificada através de projectos de Alison e Peter Smithson e de Giancarlo de Carlo. Uma vez induzida a aproximação com o cenário em que se vivia, introduzimos William Morris, Peter Kropotkin e Patrick Geddes como aqueles que, a nosso ver, exerceram uma maior influência no pensamento intelectual de John Turner, e que justificam de alguma forma as suas tomadas de decisão. Concluímos com aquele que foi o ponto de viragem na vida de Turner, o encontro de 1952 em Veneza, e a subsequente ida para o Perú.

Conforme fomos aprofundando o campo das figuras que de alguma forma influenciaram Turner, apercebemo-nos das inúmeras interligações existentes. Desde Patrick Geddes e Thomas Huxley com o próprio Darwin, a William Morris, amigo próximo de Kropotkin, que republicou o artigo de Giancarlo de Carlo, que por sua vez foi um dos que juntamente com Pat Crooke e Colin Ward se encontrou com Turner em Veneza em 1952. Ou seja, o contexto em que Turner viveu, e as personalidades com que se cruzou, directa ou indirectamente, são tão ricos em informação, e com um enredo tão vasto que só a compreensão de como se interligaram entre si acarreta desde já uma intensa investigação.

As ideias defendidas por Turner enquanto estudante de arquitectura só passariam a ter espaço para serem colocadas em prática a partir de 1957, quando Eduardo Neira lhe estendeu um convite para que fosse trabalhar com ele para o Perú. Dessarte, durante oito anos, Turner participou em inúmeros projectos, nos quais foi instigando cada vez mais o princípio da auto-construção.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

O segundo capítulo apresenta uma breve exposição do contexto político e socioeconómico do Perú por ocasião da chegada de Turner, com a explosão demográfica e assustadora invasão das cidades por parte das camadas mais pobres, que na sua procura por melhores condições de vida criam autênticos acampamentos na orla destas, as *barriadas*. Para que se possa compreender em maior detalhe o porquê do fascínio de Turner por estas populações, é preciso ter em atenção os resultados que estas conseguiram alcançar sem qualquer tipo de meios para tal. Para isto, passámos a uma exposição cruzada de dados que Turner nos apresenta nos seus textos, expondo em pormenor alguns dos casos de estudo, experienciados por ele ou apenas relatados nos seus livros ou artigos.

Conforme apresentamos o tema dos mais variados *squatter settlements*, a influência dos sistemas centralizados torna-se evidente, especialmente sob o monopólio da pouca mão-de-obra especializada. Afinal qual é o papel do profissional, se não pode livremente exercer as suas aptidões? Por outro lado, até que ponto é *lógico* obrigar populações a mudarem-se para casas com determinadas tipologias, sob o pressuposto de que sabemos melhor do que as próprias o que mais precisam? É isto que pretendemos expor neste capítulo, aprofundando as diferentes relações com os habitantes, com a influência dos vários sectores e o peso da economia no processo de *housing*. Apesar de extenso, o material presente neste capítulo é necessário para uma considerável compreensão dos vários ângulos de estudo a que Turner se dedicou.

No terceiro e último capítulo são refutadas as premissas de John Turner nas soluções para o problema de *housing*. Para isto, achámos importante uma aproximação ao contexto político da Guerra Fria e da hegemonia dos Estados Unidos perante o Mundo, com uma forte incidência na América Central e do Sul. Posteriormente transpomos essas mesmas premissas para o caso prático do Processo SAAL, expondo um pouco do seu panorama aquando da chegada de Turner a Portugal. Este capítulo conclui com hipóteses de resposta às questões iniciais de quem decide e para providencia.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Capítulo 1

Preceitos da Arquitectura no Pós-Guerra

No rescaldo da Segunda Guerra, com uma Europa completamente arrasada, caos e pessimismo era o que predominava. Era sabido que dificilmente as coisas voltariam a ser as mesmas, especialmente no campo da Arquitectura - a mesma máquina que criou um fascínio e gerou desenvolvimento, dizimou milhões de pessoas e destruiu cidades inteiras, naquele que foi um início de um processo de autodestruição do próprio ser humano.

Com as pessoas mais críticas, cautelosas e pouco tolerantes, a palavra *novidade* deixou de ser vista como algo bom, e a *Máquina de Habitar* de Corbusier foi-se tornando algo utópico. Ao mesmo tempo, os CIAM começavam a debater-se para se manter no panorama internacional da arquitectura. *Can Our Cities Survive?*¹ foi uma tentativa destes de se conseguirem inserir no panorama americano. Publicado nos Estados Unidos um ano depois destes terem entrado na Segunda Guerra, expunha um contexto e materiais cuja necessidade de utilização já se tinha alterado. Mumford escreve a um amigo sobre o livro “Did I tell you that Sert, a very fine man, had in accordance with CIAM instructions written his whole book, *Can Our Cities Survive?*, without a single reference to the functions of government, group association or culture in the first draft? For these progressive architects the whole life of the city was contained in Housing, Recreation, Transportation, and Industry.” (2000:133)

¹ *Can our Cities Survive? An ABC of Urban Problems, Their Analyses, Their Solutions: Based on the Proposals of Formulated by CIAM*, de José Luis Sert.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner



1 | VIII CIAM, 1951. Fernando Távora ao centro, com Le Corbusier, Bottoni, Wogensky, Yoshizaka, Kange, Roth, entre outros.

Embora as premissas defendidas pelos CIAM tivessem vindo a ser aplicadas nas escolas de arquitectura e em gabinetes de planeamento, houve um declínio na sua prática. Declarações como a de Corbusier, em Julho de 1945, afirmando a arquitectura como uma religião e a obrigação dos arquitectos de satisfazerem um perfil idealista e independente, olvidando o contexto político², não foram bem aceites, asseverando uma necessidade de mudança. Esta começou a revelar-se, de uma forma gradual, na terceira fase dos encontros dos CIAM, entre 1947 e 1959, segundo a divisão temporal proposta por K. Frampton³. Isto proporcionou-se essencialmente pela presença de arquitectos de novas gerações, que trouxe a estas reuniões um carácter menos dogmático.

No primeiro encontro, em Bridgewater, abordou-se a relação entre arquitectura e indivíduo, tentando esclarecer as disparidades presentes no livro de Sert. Precipitada pelo início da Guerra Fria, analisaram-se também novas possibilidades de resposta à necessidade de uma arquitectura social de colectividade alternativa ao socialismo. A falta de capacidade de concordância, possível *consequência da guerra* e das divergentes necessidades dos diferentes continentes representados, levou Aldo van Eyck a questionar “Does C.I.A.M. intend to *guide* a rational and mechanistic conception of progress towards an improvement of human environment? Or does it intend to change this conception? Can there be any doubt as to the answer? A new civilization is being born. Its rhythm has already been detected, its outline partly traced. It is up to us to continue.” (apud Mumford, 2000:175)

Foi com o grupo inglês MARS⁴ que, passados quatro anos, no VIII CIAM se propôs o tema *core* da cidade, com o propósito de romper decisivamente com o modelo racionalista, e numa clara expressão de insatisfação com o lado funcionalista que se tinha vindo a assumir pela geração mais antiga dos CIAM (Le Corbusier, Rogers, Gropius). Com isto, passou-se a tentar incluir a cultura e a história nos projectos e foram feitos os primeiros esforços no sentido de discutir o espaço público.⁵ Embora tenha sido o primeiro encontro a acusar o fracasso da Carta de Atenas, também não conseguiu apresentar melhores resultados do que alguns textos soltos, provando que os arquitectos estavam tão preparados para o planeamento urbano como em 1930.

Mesmo com a influência maior de Sert e Rogers, que conseguiram de alguma forma transformar o tema dos encontros para algo mais voltado para o núcleo pedestre dos centros urbanos, após seis anos do final da Segunda Guerra Mundial, e apesar da atmosfera favorável à arquitectura moderna e ao seu urbanismo, os CIAM não foram capazes de recuperar o seu precedente papel *avant-garde* na Europa.

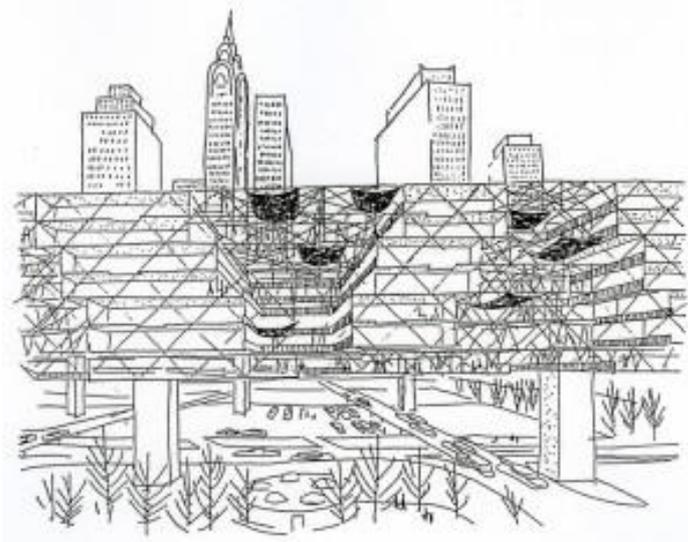
² Cf. Mumford, E. P. (2000). *CIAM and the Postwar World, 1939-1950*. p.159

³ Desta fase fizeram parte: VI CIAM, 1947, Bridgewater, Inglaterra; VII CIAM, 1949, Bérghamo; VIII CIAM, 1951, Hoddesdon, Inglaterra; IX CIAM, 1953, Aix-em-Provence; X CIAM, 1959, Dubrovnik;

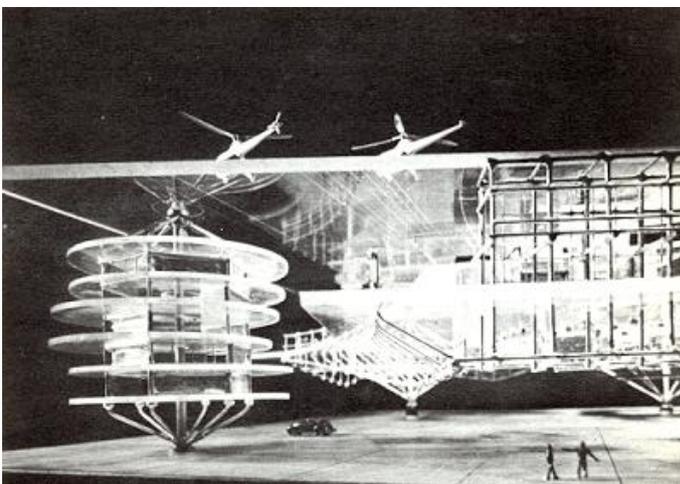
⁴ Modern Architectural Research

⁵ De acordo com Mumford, Kevin Lynch foi uma das pessoas empenhadas neste objectivo.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner



2 | Ville Spatiale de Yona Friedman



3 | New Babylon de Constant Nieuwenhuys

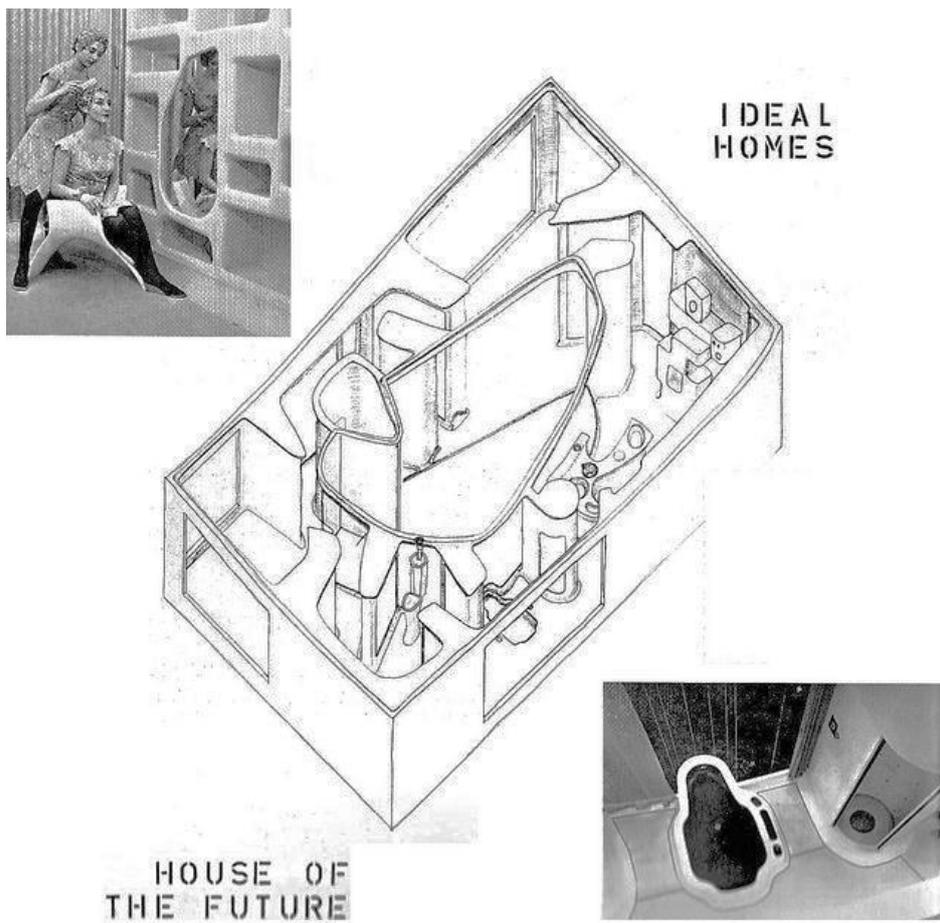
Apesar disso, o renovado esforço de trazer a humanidade, o tempo e o lugar para o espaço urbano permaneceu em cima das mesas de discussão, e a arquitectura moderna passou assim a ser defendida por poucos e criticada pelas populações das cidades, investigadores e imprensa em geral. Gradualmente, esta preocupação pelas ciências sociais, sociologia, antropologia, psicologia levou a que se repensassem as origens etimológicas, conduzindo a um caminho de aproximação à tradição e ao vernáculo. Por este motivo, surgiu uma nova fase de experimentação no campo da arquitectura, e entre as décadas de 50 e 70 foram exibidas variadas propostas, inclusive da criação de novas cidades, relacionando sempre as restauradas interpretações da relação entre o indivíduo com a comunidade e o meio ambiente.

Exemplo disso é o trabalho de Yona Friedman, a *Ville Spatiale*. Apresentada ainda no último CIAM, em 1959, surge como resposta aos problemas da urbanização resultantes do aumento da população mundial. Representava o ideal de uma cidade elevada, com a combinação de princípios de flexibilidade, tanto na habitação como no espaço da mesma, que seria habitada pelo protótipo de um indivíduo auto-suficiente numa sociedade moderna. Friedman demonstrava assim um esforço para enquadrar o papel do Estado e do capitalismo face ao urbanismo, conjugando a liberdade dos arquitectos com o respeito pelo meio natural.

Por outro lado, entre 1954 e 1969, Constant Nieuwenhuys⁶ trabalhou na sua visão interpretativa da cidade utópica apresentada no livro “Homo Ludens”, do holandês Johan Huizinga. *New Babylon* prevê um futuro que Constant acredita ser praticável, onde a mecanização e a automatização iriam permitir a libertação do Homem do trabalho. Assim, os seus habitantes poderiam ser livres para seguir os seus impulsos criativos, ao mesmo tempo que desenvolveriam uma ligação com o espaço público à sua passagem, sem necessidade de estarem presos a um só local. Nesta cidade anti-capitalista, o indivíduo seria capaz de, pela primeira vez na História, dispor da sua vida em pleno, na sua forma mais compensadora de estar num incessante processo de criar e recriar.

Em 1956, com o design da casa do futuro de Alison e Peter Smithson, no âmbito do concurso *Daily Mail Home Exhibitions* em Londres, surgiu uma proposta que permitiria a inclusão da comunidade através da habitação, de uma forma algo contraditória. Este projecto futurista, inspirado na produção em série do sector automóvel americano que tanto os fascinava, foi desenvolvido através de uma estrutura única em plástico que poderia permitir a sua fácil repetição. Numa antevisão do que seria o estilo de vida na década de 1980, esta casa foi desenhada para um casal sem filhos, num contexto urbano de alta densidade. O espaço de partilha com a cidade estaria representado pelo jardim interior que, tal como nas casas de

⁶ Constant foi co-fundador do grupo experimental CoBrA no final dos anos 40, e membro fundador da Internacional Situacionista em 1957.



Pompeia, acolhia o centro da vida da casa. Sem divisões fixas, os espaços manipulavam-se através da conjugação de paredes deslizantes e armários de dupla função com formas orgânicas, configurando fluidez ao espaço. Os aparelhos de última geração, tal como aquecimento central, ar condicionado, televisão a cores, máquina de lavar, entre outros, estariam já integrados nas paredes. Sem janelas para o seu exterior, o conceito de comunidade desenvolver-se-ia através da junção de várias unidades.

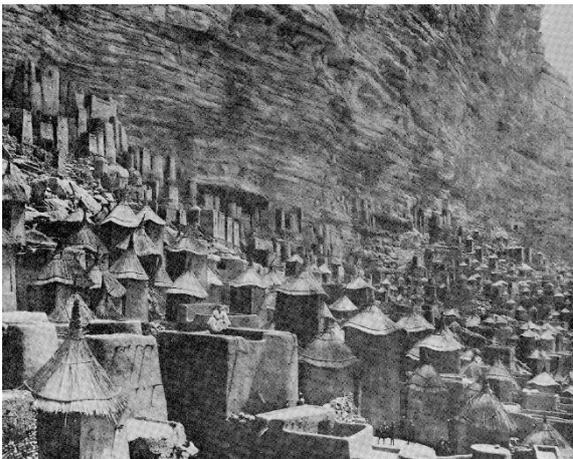
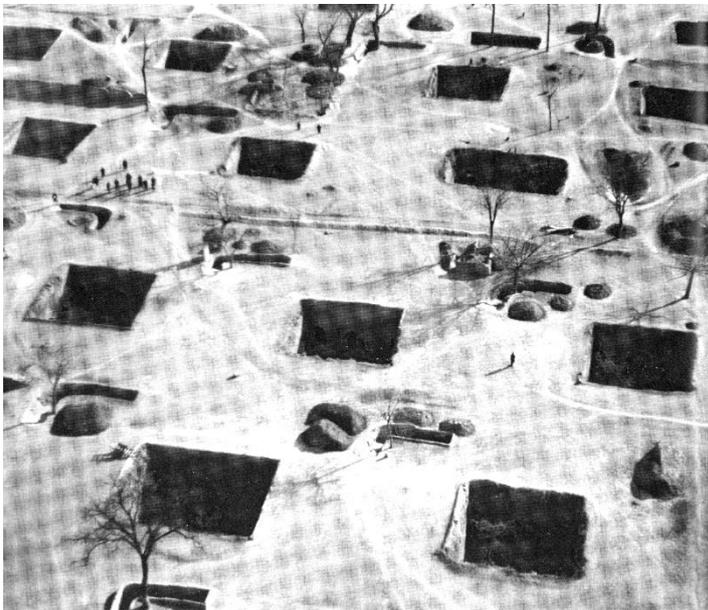
Em contraste com a anterior, uma das primeiras tentativas para realmente chamar a atenção das virtudes de uma arquitectura vernacular aconteceu ainda no início da década, em 1951, na IX Trienal de Milão, com a exposição *Spontaneous Architecture* organizada por Giancarlo de Carlo. Este, que sempre fora considerado uma pessoa extremamente individualista, bastante racional na justificação das suas escolhas e defensor de premissas consideradas anarquistas, entrou para os CIAM em 1936, grupo ao qual foi introduzido pelo seu mentor Ernest Rogers e onde rapidamente cresceu, chegando ao seu Conselho em 1946.

A sua escolha em se dedicar ao estudo paralelo de textos de Le Corbusier, Frank Lloyd Wright, William Morris e sobre a arquitectura vernacular mostram a sua não resignação na procura do seu próprio caminho dentro do vasto campo da arquitectura. O seu interesse acrescido por Patrick Geddes, botânico e urbanista anarquista escocês, influenciou de Carlo a olhar a arquitectura como parte de um todo, não como algo capaz de mudar a sociedade, mas que poderá sugerir mudanças, atribuir-lhes tempos e espaços físicos.⁷ Assim, tornou-se numa das principais vozes italianas no planeamento, tanto da região como da cidade.

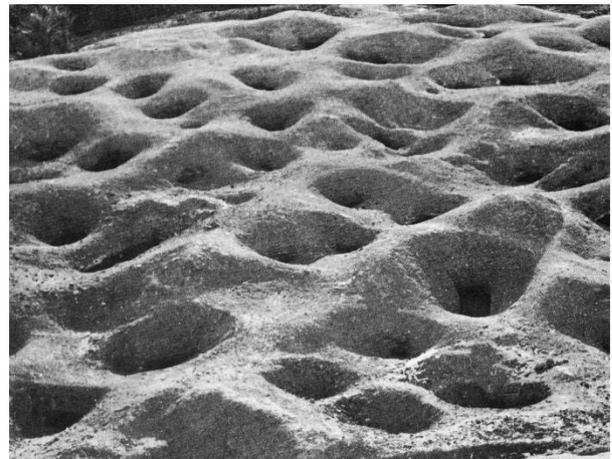
No panorama do pós-guerra, a cultura arquitectónica em Itália subdividiu-se em duas vertentes: a de Milão, ligada a Ernest Rogers e aos CIAM, e a de Roma, ligada a Bruno Zevi, com fortes influências da América de Wright. De Carlo não só estava em contacto com as duas partes, como ainda se relacionava com a sociedade de Bocca di Magra⁸, era professor na controversa escola de Veneza (onde se cruzavam as duas influências) e foi ainda um dos fundadores do Team X. Esta sua plasticidade deu-lhe alicerces para se tornar num extremo crítico de todo o simbolismo criado à volta da arquitectura, exacerbado de tal forma que acabou por ser descurada toda e qualquer iniciativa de análise e discussão sobre *ela*. De Carlo não aceita que, com o crescimento da classe média, os arquitetos se tenham rendido aos interesses dos mais poderosos, sem qualquer tipo de princípios, e que *porquê* tenha sido tão abjectamente substituído pelo *como*. “We must do everything in our power to avoid using form to disguise reality. This is something that happens all the time and it makes me furious. [...] That is a crying shame. If there are conflicts, it is our task to expose them.” (apud Bouman, van

⁷ Tuscano, C. (2003). *Giancarlo de Carlo and the Italian context of Team 10*. p.228. Giancarlo de Carlo and the postwar modernist Italian architectural culture: role, originality and networking.

⁸ Sociedade criada em 1950, com o nome *Amici di Bocca di Magra*. Grupo de intelectuais, escritores e artistas, ao qual pertenciam nomes como Italo Calvino e Vittorio Sereni, Giovanni Pintori, Giulio Einaudi, Marguerite Duras, Franco Fortini, Albe Steiner, que se foram encontrando por muitos verões no mesmo local, *Bocca di Magra*.



5 | Habitações subterrâneas, Tungkwán
6 | *Dogons*, Bandiagara



7 | Grutas no Oásis de Siwa, Egípto

Toorn: 1994:389). Este foi um dos motivos que o levou, assim como a outros, a terminar com os CIAM e fundar o Team X, do qual era o único membro italiano.

A partir de meados da década de 60 e durante a de 70, o crescimento exponencial da população dos países de Terceiro Mundo e o desmesurável aumento da pobreza levou a que se questionassem também as premissas que guiavam o Mundo Ocidental.

Em 1964 era apresentada no MOMA a exposição *Architecture without Architects* de Bernard Rudofsky. Apoiada por arquitectos como Gropius, Sert e Neutra, esta arquitectura *non-pedigreed* é caracterizada por ser vernacular, indígena, rural mas principalmente anónima. Produzida pela necessidade espontânea e contínua dos mais diversos grupos de terem uma habitação, muitas vezes em lugares inóspitos, ao invés de querer conquistar a Natureza, dá as boas-vindas às diferenças climáticas e ao desafio que a topografia apresenta, sem a obrigatória presença de um técnico especializado.

Por a não compreendermos, por ser *estranha* a uma cultura ocidental, a nossa atitude revela-se constantemente condescendente. Esta exposição surgiu e teve a sua importância não porque Rudofsky acredite que a arquitectura não precisa realmente de arquitectos, mas por apresentar alternativas à típica concepção de uma habitação composta por paredes, chão e tecto, através de uma pequena amostra de imagens que de outra forma não seriam facilmente acessíveis ao mundo ocidental.

“[...] philosophy and know-how of the anonymous builders presents the largest untapped source of architectural inspiration of industrial man.” (Rudofsky, 1964:5)

Bruno Zevi (1974:238) entende que na consciência inquieta do arquitecto se formam inumeráveis interrogações que exigem respostas científicas. Que não se trata de voltar a posições românticas, fundadas numa mística fascinação exercida por um passado lendário, mas, pelo contrário, de converter em sistemático o diálogo entre arte e crítica – e que este exige esforço e coragem, uma nova leitura da pré-história e da história para que se possa escrever e falar a linguagem moderna da arquitectura.

A maturação do pensamento dos arquitectos ligados de alguma forma aos desvincular da arquitectura moderna começou a ser realmente visível nas propostas apresentadas como refutação aos problemas da arquitectura social no contexto europeu dos anos 70. Para o explicar, continuaremos com os exemplos de Alison e Peter Smithson e Giancarlo de Carlo, em Inglaterra e Itália respectivamente. Os projectos destes, embora tenham apresentado consequências semelhantes, conforme foram sendo confrontados com novos obstáculos,

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner



8 e 9 | Robin Hood Gardens

impeliram os seus autores a colocar perguntas e a avançar com respostas, ambas necessárias para mais tarde complementarmos a compreensão do contexto no qual Turner foi desenvolvendo as suas preocupações particulares relativas à arquitectura.

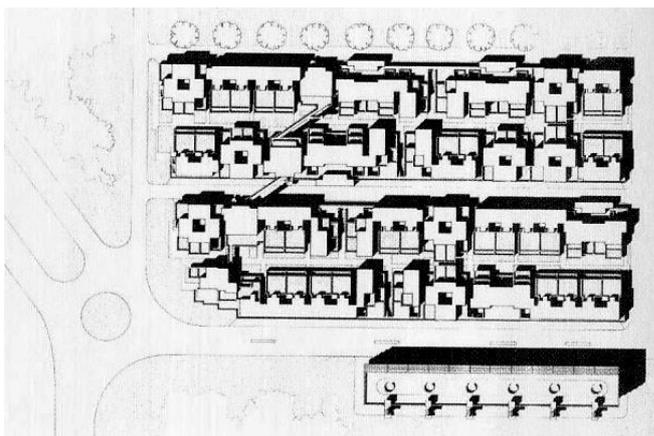
Destarte, Alison e Peter Smithson, seguidores do *New Brutalism* de Corbusier⁹, tiveram a primeira oportunidade de pôr em prática a sua teoria acerca de *housing* no projecto do seu famoso complexo *Robin Hood Garden*. Visando a escala urbana, acreditavam num edifício sustentável, que corroborasse com o lema *smell, feel and experience*. Com navios no Thames por um lado e ruas de trânsito por outro, projectaram dois blocos, com uma *stress free zone* entre eles, acessível apenas pelas janelas do quarto e cozinha, as divisões mais protegidas. No entanto, a sua construção deu-se numa época de muitos fluxos, e a alteração na sua envolvente não foi excepção a esta corrente. Por isto, e dois anos antes da conclusão da sua construção em 1972, a área já manifestava diversos problemas relacionados essencialmente com o vandalismo.

Por esta altura, Londres defrontava-se com um ambiente do *will do make do*, sem quaisquer tipo de padrões nem nada que fosse digno de comparação. Alison afirmava que se continuava a pedir a arquitectos que projectassem, que construíssem casas novas, mas que, no meio de tanto vandalismo, a hora de repensar o modo de actuar já se apresentava. Ao invés de pedir aos moradores que vivam de uma forma que não pretendiam ou para a qual não estariam preparados, a resolução poderia passar apenas pela reparação de um telhado (!), por exemplo. De qualquer das formas, era óbvia a necessidade de alterar as regras do alojamento para se conseguir combater a elevada percentagem de vandalismo nas áreas públicas, e a iniciativa de conversar sobre isso era *dever* dos arquitectos. “The makers need to get ahead of the destroyers [...] giving the tenants full responsibility for keeping the house and the outside the doorstep in grounds to land on the next generations.” (Alison, 1970)

Como segundo exemplo, nos anos 70, Giancarlo de Carlo foi o responsável pelo projecto Viallagio Matteotti, nos subúrbios do distrito de Terni. Partindo de um complexo que já havia sido iniciado em 1934, incompleto com o começo da Segunda Guerra, de Carlo não seguiu os preceitos modernistas no que diz respeito à compreensão do espaço, por entender que estes não tinham sido estipulados a pensar no bem-estar dos futuros habitantes. Ao invés, pretendia que estes tivessem a oportunidade de se envolver no seu projecto, para que pudessem optar pela habitação que ambicionavam – o papel do arquitecto seria assim o de responsável pela ligação entre a arquitectura e o futuro residente.

O projecto seguia uma organização hierárquica de espaços privados, semi-privados e públicos; as ruas circundantes encontravam-se próximas do perímetro exterior, e as caixas de

⁹ Nome dado pelos mesmos ao estilo de Corbusier a partir da década de 30.



10, 11 e 12 | Villaggio Matteotti.

escada eram utilizadas como ligação entre os vários circuitos que se encontravam muitas vezes elevados, interligando os vários blocos. Os espaços semi-privados seriam apenas os pavimentos que comunicavam com os apartamentos dos vários pisos.

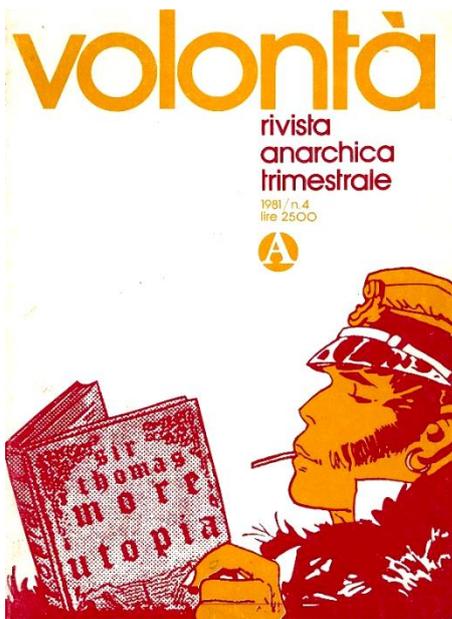
Hermann Schilimme, historiador, defende que, embora o preceito do projecto fosse bom, a realidade é que os habitantes foram chamados a participar apenas no interior de cada apartamento. De Carlo não queria que nada que pertencesse ao âmbito público ou semi-público fosse alterado, e foi isso mesmo que escreveu nas regras do condomínio, sob o pretexto de que a linguagem base do seu projecto se poderia alterar. Schilimme adianta ainda que de Carlo deveria ter trabalhado mais nos espaços comuns em todo o complexo, que não existiam de todo, e que o processo de participação, para poder ser assim denominado, deveria estar incluído em todas as fases da sua concepção.¹⁰ Independentemente de não ter tido a abordagem participativa que seria de esperar, não deixa de ter o seu valor por ter sido o primeiro projecto do género em Itália.

Giancarlo de Carlo vai começar a ganhar importância na vida de John Turner através da revista anarquista *Volontà*¹¹, onde publicou em 1948 um artigo no qual admitia o problema de *housing* como a raiz do problema da sociedade contemporânea. Acreditava que estava nas mãos de cada indivíduo da classe baixa o poder da sua resolução, sem ser necessária a ajuda nem de alguma organização nem do próprio Estado. Defendia que uma casa não podia ser vista apenas como quatro paredes, tinha que ser interpretada no seu todo, no contexto do seu ambiente externo. Neste também devia estar englobado a escola, os serviços médicos, os espaços verdes, de lazer e cultura - comodidades, o espaço de trabalho, produção e troca, e tudo o que possa fazer parte do básico para que daí possa resultar alguma vida económica. Uma casa estende-se para a sua comunidade e, assim, é o reflexo desta.¹²

¹⁰ Ventura, V. d. (s.d.). *Villaggio Matteotti, Giancarlo De Carlo*.

¹¹ A revista *Volontà*, fundada em 1946, tratava de temas sociais diversos, e até ao seu fim, em 1996, sempre manteve um carácter inovador e constantemente ligado ao anarquismo.

¹² Carlo, G. d. (1948). *Rebuilding Community*. p.99



13 | Capa da revista anarquista Volontà
14 | Capa do jornal anarquista Freedom

1.1.Percursos

Foi na Architectural Association, Londres, em 1954, que John Turner concluiu os seus estudos, com personalidades como Peter Smithson no quadro de professores. Foi nesta escola, conhecida por ser extremamente audaz, ligada à experimentação e que ignorava muitas vezes a história e a tradição das boas maneiras inglesas, e através das amizades que ali travou, que Turner ousou pensar *outside the box*.

Um ano depois de ter entrado, Turner, com apenas 17 anos, foi chamado para cumprir serviço militar. Durante este tempo teve acesso ao jornal anarquista *Freedom*, e foi a partir de textos de Peter Kropotkin, Herbert Read e Eric Gill que se começou a interessar pelas bases deste movimento.¹³

As influências intelectuais de Turner traduziram-se nas suas ideias sobre arquitectura de emergência que apresenta no jornal da universidade *Plan no.6* "(...) this new architect must learn to study *the relationship between man and environment – a study of a living process rather than a static form* and as an *artist-technician* he must synthesize this knowledge into building (...)". (Turner apud Gyger, 2013:82)

Assim, e depois de termos apresentado um quadro do panorama geral vivido entre os anos 50 e 70, com exemplos específicos de alguns contextos dentro da Europa, é peremptório passarmos para a apresentação daqueles que acreditamos que tiveram uma influência pessoal sob Turner. Estes, essencialmente através dos seus escritos, ofereceram-lhe bases que permitiram o desenvolvimento da sua própria percepção da realidade, impelindo-o a avançar para a prática das suas premissas. Sem intenção de elaborar quaisquer fichas biográficas, em cada um dos casos focamo-nos essencialmente nas reflexões que coadjuvam essa compreensão.

¹³ Cf. Gyger, H. E. (2013) *The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954–1986*. p.77



1.1.1. William Morris

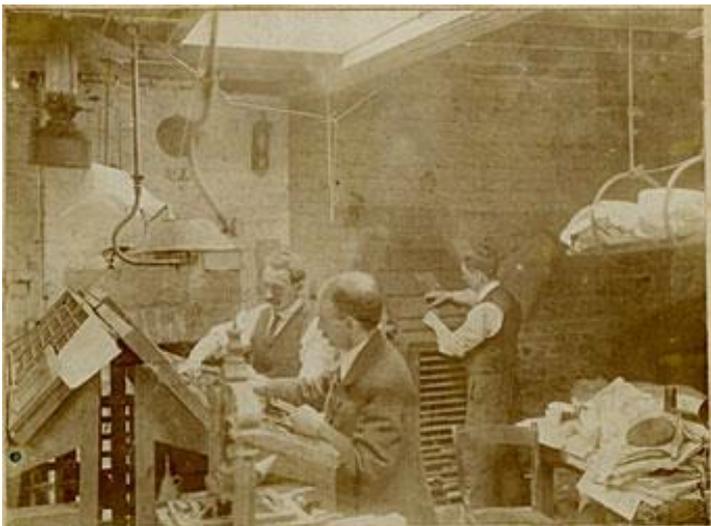
William Morris, grande responsável pelo movimento de *Arts and Crafts* do final do século XIX, princípio do século XX, foi assumidamente uma forte influência para John Turner. Foi sem dúvida através dos seus ensinamentos que este se começou a aperceber da importância que o controlo deste tipo de trabalho tem numa produção a nível local.¹⁴

Morris desenvolveu uma forte ligação com a crescente onda britânica ligada ao medievalismo, rejeitando publicamente o capitalismo socialista victoriano e, influenciado pelo Marxismo e anarquismo, a partir de 1880 tornou-se um verdadeiro revolucionário activista socialista. Defendia que, quando se fala da liberdade do Homem enquanto indivíduo, nos esquecemos demasiadas vezes que este é um animal muito complexo, que tem na sua base a intuição, cujas reacções variam de acordo com humores e impulsos. São estas variações que tentamos ocultar do exterior, e é aqui que se integra a parte participativa da *consciência social* e sem a qual nenhuma sociedade poderá realmente existir – esta consegue transformar a vergonha naquilo que algumas vezes chamamos de hipocrisia. É com esta consciência que Morris apela, assim, a uma compreensão pública como preceito para as nossas acções, para que se torne mínima a necessidade de fazer uso do exercício da autoridade. (Morris, 1889)

Morris vê cada trabalho de arquitectura como um trabalho de cooperação. E cada projectista, por muito imaginativo que seja, acaba sempre por ter que pagar à sociedade com o peso da tradição. Além disto, e regra geral, por muito que um indivíduo queira, não consegue dar andamento à construção sem que outros o ajudem, sendo que muitos desses dependem dessa hipótese de poder trabalhar para outrem para a sua própria sobrevivência.

Esperar que estes homens trabalhem com entusiasmo quando durante gerações estiveram sob a alta pressão das circunstâncias é nada se não absurdo. Esperar consciência do Belo de homens que durante mais de dez gerações não tiveram a liberdade de a produzir ainda mais absurdo se torna. Portanto esta dita cooperação torna-se imprescindível para que se consigam alcançar os melhores resultados aos mais diferentes níveis, quer estejamos a falar de classes sociais quer de cuidado nos pormenores. Com isto não nos podemos esquecer que o tipo e qualidade do trabalho de cada artífice é sempre influenciado pelas suas condições de vida e pela idade e conseqüente geração a que pertence. (Morris, 1884)

¹⁴ Isto deu-se pela estreita relação de proximidade que existia entre as duas famílias - a filha mais velha de Morris, May Morris, foi madrinha da mãe de Turner – e isto só deu azo a que este último, desde pequeno, tenha tido sempre grande contacto com o mundo do trabalho artesanal.



WHO ARE THE ANARCHISTS ?
WHAT DO THEY WANT ?

OR

LECTURE

Will be delivered in the
CO-OPERATIVE HALL, HIGH STREET
ON
MONDAY NEXT, FEBRUARY 5,
AT 8 P.M. BY

Prince Kropotkin

(One of the most eminent living Scientists,
Whose sensational escape from the Russian fortress-prison
of St. Peter and St. Paul, when condemned to exile to
Siberia, excited such general interest.)

SUBJECT—
"WHAT ANARCHISM IS."

Anarchist Journals and Pamphlets on sale at the meeting.

ADMISSION FREE. DISCUSSION INVITED.

T. & J. Bauldon, Printers, 27, Abchurch Lane (opposite Magazine Hall).

STRATFORD
Dialectical & Radical Club,
And Branch of the **MUNICIPAL REFORM LEAGUE,**
"TELEGRAPH," LEYTON ROAD, STRATFORD.

FREE LECTURES
ON THE SUNDAY EVENINGS IN MAY & JUNE.

May 7th Mr. William Bruce, S.P.E.L.
"Joseph Mazzini."

May 14th. Mr. C. A. Vansittart Conybeare, B.A., S.P.E.L.
"Percy Bysshe Shelley, the Poet of Democracy."

May 21st Mr. Thomas Nugent.
"The Lunacy Laws."

May 28th Mr. Herbert Burrows, S.P.E.L.
"What will a real House of Commons do for the People?"

June 4th Prince Kropotkin (see other bills).

June 11th Mr. E. Robert Pearce, S.P.E.L.
"India, Yesterday and To-day."

June 18th. Mr. George Standing, Editor of the "Republican."
"How is the Welfare of the People to be promoted?"

June 25th Mr. Edwin Dunn, S.P.E.L.
"Wealth and Capital."

Discussion invited. Chair taken at 7.45.

Lectures on Tuesday Evenings at 8.30 on Mile End Waste,
opposite "Dublin Castle."

WEDNESDAY EVENING CLASSES—FREE.

8. Electricity: by Mr. Tom Sumner Lemon.
9. Theoretical Mechanics for Beginners: by Mr. Tom Sumner Lemon.

TOM S. LEMON, President. AMBROSE S. BARKER, Secretary.

W. STRAKER Printer, Ledgate Hill, E.C.

- 16 | Escritório do Jornal Freecom, s.d.
- 17 | Palestra sobre anarquismo por Peter Kropotkin
- 18 | Palestra dada por Kropotkin, Maio de 1882. Patriotic Club, Clerkenwell Green, hoje Biblioteca Memorial Karl Marx.

De Carlo, partindo de um elogio à dedicação de Morris à valorização dos *hands and crafts*, refere-se à arquitetura como uma missão - “Morris, ensinando que a arquitetura não pode dissociar-se das condições sociais e morais da época à qual pertence, restitui ao arquiteto a consciência da sua missão entre os homens. Com o seu trabalho e com o seu exemplo de vida mostrou como era necessário para quem queria construir para o homem, estar próximo do homem, participar dos seus problemas e das suas aventuras, lutar ao seu lado para a satisfação das suas necessidades morais e materiais.” (Apud Mayumi, 2005:4)

1.1.2. Peter Kropotkin

Kropotkin tem uma ligação com Turner primeiramente por ter sido amigo próximo de William Morris, depois pela forte influência que exerceu na vida e obra de Patrick Geddes - de quem iremos falar mais à frente – e do seu *protégé* Lewis Mumford, mas fundamentalmente por ter sido um dos voluntários que, em 1886, criou *Freedom*, jornal que Turner começou a seguir ainda enquanto estudante.

O Príncipe Peter Kropotkin foi um importante geógrafo russo e uma das maiores influências do comunismo anarquista. Defendendo a abolição do Estado, do capitalismo, do trabalho assalariado e da propriedade privada, vê o anarquismo como a primeira tendência social “[...] of the creative, constitutive power of the people themselves who aimed at developing institutions of common law in order to protect themselves from the *power-seeking minority*.” (apud Morris, 2008:7)

Acredita numa sociedade em que as relações interpessoais não são regulamentadas por lei, nem qualquer tipo de autoridade, mas através de acordos mútuos entre cada membro constituinte da mesma, criando espaço para que o indivíduo *se possa experimentar*, sem que se sinta limitado pela rotina ou superstição, no constante reajustamento de uma vida estimulada pelo progresso da ciência e da invenção. Por outro lado, Kropotkin é o primeiro a admitir que a sociedade expressa nestas premissas nunca existiu. Reconhece que o ser humano é tanto intrinsecamente egoísta como social ao mesmo tempo, mas um social *mutável*, que se encontra em constante evolução tal como na natureza.

“[...] free play for the individual, for the full development of his individual gifts – *for his individualization*”. (Kropotkin apud Morris, 2008:9)

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Estas premissas encontram-se expressas numa das suas contribuições para a ciência, o livro *Mutual Aid*¹⁵, que destaca a importância da cooperação e simbiose no processo evolutivo¹⁶, tanto do animal como do Homem. Kropotkin promove uma rede horizontal de associações voluntárias e conselhos operários, e uma produção e consumo sob a máxima “de cada qual, segundo a sua capacidade; a cada qual segundo as suas necessidades”. Por isto, acreditava na visão de pequenas comunidades que, estabelecendo os seus próprios *standards* partindo de um consenso do que seria melhor, eliminariam qualquer necessidade que pudesse advir das principais funções de um governo centralizado.¹⁷

Neste livro, nos capítulos 5 a 8, explora a sua visão da evolução das cidades desde os primórdios até ao final do século XIX, focando-se muito na entreaajuda que existia no período medieval, insistindo que esta outrora força vital da vida e indústria medievais desapareceu há muito pelo peso devastador de um Estado centralizado.

“In short, neither the crushing powers of the centralized State nor the teachings of mutual hatred and pitiless struggle which came, adorned with the attributes of science, from obliging philosophers and sociologists, could weed out the feeling of human solidarity, deeply lodged in men’s understanding and heart, because it has been nurtured by all our preceding evolution. What was the outcome of evolution since its earliest stages cannot be overpowered by one of the aspects of that same evolution. And the need of mutual aid and support which had lately taken refuge in the narrow circle of the family, or the slum neighbours, in the village, or the secret union of workers, re-asserts itself again, even in our modern society, and claims its rights to be, as it always has been, the chief leader towards further progress.” (Kropotkin, 1902)

1.1.3. Patrick Geddes

Patrick Geddes, sociólogo urbano e botânico, visto por muitos como o pai do planeamento urbano inglês, dedicou mais de trinta anos da sua vida ao estudo das formas e evolução das cidades.¹⁸ Foi provavelmente a influência mais forte de John Turner.

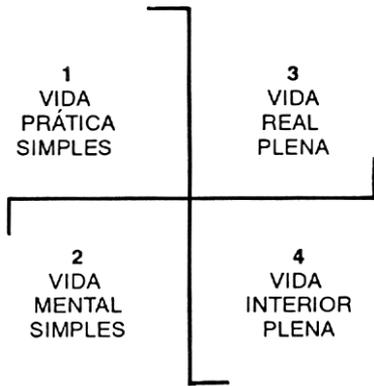
Cerca de quinze anos depois da publicação de “A Origem das Espécies”, Geddes entregou-se ao estudo de novas teorias sobre a biologia, fisiologia e evolução. *Protégé* de Thomas Huxley, passou cerca de cinco anos em Londres, em permanente contacto com o próprio Darwin. Afastando-se da teoria da selecção natural, interpreta a evolução como algo

¹⁵ *Mutual Aid* apareceu como resposta ao artigo de Huxley *The Struggle for Existence in Human Society*.

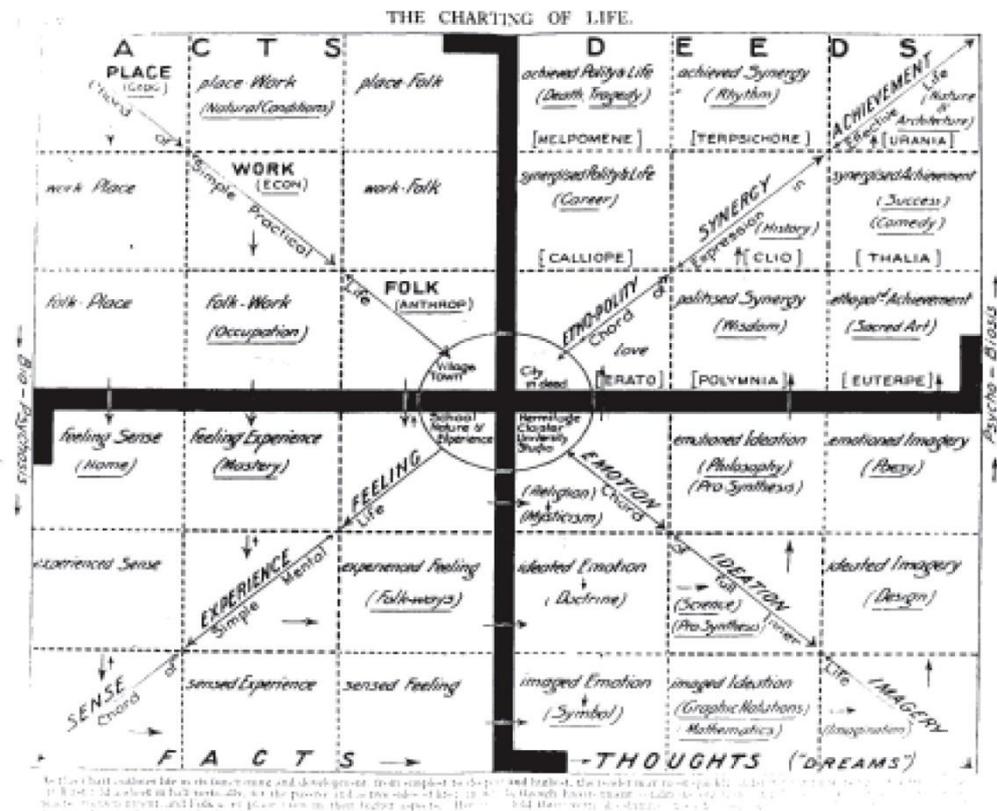
¹⁶ Morris, B. (2008). *Basic Kropotkin. Kropotkin and the History of Anarchism*. p.6

¹⁷ Gould, S. J. (1997). *Kropotkin Was No Crackpot*. p.5

¹⁸ Geddes, P. (1994). *Cidades em Evolução*. p.32



19 | Forma de interpretação do diagrama



primário, que deriva directamente do organismo em si, e não de um agente externo, admitindo a importância da cooperação face à competição.

Defensor de que nunca se consegue planear uma cidade pormenorizadamente e no seu todo, acredita que é necessário partir de um levantamento, tanto do seu passado como do seu presente, para que se consiga um planeamento justo do seu futuro. Este deveria começar com uma análise do local, pela recolha de mapas, planos, modelos, estatísticas, desenvolvimento histórico, comunicações, indústria e comércio, condições urbanas e necessidades, *et cetera*, abordando um estudo da cidade até à sua região agrária mais abrangente, e só depois avançar para um Esquema de Planeamento Urbano.

E se com a aprendizagem e a profissionalização maior é a tendência de afastamento da grande massa dos cidadãos¹⁹, qual a melhor maneira de conseguir estes dados do que partir dos departamentos educacionais para trabalhar nalguns destes campos a partir de um âmbito escolar? Ou de um nível universitário, procurar o conhecimento de uma forma prática, e contacto directo? Geddes dá-lhe o nome de *experiência peripatética - que se ensina passeando*.²⁰

Hand, heart and head, era este o seu lema de como deveria ser a aprendizagem. Mais do que a partir da leitura de livros, a aprendizagem deveria ser prática, com o elo que surge entre as emoções e o contacto físico. Por isso, o esforço nas suas diversas investigações foi sempre o de encontrar um princípio base que permitisse a interligação entre todas as disciplinas.²¹

Patrick Geddes teve tão forte influência em Turner que, em 1948, nos seus primeiros anos enquanto estudante de arquitectura, participou na re-edição do livro *Cidades em Evolução*, em conjunto com W. P. Keating Clay, mais concretamente na redacção da segunda parte do Apêndice 1, no qual clarifica alguns dos célebres esquemas de Geddes.

Neste livro, Patrick Geddes contribuiu também para o desenvolvimento do diagrama de Le Play²². Aproveitando as premissas deste para uma sociedade funcional – *Place, Work, Family*, substituiu a última por *Folk*, e acrescenta os quadrantes *Facts, Thoughts e Deeds*. É com base nessas que desenvolve o seu próprio diagrama *The Notations of Life*, através da espiral céltica, onde representa a sua percepção da vida como uma das nove combinações das três categorias analíticas acima referidas. A sua leitura deveria ser feita como apresentado na figura 19.

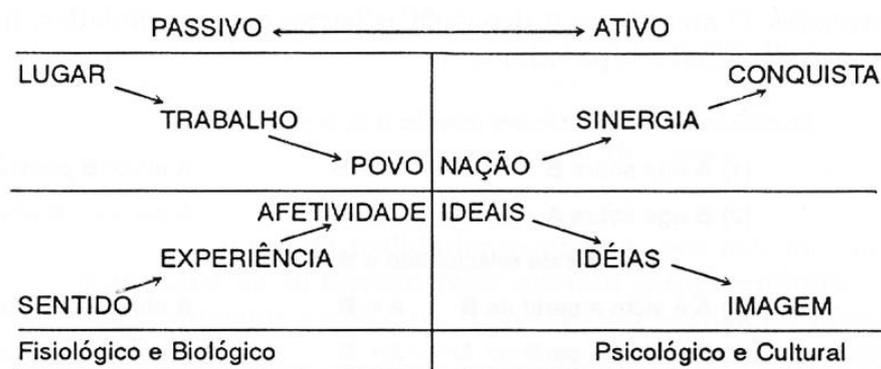
Ao contrário de muitos que vieram depois dele, Geddes nunca tentou adaptar os seus diagramas a um ambiente urbano, insistindo sempre na importância das estruturas ecológica,

¹⁹ Geddes, P. (1994). *Cidades em Evolução*. p.149

²⁰ *Ib.*, p.157

²¹ *Ib.*, p.241

²² Frederic Le Play, economista francês do século XIX, acreditava na instituição família como meio de apoio do indivíduo e consequentemente da sociedade.



económica, social e psicológica para um planeamento apropriado²³, realçando sempre que estes deveriam servir sempre e apenas como um instrumento de expressão e nunca como uma regra.²⁴ (Fig. 20)

Foi com o livro *The Culture of the Cities* de Lewis Mumford que Turner teve o seu primeiro contacto com Patrick Geddes²⁵. A investigação sobre o seu trabalho foi de tal modo relevante que conseguiu que este duvidasse do valor da sua aprendizagem, e que mais tarde o guiasse no seu longo processo de *deschooling* e reeducação²⁶, direccionando-o mais para a relação do homem com o seu meio-ambiente.

1.1.4. Veneza e Eduardo Neira

Através do já referido artigo de Giancarlo de Carlo, re-publicado no jornal anarquista inglês *Freedom*, Turner foi criando uma crescente empatia pelo que este escrevia. Este artigo teve a sua tradução para inglês por Colin Ward que mais tarde, além de passar a fazer parte do grupo próximo de John Turner, seria também o responsável pelo prefácio do livro *Housing by People*, publicado por este último, em 1976.

A oportunidade para uma reunião surgiu em Veneza. Turner, Crooke²⁷, Ward e de Carlo tiveram pela primeira vez a oportunidade de discutir as suas ideias, em constantes tentativas de apresentar respostas às perguntas de *quem decide e quem providencia*. Com este grupo, Turner encontrou empatia pelos seus ideais, de uma arquitectura que não poderia ser considerada uma variável independente, ao contrário do que fora defendido pelos CIAM e por Corbusier.

Além deste, Eduardo Neira, peruano, arquitecto e urbanista pela Universidade de Liverpool, tornou-se próximo de John Turner através da grande referência comum que foi Patrick Geddes²⁸ - tendo este primeiro traduzido, inclusive, todo o Appendix para os seus alunos na universidade de Lima, para grande espanto de Turner.²⁹ Pelas conversas, este compreendeu que Neira via a acção popular da mesma maneira que William Morris - como um

²³ Cuthbert, A. R. (2006). *The Form of Cities: Political Economy and Urban Design*. p.208

²⁴ Geddes, P. (1994). *Cidades em Evolução*. p.241

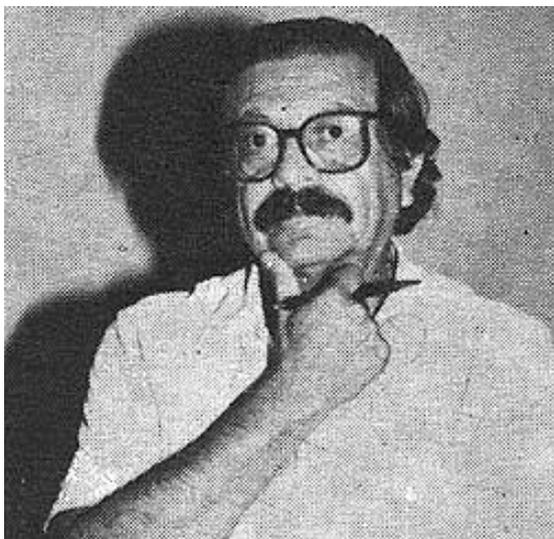
²⁵ Patrick Geddes foi professor de Lewis Mumford.

²⁶ Turner, J. F. (1972). *The Reeducation of a Professional*. p.123

²⁷ Patrick Cooke. Também foi estudante na Architectural Association, Londres.

²⁸ Cf. Turner, J. F. op. cit., loc. cit.

²⁹ Cf. (2000) *Interview of John F. C. Turner*. p.2



apoio genuíno da acção social ligada à comunidade. Esta amizade, travada em Veneza em 1952, pela altura da escola de verão dos CIAM³⁰ levou Eduardo Neira a convidar John Turner para ir trabalhar para a América Latina com ele.

Antes de ter sido estudante em Inglaterra, Neira tinha já iniciado os seus estudos em Lima. No ano de 1947 já era membro fundador da *Agrupación Espacio*, um grupo arquitectural vanguardista, que incluía artistas, figuras literárias e músicos e, ao contrário de muitos grupos do Perú, tinha como principal referência os CIAM e Corbusier. Por volta de 1955, pelo interesse despoletado pela parte prática em muitos dos seus membros (incluindo Neira), o grupo acabou por se separar. Foi neste seguimento que Neira estendeu o convite a Turner, por reconhecer ali alguém que, com as mesmas bases e ideais, iria conseguir trazer alguma acção alternativa adequada às condições sociais e económicas do Perú. Turner, por sua vez, por ter consciência das poucas oportunidades que Inglaterra lhe oferecia dentro do campo de acção que lhe interessava, aceitou prontamente o convite.³¹ Com razão, o Perú acabou por se apresentar num país com um ambiente muito propício para um jovem como Turner explorar novas ideias.

³⁰ Gyger, H. E. (2013). *The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954-1986*. p.83

³¹ Cf. op. cit., loc. cit.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Capítulo 2

Retratos latino-americanos

Os anos 50 na América Latina foram marcados por um exponencial crescimento populacional, derivado em grande parte da ajuda expansiva no campo da saúde fornecida por países mais desenvolvidos, tanto directamente como através de organismos internacionais, como a ONU.³² Embora anteriormente os Estados Unidos já oferecessem conselhos e assistência técnica a muitos países da América Latina, só no final da década de 50 é que foram persuadidos a promover o sentido de propriedade pela auto-ajuda, e em grande parte como estratégia para tentar *controlar* o comunismo.³³

Estas conquistas facilitaram uma melhoria considerável nos padrões de saúde pública, e mais importante - permitiram uma diminuição da taxa de mortalidade até então bastante elevada. Isto, conjugado com o aumento da taxa de natalidade, resultou numa verdadeira explosão demográfica que atingiu o apogeu em meados dos anos 60, em que mais de 200 milhões de pessoas se mudaram para as cidades, tal como previsto pelas Nações Unidas. Os urbanistas sentiram este impasse com o aumento dos loteamentos espontâneos, que estavam a multiplicar-se para além de qualquer possível controlo por parte das autoridades encarregues da regulamentação do uso do solo e da habitação.³⁴

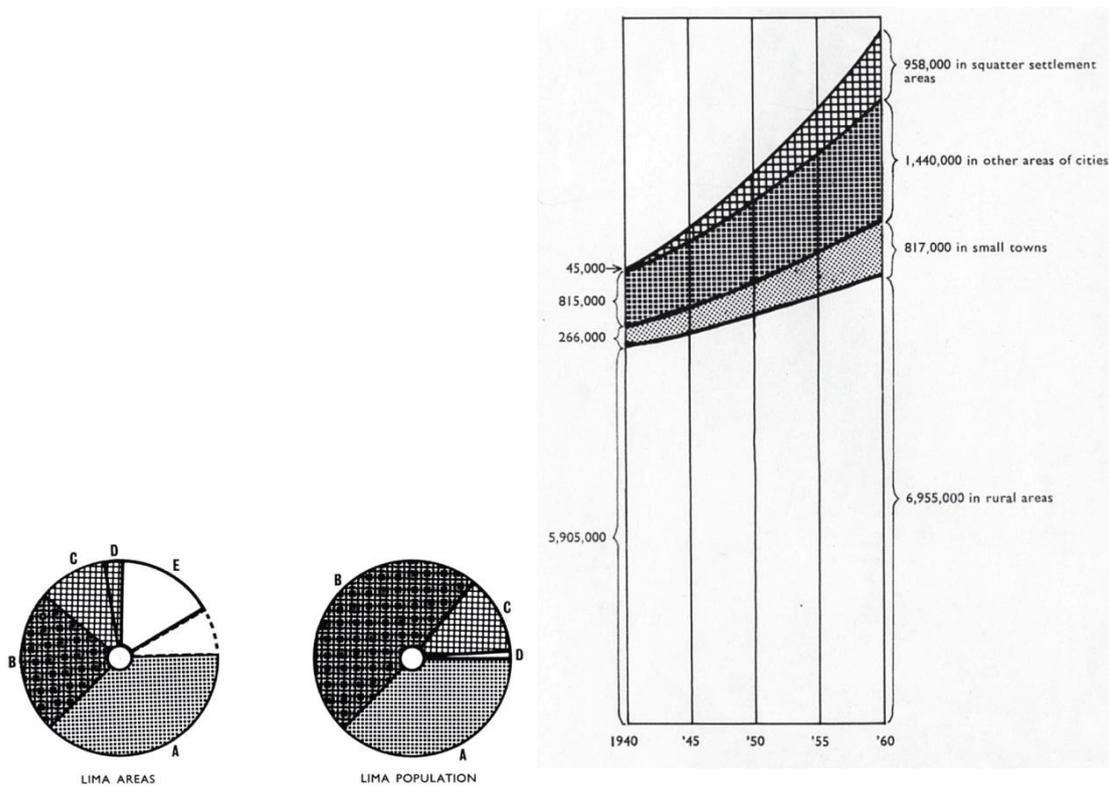
³² Laboratórios farmacêuticos estrangeiros instalaram-se inclusive nos vários países, de forma a poderem produzir medicamentos a baixos preços para as populações.

³³ Harris, R. (2003). A Double Irony: the Originality and Influence of John F. C. Turner. p.255

³⁴ Turner, J. F. (1968). Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies. p.107



1 | Planta de Lima, com as várias classes do uso do solo



2 | Diagramas que mostram a distribuição de áreas e da população nos diferentes sectores de Lima
A normal build-up áreas **B** slums **C** squatter settlements (*barriadas*) **D** legal urban-expansion areas
E new government and Alliance

3 | Taxas comparativas do crescimento populacional no Perú

Por toda a América do Sul, e desde os anos 40, que sempre existiram repetidas ondas de entusiasmo pelas várias cooperativas responsáveis pela habitação, sem que no entanto se tenha registado grande progresso até aos anos 60, em grande parte porque a cada onda de entusiasmo correspondeu sempre uma de desilusão.

Por esta altura ainda existia uma vasta área livre a envolver as cidades peruanas, sem qualquer tipo de valor comercial – com isto, e sem qualquer controlo, as inúmeras e crescentes *barriadas* continuavam a não constar dos planos de mapeamento, ou seja, não tinham qualquer identidade oficial, exclusivamente porque as elites não lhes reconheciam o direito a viver na cidade, independentemente do seu visível crescimento.³⁵

A verdade é que até 1958 também não foi feita nenhuma tentativa por parte do Governo do Perú para reencaminhar a vontade individual para programas de desenvolvimento local, ficando-se as contribuições pelos projectos de alojamento popular. Estas, embora fossem de longe as mais importantes, estavam-se a tornar autênticas fontes de escoamento dos recursos do Estado – apesar de terem ajudado a construir 5478 habitações entre 1949 e 1956, correspondem na realidade a menos de 1% no défice de habitações. Tendo em consideração que mesmo tendo sido um período relativamente activo e que mesmo assim o Estado estava longe de conseguir dar resposta às exigências da população, teve que se optar por outras alternativas, mais práticas. Com isto, um número superior a cinquenta mil famílias, a maioria pertencente à classe trabalhadora urbana, teve que resolver o seu problema de alojamento fora da superestrutura legal, administrativa e financeira do Estado.³⁶

Foi neste contexto de plena explosão demográfica e experimentação no campo da habitação que, em 1957, John Turner chegou ao Perú, imediatamente enquanto responsável pelo regulamento e melhoria das *barriadas* em Arequipa.³⁷

Nesse mesmo ano, o seu primeiro projecto, conseguido através de Neira, desenvolveu-se em parceria com a Oficina de *Asistencia Técnica a las Urbanizaciones Populares de Arequipa* (OATA)³⁸, uma agência governamental pioneira que visava ajudar no desenvolvimento das *urbanizaciones populares*, em Arequipa, a segunda maior cidade do Perú.³⁹ Este consistiu na construção de uma escola em Tiabaya, um dos 29 distritos da província de Arequipa. A autorização para se avançar com o projecto por parte do Ministério da Educação veio juntamente com um plano e alguns fundos. Turner, responsável pela parte de design, tentou que o resultado conseguisse um bom equilíbrio entre economia e o tecnicamente racional e, para isso, utilizou materiais disponíveis localmente, essencialmente

³⁵ (2000). *Interview of John F. C. Turner*. p.8

³⁶ Turner, F. C. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.390

³⁷ Gyger, H. E. (2013). *The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954-1986*. p.96

³⁸ Id. (1972). *The Reeducation of a Professional*. p.123

³⁹ Id. (February de 1974). *The Fits and Misfits of People's Housing*. p.1



terra comprimida e bambú, para que se conseguisse poupar no orçamento que lhes tinha sido atribuído. No entanto, tanto o seu entusiasmo como o do seu colega, Luis Felipe Calle, era inaudível para todos os membros do Conselho. Turner recomendou inclusive um supervisor, que após alguns contratemplos acabou por admitir que tinha recebido ordens dos membros do Conselho para seguir o modelo ortodoxo de construção de uma estrutura moderna, ignorando todo o desenho proposto. Ao invés de várias salas de aula flexíveis, esta falta de comunicação resultou em gastos com betão que não iria permitir a construção nem de uma sala de aula. Feliz ou infelizmente, dias depois deste feito, deu-se o famoso terramoto de Janeiro de 1958, que destruiu por completo toda a região.⁴⁰

Neste cenário de devastação, dez mil habitações foram arrasadas. Turner descreve que presenciou campos inteiros de pessoas capazes e com a vontade de reconstruir as suas casas a serem impedidas de o fazer pelas autoridades, determinadas a impor o seu próprio plano de acção - que iria sem dúvida demorar anos a pôr em prática, essencialmente pelos fundos necessários para o fazer.

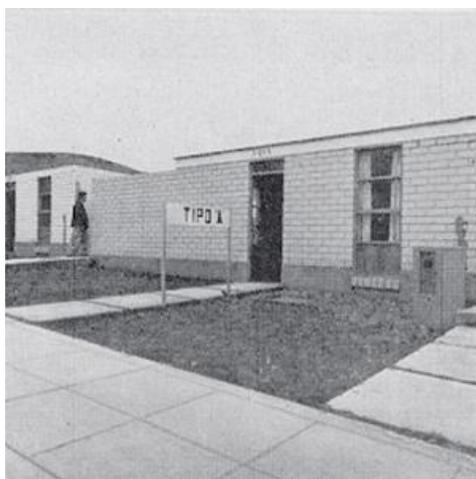
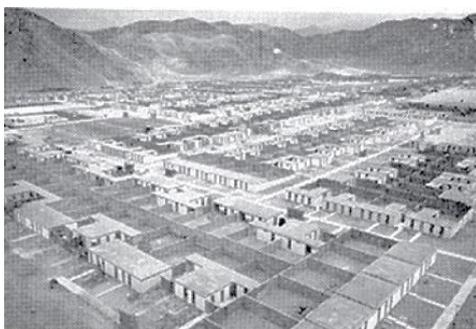
No entanto, este desastre proporcionou a Turner a sua primeira oportunidade de colocar em prática algumas das teorias que tinha vindo a desenvolver. A ideia inicial do Prefeito de Arequipa era de gastar algum dinheiro no alojamento para as vítimas. Sabendo de antemão que esta ajuda só chegaria a muito poucas pessoas, Turner juntou-se com Hernán Bedoya Forga, director do Gabinete de Planeamento Local, e sugeriram um esquema de auto-construção para aqueles que perderam as suas casas no centro da cidade mas que tinham terrenos baldios nas *Urbanizaciones Populares* - desta forma conseguiriam pelo menos duplicar o seu número. Foi com este contexto que ambos rapidamente se aperceberam do quão *bem* os seus projectos ignoravam as realidades locais e que, por isso, iriam precisar dos conhecimentos dos próprios habitantes.⁴¹ Inicialmente, a relação de Turner com estes era bastante formal, mas não era por isso que os participantes deixavam de levar as suas responsabilidades de forma séria. Aliás, sabiam que o andamento do seu trabalho dependia exactamente do quão disciplinadas fossem as suas contribuições - sete grupos com cento e quarenta participantes e todos aceitaram que seria um processo mais célere se trabalhassem segundo horários estipulados, o que incluía também reuniões diárias com cada grupo. Gradualmente, a relação entre os participantes e as equipas coordenadoras foi evoluindo de uma passiva, em que os primeiros pouco diziam e apenas seguiam instruções, para outra em que os planos eram trabalhados em conjunto, com ajuda crítica dos construtores locais.⁴²

⁴⁰ Turner, J. F. (1972). *The Reeducation of a Professional*. p.125. Este terramoto teve a intensidade de 7.3 na Escala de Richter, sendo que as zonas de Tiabaya, Sabandia e Cerrillos foram as mais afectadas.

⁴¹ (2000). *Interview of John F. C. Turner*. p.4

⁴² *Ib.* p.5

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner



6, 7 e 8 | Ventanilla

“I have learned from them far more than I have taught them, or been able to pass on from the sophisticated western education that I received.” (Turner, 1974:2)

Durante a sua estada em Arequipa, já por volta de 1960, Turner foi ganhando uma maior percepção das ocupações ilegais que se tinham vindo a multiplicar na (considerada) propriedade do Estado, estimadas em cerca de noventa por cento. Em 1965 os cálculos apontavam que, com este processo de urbanização, a população já teria invadido mais território urbano e construído mais habitações do que o total alcançado no intervalo de tempo que separa a conquista espanhola do século XVI e 1945.⁴³

Num mundo urbanizado, a procura por melhores condições de vida leva a cidade a tornar-se no refúgio de um grande número de pobres, e estes acabam por determinar uma grande parte do seu crescimento físico. No entanto, as estruturas institucionais não o conseguiram acompanhar, provando ser inadequadas para este aumento exponencial da exigência – os migrantes, frustrados por todas as barreiras que encontram, acabaram por se estabelecer onde conseguiam. Por isto, todas as formas de *uncontrolled urban settlement* se tornam respostas perfeitamente naturais e muitas vezes a única adequada à situação. A tragédia não é o facto de eles existirem – isso acaba por ser inevitável – mas, pelo facto de não serem minimamente controláveis, muitos acabam por se transformar em algo pior do que o necessário.⁴⁴

⁴³ Turner, J. F. (February de 1974). The Fits and Misfits of People's Housing. p.1

⁴⁴ Id. (1968). Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies. p.107



2.1. Povoamentos (des)controlados

Seis anos após o início do seu trabalho no Perú, em 1963, John Turner teve a oportunidade de escrever um artigo para a *Architectural Design*, depois do seu nome ter suscitado interesse por parte do seu editor, por um artigo publicado no *Sunday Times* sobre as *barriadas* de Lima. *Dwelling resources in South America* resume a essência dos problemas provocados no campo da habitação pelo aumento exponencial da população, com casos na Venezuela, Chile, Colômbia, mas essencialmente no Perú. Tratando-se mais de um relato, as suas críticas acabaram por ser relativamente compassivas, quebrando a sua *aparente* neutralidade apenas nas que se dirigiam ao controlo excessivo por parte das agências.⁴⁵

“We architects were deaf and even blind to the now obvious differences between our own language and that of our clients. It was not so obvious then because we were meeting people already confused by the transition from a traditional rural, semi-subsistence culture to a modern, urban, semi-industrial situation.” (Turner, 1972:134)

No artigo, expôs projectos que arquitectos e urbanistas realizaram na América do Sul com o intuito de contestar possíveis alternativas para o que estes *deveriam* estar a realizar. Afinal, quais são as verdadeiras funções e responsabilidades dos profissionais envolvidos? Que políticas se devem adoptar? Que procedimentos ou métodos deverão ser empregues?⁴⁶

Turner lança estas questões porque entende que também é da nossa responsabilidade todo o processo de urbanização que aconteceu (*e ainda acontece*) na América Latina, não só enquanto profissionais, mas principalmente enquanto seres humanos. Para além de ser um dos mais importantes e universais, o nosso futuro também depende do rápido e pacífico desenvolvimento de países como o Perú, que estão neste momento ainda em maior número que os países ditos urbanizados e industrializados.

O facto de populações inteiras serem capazes de construir *barriadas* pela sua própria mão com a densidade e organização visíveis na figura 10 é algo digno de atenção e estudo.

⁴⁵ Harris, R. (2003). A Double Irony: the Originality and Influence of John F. C. Turner. p.256

⁴⁶ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.363



10 | Barriada de Pampa de Comas, Lima, 1962. A área apresentada ultrapassa em território construído e população a segunda maior cidade do Perú, Arequipa.

A maior parte dos construtores destas *barriadas* pertencem a famílias da classe trabalhadora, com ordenados extremamente baixos, principalmente se comparados com os ordenados ocidentais. Sem qualquer tipo de preparação e acesso a ferramentas de um profissional, conseguem planejar estas áreas a uma escala de cidade, e construir milhares de estruturas minimamente aceitáveis, mais do que poderiam ser alguma vez providenciadas pelo Estado ou por empresa comercial com a mesma rapidez e dedicação. Assim, socialmente e quantitativamente, as *barriadas* tornaram-se, sem dúvida, na solução mais eficaz para o problema da urbanização no Perú.⁴⁷

A linguagem de ocupação difere em todo o território. Existe a *shanty-town* ou bairro-de-lata, característico pelo seu pequeno mas denso aglomerado de barracas, construídas de uma forma caótica, e normalmente localizadas dentro do raio de um a três quilómetros de áreas de intensa actividade comercial e industrial. Normalmente estas providenciam pouco abrigo e segurança, mas regra geral têm uma localização privilegiada – uma vez que o imigrante passa pouco tempo em casa à procura de um trabalho e segurança económica, esta resulta bem como uma solução temporária.⁴⁸

Squatter Settlement ou loteamentos clandestinos, que cresceram em Lima durante toda a década de 50 e 60, têm um cariz diferente – são caracterizados por vastas áreas com população normalmente entre dez e quinze mil habitantes, que se estabelecem em terras desertas pertencentes ao Estado, num raio entre oito e vinte e cinco quilómetros da região central da cidade. Na construção de um *squatter settlement*, os meios de transporte públicos, mercados e escolas primárias são frequentemente instalados imediatamente após a sua chegada, mesmo antes dos seus ocupantes terem o seu próprio lote atribuído, e são normalmente estes os equipamentos públicos a serem primeiramente finalizados.

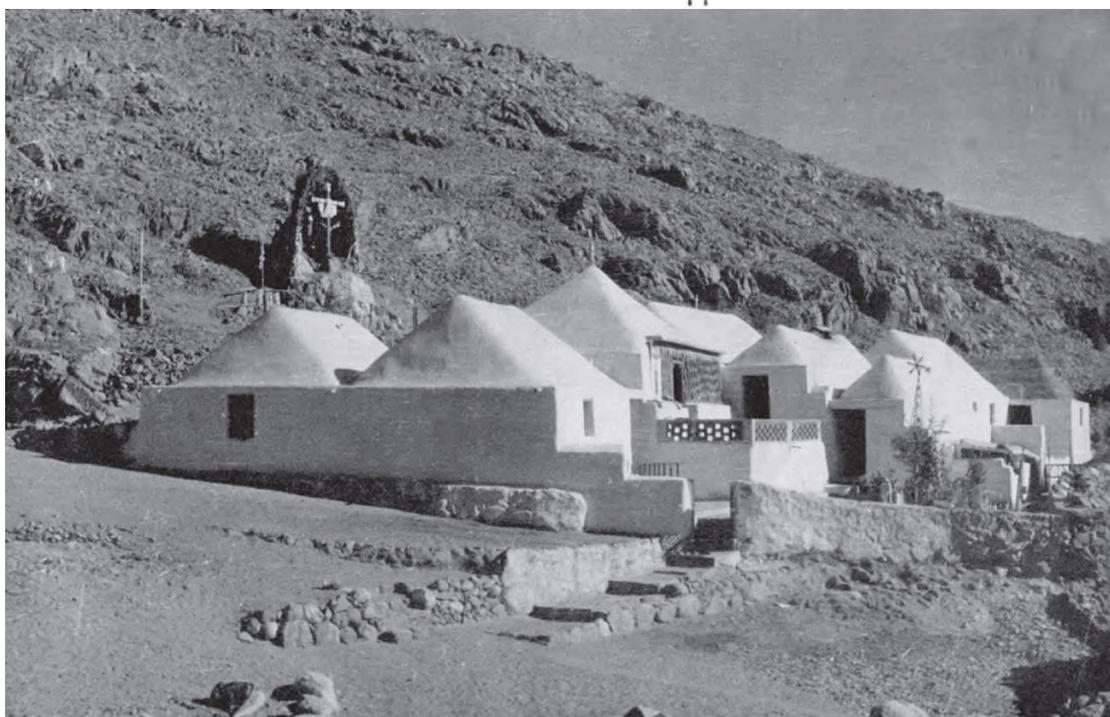
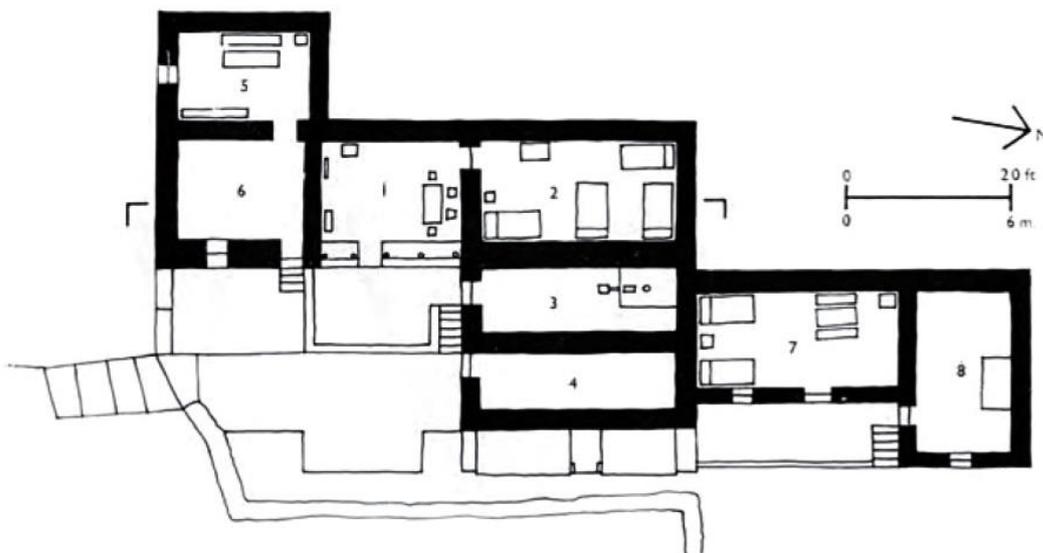
Estes lotes, na sua fase inicial de construção também oferecem um abrigo extremamente frágil mas, ao contrário da barraca do bairro-de-lata, com o tempo acabam por providenciar um elevado nível de segurança, uma vez que os seus ocupantes vão consolidando a sua aquisição com investimento e desenvolvimento físico. O problema inicial poderá ser a sua localização periférica, mas é uma limitação tolerável para aqueles que passam a conseguir investir nos transportes públicos a relativo curto prazo.⁴⁹

As *barriadas* são um sub-produto dos *squatter settlement*. Nas mais desenvolvidas é possível ir observando as etapas de construção que se vão apresentando. Primeiro, temos a *choza*, uma barraca temporária muito primitiva, à base de tapetes de tecido pendurados em canas de bambú; numa segunda fase temos o *cercó*, que, tal como o nome sugere, rodeia a

⁴⁷ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.376

⁴⁸ Id. (1966) *A New View of the Housing Deficit*. p.9

⁴⁹ *Ib.*, p.10



11, 12, 13 e 14 | Vale do Rio Chili, Arequipa, Perú. Exemplo de uma habitação auto-construída, ao longo de 35 anos. O próprio proprietário carregou as pedras para as fundações por mais de um quilómetro. Os primeiros quartos só estavam finalizados passado um ano do início da construção.

anterior *choza* com paredes. A partir daqui, e progressivamente, vai sendo construído o chão, sob uma cobertura temporária. É normalmente nesta fase que se começa a pensar na electricidade e nos sistemas de canalização e drenagem, sendo que na fase final de construção, uma habitação neste loteamento é equivalente a uma da classe-média profissional perfeitamente aceitável.⁵⁰

A maior parte dos governos fez tentativas constantes para resistir às constantes invasões das ondas migratórias - de uma forma deliberadamente não eficaz. Com a explosão da migração para os arredores da cidade de Lima e com o aumento gritante do número de *barriadas*, tornou-se imperativo chamar a atenção, principalmente dos locais - e antes que a situação se descontrolasse por completo, e se desse o colapso do *sistema* de desenvolvimento da cidade, tornou-se urgente agir.

As primeiras medidas oficiais foram tomadas pelo ano de 1961, com uma lei histórica aprovada para o *Remodelling, Sanitation and Legalization of the Marginal Developments*, a Lei 13517⁵¹, que visava integrar as *barriadas* na moldura da sociedade e da cidade. No final desse ano, uma quantia considerável já teria sido obtida através da ajuda mútua tanto do Departamento do Tesouro como do Banco de Desenvolvimento Inter-Americano⁵², ao mesmo tempo que num esforço hercúleo se tentava vigiar e contabilizar as mais de 100 000 habitações. No entanto, esta lei tinha a falha de ter sido pensada para servir apenas as já existentes, sem qualquer provisão para um controlo futuro do seu crescimento ou aparecimento de novas estruturas. Ou seja, além de se ter assumido que as autoridades poderiam passar a prevenir a criação de novas *barriadas*, legalmente, quaisquer que fossem criadas a partir de 1960 não poderiam beneficiar da mesma. Na prática, esta lei estava sem efeito mesmo antes de ter sido assinada e, contrariamente ao que fora esperado, e por todo o território peruano, continuaram a aparecer e a desenvolver-se com ainda mais celeridade do que anteriormente.⁵³

⁵⁰ Turner, J. F. (1966) *A New View of the Housing Deficit*. p.10

⁵¹ Harris, R. (2003). *A Double Irony: the Originality and Influence of John F. C. Turner*. p.256

⁵² *Inter-American Development Bank*. Criado em 1959, é responsável por acções de apoio ao desenvolvimento dos países da América Latina, com os objectivos de reduzir a pobreza e a desigualdade de uma forma sustentável. Funcionam como um banco normal e, para além de empréstimos, também oferecem subsídios, assistência técnica, num ambiente de constante de investigação.

⁵³ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.379

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

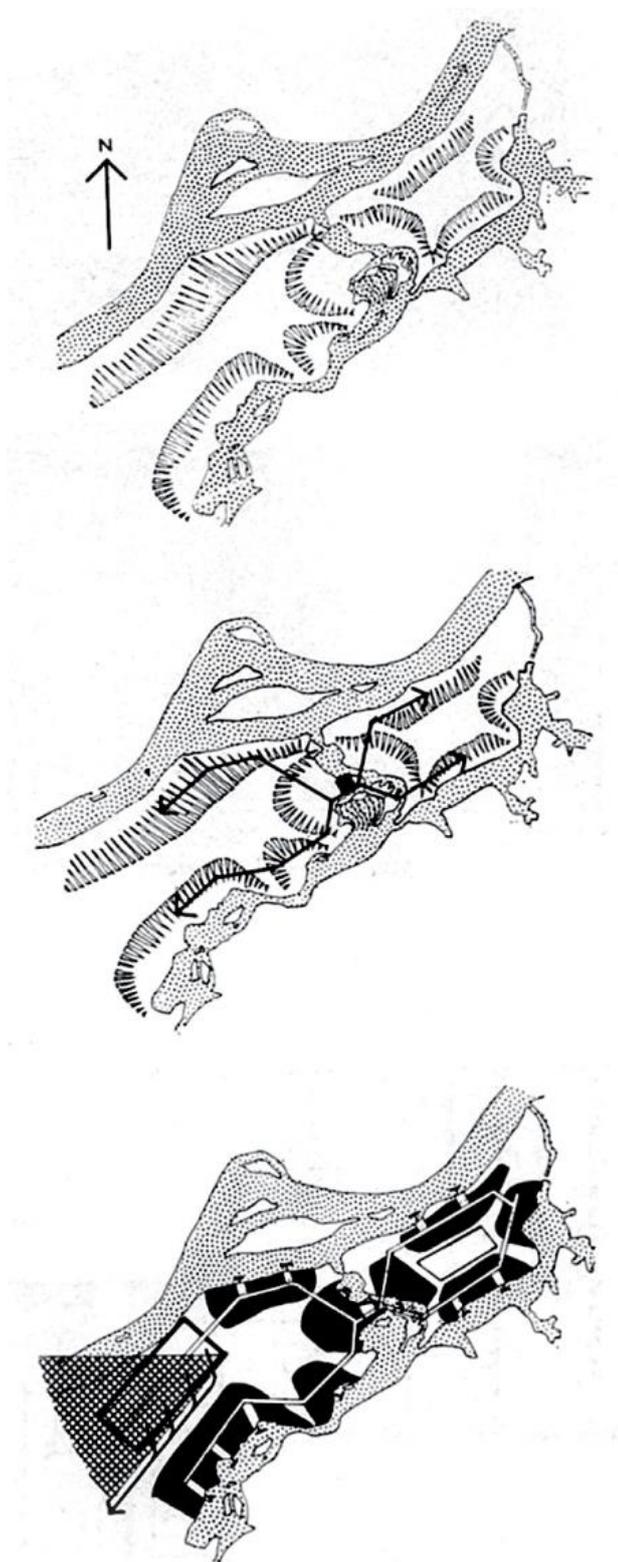
2.1.1. Ciudad Guayana

Por ter sido o primeiro governo da América Latina a reconhecer as amplas vantagens que trazem o desenvolvimento da comunidade no papel da *democratização* do país, através do reforçar da responsabilidade local e regional e, naturalmente, da autonomia, achámos por bem expor dois casos de sucesso, com diferentes premissas e objectivos, que aconteceram pela mesma altura na Venezuela.

O processo de alojamento rural foi sedimentado pelas exigências de um programa público de saúde, como parte integrante de um Plano Nacional para o desenvolvimento da comunidade - a situação não se afastava dos padrões típicos de uma comunidade que estava a passar por um processo de rápida urbanização num país sub-desenvolvido. Em acréscimo, neste caso, a erradicação da malária, que provocou um aumento exponencial da população e um proporcional desastre no campo da habitação, entre outros. No entanto, aqui, a divisão anti-malária do Ministério de Saúde Pública venezuelano conseguiu desenvolver um trabalho pioneiro - com o aumento do orçamento, e em coordenação com outras agências, levou a cabo um programa de melhoramento do alojamento à escala nacional.

O seu objectivo não era o de construir casas, mas o de criar centros de treino para melhorar as condições de vida dos habitantes, em todos os aspectos, defendendo sempre que a solução estaria intimamente relacionada com os níveis culturais da população. Por isto, a ênfase do seu trabalho esteve essencialmente interligada à difusão do conhecimento técnico pela instrução e do exemplo prático. Progressivamente, o trabalho dos arquitectos neste projecto tornou-se o de desenvolver *designs* que fossem aceites pelos camponeses e que, de alguma forma, conseguissem revolucionar a ideia que estes tinham do valor de uma habitação. Por este prisma, o sucesso do arquitecto acabou por ser proporcional à simpatia e compreensão que sentia perante o modo de vida do camponês.⁵⁴

⁵⁴ Turner, J. F. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.372. A CORDIPLAN, *Central Office for Coordination and Planning*, tem um papel fundamental no desenvolvimento neste país, não porque tenha sido responsável por algum programa ou projecto, mas simplesmente porque se assegurou de que estes seriam postos em prática, em coordenação com as agências existentes.



15 | O plano da Ciudad Guayana. Esta nasce da confluência entre o rio Orinoco e Caroni, conjugando recursos naturais, electricidade e água para a produção e transporte. As margens que separam os dois rios criam duas áreas homónimas, que separam o rio em quatro partes distintas, que irão ditar o crescimento da cidade. As áreas residências irão seguir o rio, em conjunto com alguma pequena indústria. A de grande escala estará nos planaltos.

“The planning of Ciudad Guayana cannot be compared to the spawning of England’s new towns, where industrial settlement was controlled throughout the country, investment was seasoned and property rights acknowledge both in tradition and practice. Nor can the city’s development be compared to the United States, where investment in building is predominantly private, squatting almost non-existent, financial mechanisms matured and ample funds for building available at conscionable rates.” (Charles Abrams apud Turner, 1963:387)

No contexto da necessária boa relação entre o designer e o proprietário/construtor, o caso do alojamento popular na Ciudad Guayana, Venezuela, foi o que resultou nas ilustrações mais interessantes. O sucesso desta nova cidade industrial, conseguido pela capacidade de antecipação da sequência de construção praticada em determinadas condições e pelo respeitar das prioridades das pessoas e necessidades, justifica-se pela vontade do Governo Venezuelano de escoar os recursos existentes nos depósitos de minério de ferro. Por sugerir uma fonte de rendimento, pela altura em que foi oficialmente inaugurada, em 1961, a cidade tinha já uma população de cerca de 85 000 habitantes, sendo que 50 000 desses viviam ali previamente em assentamentos dispersos e desorganizados – este foi o primeiro e maior problema com que os responsáveis se depararam.⁵⁵

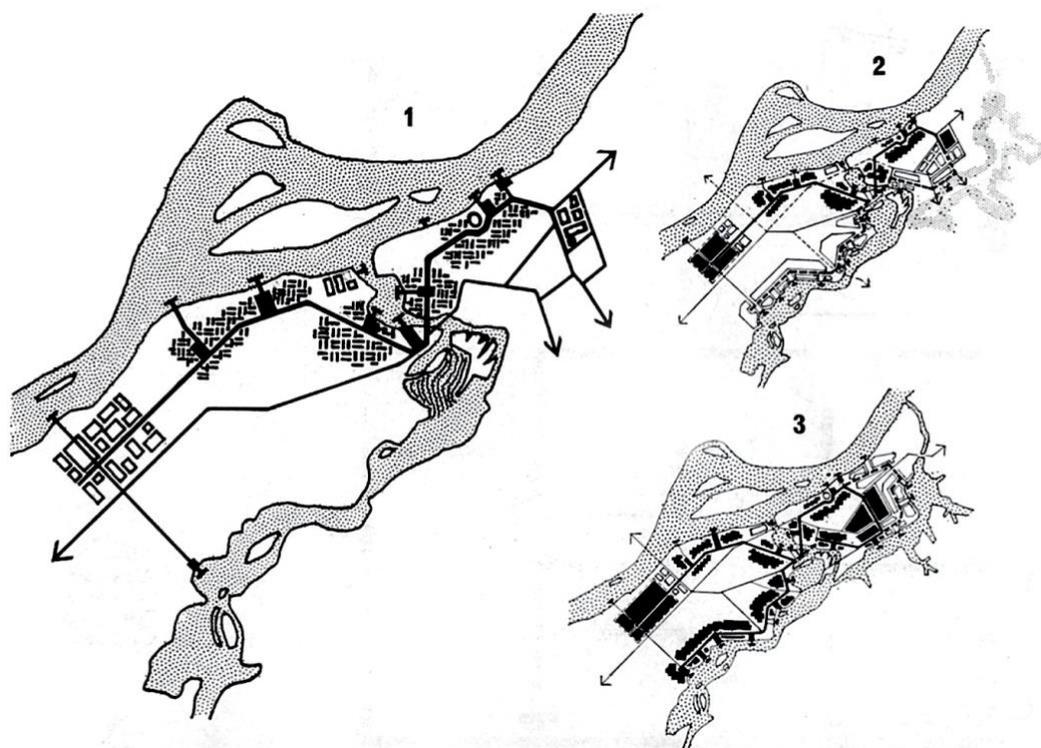
Criada em 1960, a *Corporación Venezolana de Guayana*⁵⁶ estava comprometida de uma forma activa no planeamento económico e físico desta região, com uma forte colaboração do *Joint Center for Urban Studies* do MIT e a Universidade de Harvard.⁵⁷ Os responsáveis norte-americanos, com altas expectativas no desenvolvimento deste programa, foram surpreendidos pelos inúmeros *squatter settlements* que encontraram à sua chegada. A Ciudad Guayana é um bom exemplo de uma situação do aumento descontrolado de fluxos migratórios, que tomou conta desta futura cidade industrial, mesmo sem que esta estivesse estabilizada nos seus planos e legislação.

Charles Abrams explica a situação de uma forma bastante simples: “One of the main factors that will control the city’s future pattern will not be what is put into the blueprint as much as what will be imposed by ‘rancho’ (squatter settlements) movements. [...] This calls for a designation of sites on which settlement will be permitted and those on which it will be proscribed. It calls for firmness with understanding. It entails a policy of land layout that will permit settlement according to plan, help with materials where essential and even undertake some inspirational building by the government to influence the character and course of growth. Rancheros will settle where they can if they are not told where they may. They will build what

⁵⁵ Turner, J. F. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.126

⁵⁶ Instituição estatal descentralizada que visa aproveitar de uma forma racional e sustentável os recursos disponíveis na região, de maneira a impulsionar o desenvolvimento nacional, a partir da diversificação económica, baseada numa política de alianças estratégicas com capitais públicos e privados, nacionais e estrangeiros.

⁵⁷ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.387



they can afford if they are not helped to build what they should. I am less worried , however, about what they will build than where they build it and less concerned about initial standards than about initial layout. Rancho houses will improve with time and with better economic conditions if the rancheros are given a stake. The slum concept and the public housing tenancy concept of the more developed nations are irrelevant in Ciudad Guayana.” (apud Turner, 1963:388)

Com esta experiência ficou decidido que os lotes nestas comunidades deveriam ser concedidos com base na ordem de chegada, sendo que a única vigilância para com as famílias seria a de garantir que não se atribuiria mais do que um lote para a mesma.

A qualquer pessoa, desde que fisicamente capaz, incluindo os desempregados, poderia ser permitida a compra de uma habitação nestes *loteamentos*, desde que as técnicas de construção fossem controladas por etapas, numa base manual simplificada. Por outro lado, e para tentar manter o andamento financeiro, seria necessário que os ocupantes construíssem inicialmente para a dita agência e não para eles próprios. Isto não invalidava os princípios democráticos, simplesmente criava um adiar do momento de escolha até a construção estar finalizada. A casa tinha que estar terminada de acordo com as especificações dadas e tinha que ser aceite pela agência – o destino da propriedade teria que ser decidido entre esta e o futuro ocupante.

Um contrato de autoajuda foi desenvolvido para providenciar uma base legal para este arranjo, oferecendo quatro opções ao futuro proprietário. Estipulava que este último poderia (1) receber o pagamento pelo seu trabalho de acordo com o pré-estipulado no contrato depois da casa estar construída e ser devolvida à agência, (2) continuar a construir outras casas e receber uma de forma gratuita por cada três construídas para a agência, (3) comprar os materiais de construção e o lote de acordo com um empréstimo a longo prazo, desde que tivesse capacidade para o pagamento necessário ou (4) arrendar a casa e pagar a renda com trabalho equivalente. Isto levar-lhe-ia cerca de três anos, assumindo uma renda mensal de 1% do capital investido e 10% de desvalorização pelos materiais construtivos. Durante este período era altamente provável que o ocupante encontrasse um emprego na cidade e conseguisse comprar a casa que tanto desejava.⁵⁸

O papel do proprietário na construção destas casas deveria ser o de empreiteiro geral: aquele que pede, compra e procura por materiais, colabora com os trabalhadores e supervisiona o trabalho da construção. De facto o maior recurso destas pessoas é a sua extraordinária iniciativa e capacidade de organização: cidades inteiras e numerosas casas novas foram erguidas como prova.

⁵⁸ Turner, F.C. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.127



17 | San Martín, Lima. A evolução de uma *barriada* a partir de um abrigo primitivo.

2.1.2. Exposições

Turner relata com mais pormenor o caso de Blas e Carmen, um casal que, em conjunto com mais quarenta e nove famílias, levou a cabo uma invasão ilegal na noite de 27 de Julho de 1954.⁵⁹ Tratou-se de algo planeado, onde se discutiram previamente os pormenores de como e onde seriam os lotes e ruas, de maneira a conseguirem aumentar a sua produtividade construtiva, diminuindo a disputa do primeiro dia – assim, quando as forças policiais chegaram na manhã seguinte já existiam trinta e uma palhotas erguidas, com as bandeiras peruanas a esvoaçar, e as principais ruas delimitadas por pedras.⁶⁰ A sua ocupação não poderá ser classificada como pacífica, e foram diversas as vezes que lhes foi ordenado que abandonassem o local, mas ninguém os *forçou* propriamente a que o fizessem.⁶¹

Ao longo dos anos, Blas, com o tempo livre que tinha do seu emprego e com o que ele e Carmen foram conseguindo poupar, foi trazendo mais conforto à sua casa, começando por erguer paredes de tijolo, preenchendo o chão, e em etapas finais até lhes foi permitido o luxo de uma televisão - cujos custos de aprovisionamento de electricidade também foram sendo pagos pelos vizinhos, por cada vez que estes a queriam utilizar, apoiando o sentido de comunidade presente nestes assentamentos.

Esta caminhada, longe de ser fácil, teve constante necessidade de melhoramentos em muitas áreas, e as comunicações com a cidade não eram as melhores - mas, num panorama geral, os seus habitantes estavam satisfeitos. Viviam em condições que poderiam ser consideradas precárias pelas classes mais altas, mas tinham o seu lar, fruto do seu próprio trabalho e dedicação. Neste exemplo concreto, tanto Blas como Carmen tinham consciência de que a sua situação era precária e que se poderia alterar de uma forma drástica se o primeiro perdesse o emprego ou por algum motivo deixasse de trabalhar.⁶²

Embora não o transparecesse à primeira vista, esta *barriada*, assim como tantas outras, tinha a sua própria organização, com o seu comité, nomeado através de eleições internas. As funções deste passavam por arranjar novos lotes para novas famílias, tomar

⁵⁹ A acção denominada por *squatting* poderá ser traduzida para o português através do termo anarquista *okupa*. Derivante da palavra *ocupação*, é equivalente directo do inglês *squat*, utilizado para designar a invasão de espaços ou terras, abandonada ou desabitada, sem a autorização dos proprietários.

⁶⁰ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.368

⁶¹ Todo o processo foi relativamente controlado, apenas com relatos de um morto, em 1960, durante uma tentativa de construção por parte da população de uma escola numa propriedade do governo.

⁶² Turner, J. F. Op. cit., p.369



18 | Barriada de San Martín, Lima. Do lado direito, instalação dos principais sistemas de águas e esgotos

decisões de venda ou aluguer, e, por último, mas longe de ser menos importante, tinha a obrigação de ir apresentando petições e pedidos de assistência aos vários ministérios. A ordem interna e a segurança também eram da sua responsabilidade. A realidade das *barridas* - normalmente locais calmos, habitados por famílias trabalhadoras - difere do ambiente de violência, imoralidade, preguiça, crime, e de uma esquerda revolucionária com que é exteriorizada. Os seus habitantes, preocupados com esta imagem, sempre tentaram controlar os potenciais casos problemáticos (arruaceiros), e passar quanta publicidade conseguissem do trabalho produtivo que era realizado pelas pessoas que nela habitavam.

Para uma família que não tem outra forma de segurança, sem capital convertível e sem aptidões comprovadas, a posse da sua própria habitação é essencial para a sua paz de espírito e muitas vezes para a sua própria existência. A partir do momento que alcançam este objectivo, as suas despesas conseguem ainda ser mais reduzidas em tempos de maior crise, e como já não há a obrigatoriedade do pagamento de renda, não há ameaça de despejo, a propriedade poderá ser utilizada como mais uma fonte de rendimento, quer seja através do subaluguer parcial, com hóspedes, ou mesmo através do seu uso como loja.⁶³

Quando Pedro Beltran, na altura director e editor do jornal *La Prensa* e recente Presidente da Comissão para a Habitação e Reforma Agrícola,⁶⁴ visitou as *urbanizaciones populares* nos anos 50, não viu mais do que umas construções desajeitadas inseridas num rectângulo de cinco por dois quilómetros, com uma população que precisava de ser mudada daquele local. Com este exemplo, Turner aponta a discrepância entre a visão de quem desconhece o contexto, uma ordem externa que só vê a necessidade de mudar os *pobres daquelas barracas*, e a de uma comunidade que se entregou à sua construção e que, por isso, estava orgulhosa do seu feito.⁶⁵

Depois do caso mais pormenorizado de Blas e Carmen, e por acharmos importante para explicar a abordagem *turneriana*, decidimos expor mais três casos em linhas gerais, dois deles ainda dentro do campo da ocupação ilegal e um terceiro de uma família que foi efectivamente transferida para uma unidade habitacional.⁶⁶

Num primeiro caso Turner apresenta-nos um pintor de carros como representante de uma família jovem, saudável e motivada para o futuro que se lhes avizinha. Sendo a sua estratégia poupar a curto e longo prazo, terá obrigatoriamente de passar pela escolha da sua habitação, que deverá estar a uma distância a pé para o trabalho e para outros bens essenciais. Uma vez que estão à procura de melhores oportunidades de emprego, precisam de

⁶³ Turner, J. F. A New View of the Housing Deficit. p.6

⁶⁴ Mais tarde Ministro das Finanças e Primeiro-ministro do Perú.

⁶⁵ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. pp.22 e 23.

⁶⁶ Os casos de estudo apresentados pertencem a um extenso programa de investigação que Turner iniciou com Tomasz Sudra no MIT, em 1971 - 25 casos de estudo no México metropolitano.



19 e 20 | Instalações da Mama Elena, com a pequena loja do lado direito.

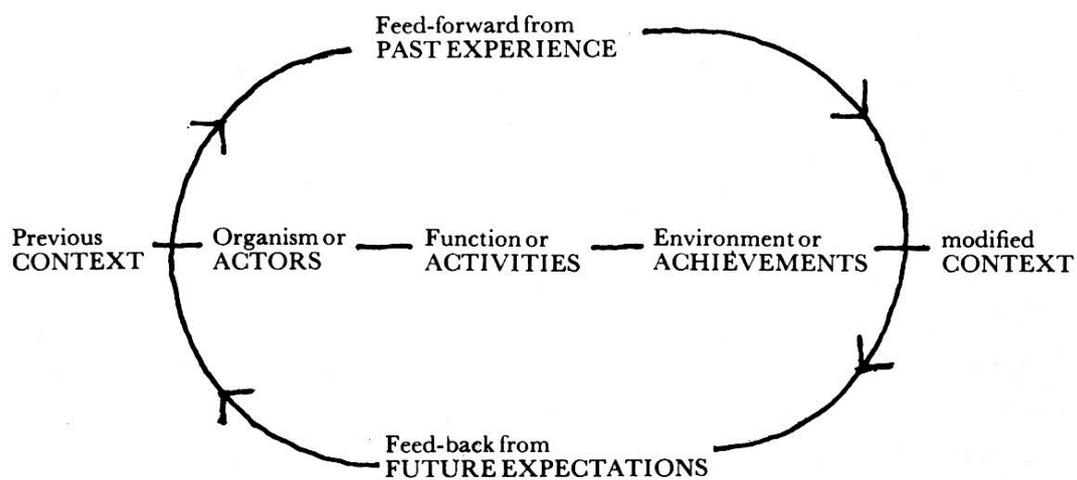
estar preparados para uma futura mudança num curto intervalo de tempo, caso seja necessário - isto implica que serão poucas as vantagens em fazer quaisquer investimentos na mesma. Assim, uma cabana torna-se no suporte ideal para a realização dos seus objectivos a curto prazo.

Um segundo exemplo, bastante icónico, diferencia-se por nunca ter tido o propósito de ser uma habitação ambiciosa. A Mama Elena e a sua família tiveram que se mudar pela necessidade de um local mais adequado ao seu tipo de comércio, que propiciasse ao mesmo tempo uma maior oportunidade de trabalho para o seu marido. O que começou por ser apenas um barraco provisório ilegal foi-se transformando ao longo do tempo numa edificação com uma linguagem mais sólida, que os levou a recorrer ao chamado uso campeão. Um terreno com 260 m² acabou por acomodar uma comunidade de dezanove pessoas, com uma renda instável, mas com um tecto, com todo o seu conforto e segurança, e a Mama Elena acabou por se tornar no centro da vida social da localidade, fornecendo aconselhamento e orientação.⁶⁷

A terceira família foi realojada numa habitação do projecto *Unidad Vicente Guerrero*, que Turner denominou por *casa opressora*. Antes disso, viviam numa *slum*, e os seus rendimentos provinham das vendas que faziam numa pequena loja de conveniência, preparada essencialmente para servir turistas. Além disto, o marido ia disponibilizando trabalhos pontuais enquanto pedreiro, conseguindo assim triplicar a sua subsistência mínima. Uma vez que tinham boas ligações com os transportes e as únicas despesas eram com os gastos de electricidade, conseguiam ter a possibilidade de se alimentar e vestir razoavelmente bem, e, mais importante, e como estamos a falar de um casal já de meia-idade, garantia-lhes a oportunidade de poderem poupar para o seu futuro.

Após a mudança, além de ter sido proibida de continuar com o seu pequeno comércio, a família não pode fazer qualquer alteração na sua casa, nem utilizá-la com mais nenhum propósito que não o de uso residencial. Com isto, foi obrigada a gastar 55% dos seus ganhos numa renda e em pequenos serviços para a casa, com o acréscimo de ter que pagar mais 5% em transporte para o trabalho, o que se traduz num corte de 60% no orçamento para a alimentação. Esta re-localização fez com que perdessem praticamente todas as vantagens que tinham anteriormente.

⁶⁷ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.96



21 | Representação de Turner do modelo simplificado do processo de housing, baseado em Geddes e Bertalanffy. Este último não acreditava na divisão dos saberes – um organismo é algo maior que a soma das várias partes.

2.2. Housing as a Verb?

Rico ou não, cada pessoa, enquanto indivíduo, preza a sua privacidade e o seu conforto. E cada uma das famílias previamente apresentadas tem-nos como base do seu bem-estar. Ademais, é importante ter consciência que grande é a diferença entre o que as pessoas podem e o que as pessoas se dispõem a gastar com a habitação. Nos casos mais comuns, jovens da classe média muitas vezes preferem começar a sua vida em *slums*, com o principal intuito de poupar dinheiro, por exemplo, para a alimentação, para poderem frequentar a universidade, para um carro, para poderem sustentar os filhos, *et cetera*. Assim, o bom funcionamento de um serviço de *housing* depende muito do esforço do seu utilizador de querer manter o seu espaço, e não tanto das suas competências, estando isto, portanto, directamente relacionado com a satisfação do proprietário perante o serviço que lhe foi prestado. Por isto, todo o processo de *matching* é essencial.⁶⁸

Estas diferenças, muitas vezes abismais, entre o que é suposto acontecer e a realidade no processo de *housing* revela-se de uma forma muito crítica nas classes com menos posses, essencialmente pela indiferença das mais altas face às prioridades dos primeiros. Embora sejam factores que facilmente se conseguem apontar como parte do problema, nos pensamentos dos distribuidores, técnicos e administradores fazem-se passar por *despercebidos*, uma vez que a sua preocupação se prende mais com o lucro do que com as consequências no indivíduo.⁶⁹ Estas *atrapalham* aqueles que querem defender um sistema de *housing* a nível internacional, com produção em larga escala, o que só piora a objectividade destas correspondências.⁷⁰

O processo de alojamento além de incluir campos como o custo financeiro, o tempo investido e até no esforço humano, engloba também outros aspectos vitais, que não são quantificáveis⁷¹, onde se engloba a satisfação ou a frustração de cada um de nós. E com a insistência em querer traduzir *housing* num resultado de um processo de produção em massa, todos estes valores humanos acabam por se transformar em valores mecânicos - e é neste ponto que sabemos que estamos a entrar num mercado capitalista.

⁶⁸ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.39

⁶⁹ Idem. (1972). *Housing as a Verb*. p.152

⁷⁰ Id. op.cit., p.65

⁷¹ Id. op.cit., p.151

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

A cegueira na distinção entre o que algo *é* e o que *significa* na vida de cada um que tende cada vez mais a invadir as instituições da sociedade moderna, e explica a ignorância de simplesmente destruir casas que não se encontram de acordo com os padrões, forçando os seus ocupantes a abandonarem a sua *barraca* para depois terem que aceitar os seus próprios modelos de *slums*, que muitas vezes acabam por sofrer de infortúnio igual ou pior, simplesmente por não terem condições de os manter. Em muitos destes casos de realocações o preço a pagar causa demasiados danos na essência da família, reduzindo os seus laços sociais e a sua segurança económica, com o falso sentimento de que as suas condições de vida estão a ser melhoradas. Acabam muitas das vezes por se transformar em formas de opressão, onde se destacam mais as diferenças entre ricos e pobres e são ignoradas necessidades básicas enquanto seres humanos.

As classes altas sempre tiveram o hábito de evitar os verdadeiros problemas da autoridade e autonomia por se convencerem de que os pobres são ignorantes, incompetentes e irresponsáveis por natureza – uma noção absurda e impossível de ser provada face aos resultados visíveis que os últimos têm revelado dentro do contexto do *housing*.⁷²

“The initiative, ingenuity, perseverance, and hope so evident in the housing action of such a large part of the population and in the face of so many difficulties is, perhaps, the most important lesson an architect or urban planner can get.” (Turner, 1972: 145)

Um *urban squatter* tipicamente peruano não se pode dar ao luxo de ter uma margem de erro grande, pelo contrário, tem que ser extremamente prático se quer capitalizar a pequena margem das suas poupanças e as suas competências limitadas. E com o passar das décadas a comunidade peruana tornou-se cada vez melhor a sê-lo, bastante independente, inclusive no que diz respeito a responder a forças policiais – ou pelo menos é essa a imagem que Turner faz por passar.⁷³

Antes de mais, é um erro pensar que a participação no processo de *housing* é sinónimo de auto-construção. Mas mais que isso, é evidente a necessidade de consciencialização da importância da gestão e manutenção das habitações, ainda mais que o design inicial, a construção ou até mesmo o financiamento do capital.⁷⁴ A maior parte das condições habitacionais para a quinquagésima parte da população de Lima encontram-se em pior estado que em 1890 e, pior, requerem um maior investimento para a sua manutenção. Isto acontece porque é obrigatória uma licença para tudo, inclusive para substituir um telhado – um trabalho

⁷² Turner, J. F. (1972). *Housing as a Verb*. p.163

⁷³ *Ib.*, p.162

⁷⁴ *Id.* (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.140

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

que poderia facilmente ter sido efectuado pelo inquilino, e de uma forma bem mais barata, acaba por só acelerar a deterioramento tanto da sua habitação como da sua vizinhança.⁷⁵

Por isto, deveria reconhecer-se que um dos muitos problemas de uma agência de *housing* é que esta só consegue apoiar aqueles que são efectivamente capazes de suportar os seus custos, sem prejudicar as suas prioridades básicas, como a comida e a roupa.⁷⁶

Num artigo de 1966, *A New View of the Housing Deficit*, Turner apontava a hipótese das falhas nos programas de alojamento popular na América Latina se deverem em parte aos equívocos do processo de *housing*. Em primeiro lugar porque é absolutamente irrealista querer avaliar uma habitação quantitativamente, apenas através da sua aparência objectiva - o seu valor está na maneira como a experienciamos, não na sua qualidade material. Por isso, a partir do momento que se estabelecem objectivos inatingíveis baseados em premissas erradas, o processo só poderá criar frustração nas duas principais partes envolventes, tornando-se contraproducente e autoderrotista.

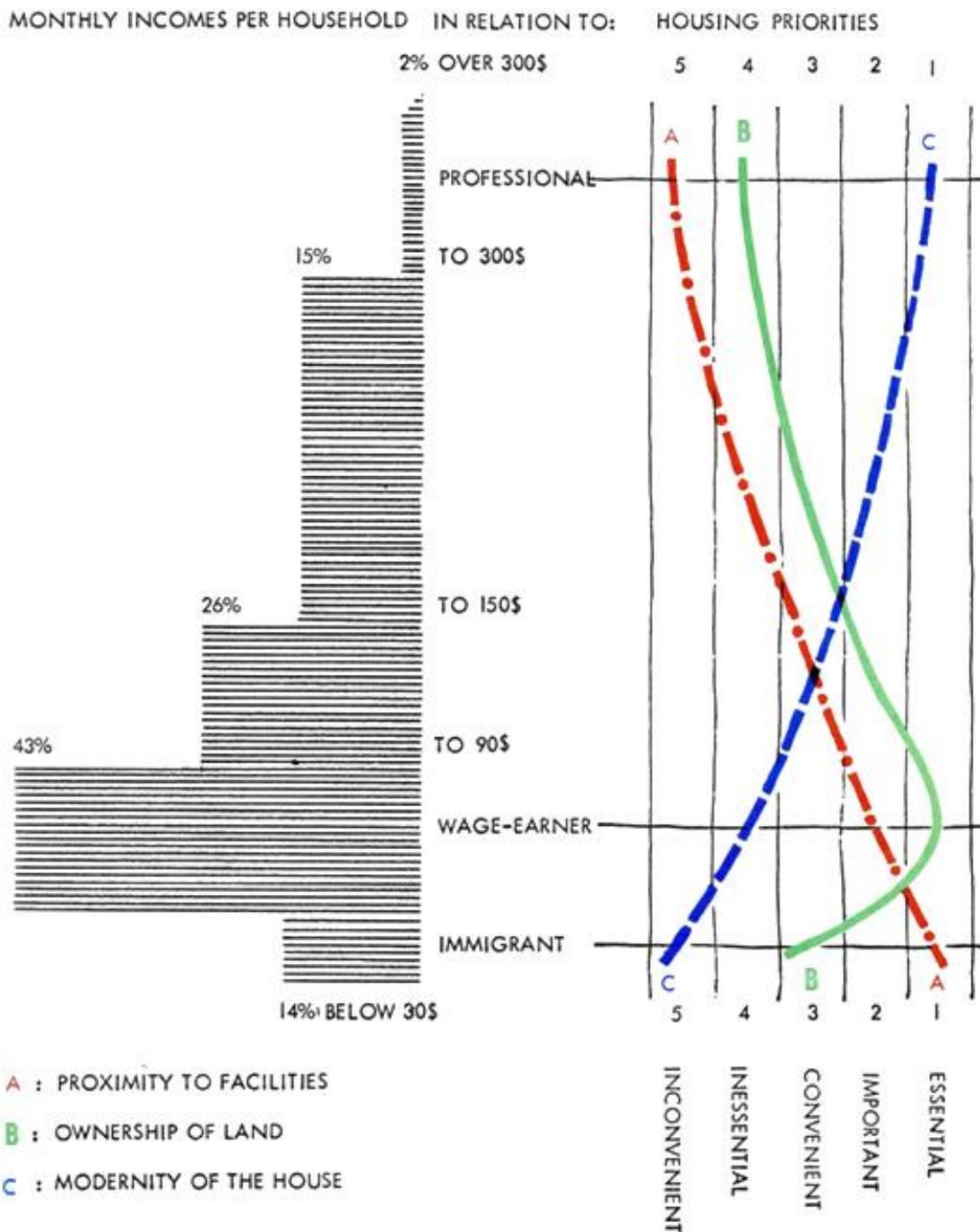
“[...] we must know how much money the inhabitant of a slum has, what his expectations are, and what his alternatives are, before we can be sure that the slum, alleged or actual, is doing him more harm than good.” (Turner, 1972:175)

Por isto, o problema de *housing* nunca poderá ser classificado como algo estático, pela necessidade constante de equilíbrio entre uma procura insatisfeita e os recursos disponíveis que implica. Consequentemente, deveria depreender a observação entre o indivíduo e a sua envolvente, a sua realidade social, económica e física, para que se comece a compreender e a aceitar a sua variabilidade, essencialmente em função de cada classe social.⁷⁷

⁷⁵ Turner, J. F. (1972). *Housing as a Verb*. p.150

⁷⁶ Id. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.390

⁷⁷ Id. *A New View of the Housing Deficit*. p.2



22 | Gráfico que relaciona os rendimentos mensais com as prioridades habitacionais. Conforme aumenta o rendimento, diminui a necessidade de proximidade a equipamentos e revela-se uma maior preocupação com a estética.

Por existir esta constante incompatibilidade na atribuição de alojamentos, será que é assim tão surpreendente quando a maioria dos construtores revelam ser as próprias pessoas que delas precisam?

A esfera de construção comercial tem efectivamente capital e eficiência organizativa, mas a grande percentagem da população não consegue ter acesso a estes serviços pelos seus preços tão elevados.

Por um lado, os fundos governamentais não estão sujeitos aos mesmos riscos e exigências que os do capital privado, e poderiam ser muitas vezes utilizados como investimento inicial para um programa de alojamento assim como para financiamento de assistência técnica. Em adição, o governo tem acesso ao conhecimento e aos meios de comunicação para aqueles que deste precisam, além de *ser* o poder legislativo capaz de, em maior ou menor grau, impor a disposição e o uso da propriedade nacional e dos recursos.⁷⁸ Por outro, administrações modernas, desde o *World Bank* até à mais pequena e pobre agência nacional, por muito que tentem ajudar, estarão sempre encurralados na síndrome oficializada pelos programas categóricos.⁷⁹

A produtividade no campo da construção em grande escala está ligada a legisladores, administradores, urbanistas e arquitectos, ou seja, indústria de grande escala. Por outro lado, na questão do aproveitamento dos recursos disponíveis, o resultado final será sempre reflexo da diferença entre o capital e o ordenado de cada um, o que faz com que a *eficiência* de grandes organizações, segundo estes parâmetros, se torne extremamente contra-productiva.⁸⁰

“Resourcefulness and longevity of buildings, as distinct from productivity and short-term costs, require imagination, initiative and above all, personal will to care.”(Turner, 1991 : 117)

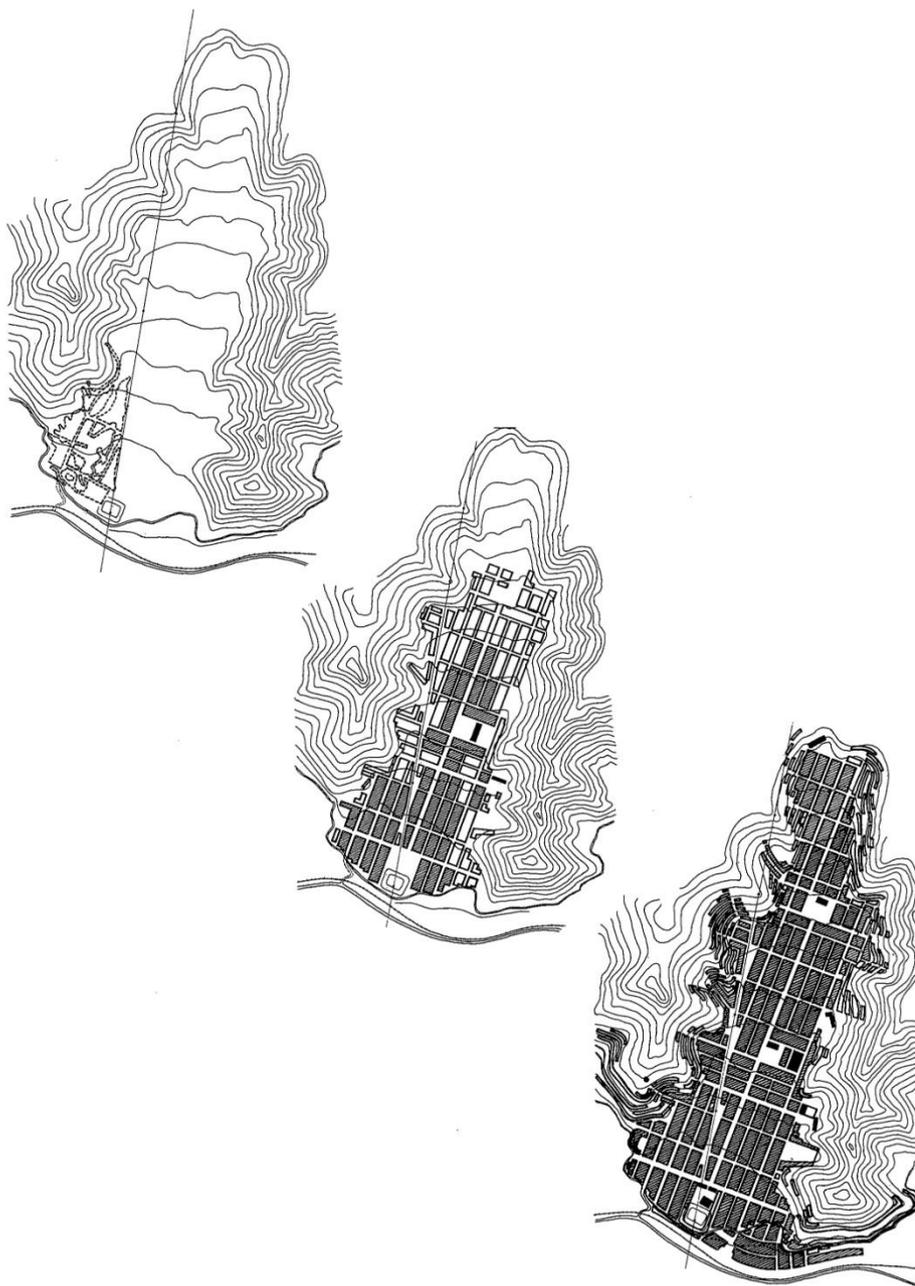
Por isto, muitas aldeias e ocupações urbanas tiveram que avançar com os seus próprios sistemas de distribuição – muitas vezes requerendo escavações em rocha, a modificação de propriedades individuais, ou a coordenação cuidadosa de trabalhos com os locais e as actividades domésticas. No entanto, por cada caso de sucesso de acções comunitárias há correspondência de muitas outras que não o foram, e que muitas vezes envolveram um número considerável de perdas humanas e de recursos materiais.⁸¹ Com todo o empenho, é compreensível que quando é o proprietário a construir a sua própria habitação, se apegue a ela e ao seu significado de uma forma muito própria, e neste contexto de cidades em expansão caótica, ganha uma importância quase mística não só para a família mas para a

⁷⁸ Turner, J. F. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.391

⁷⁹ Id. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.117

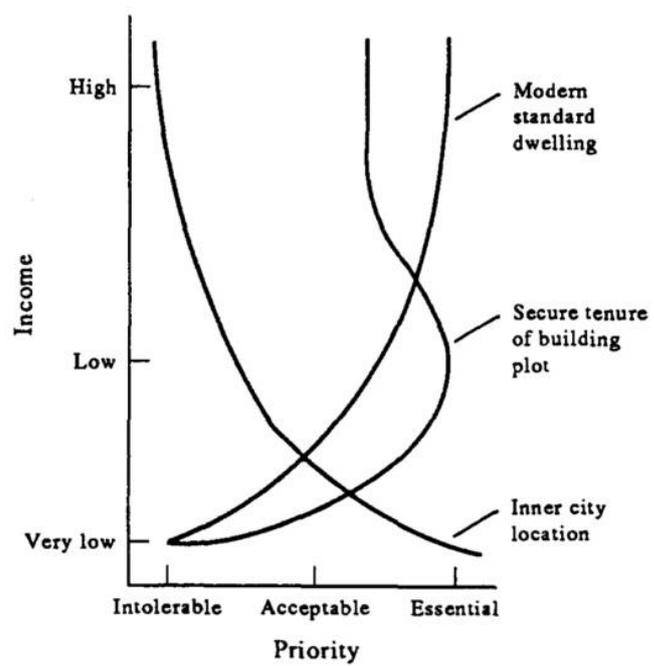
⁸⁰ *Ib.*, p.87

⁸¹ *Ib.*, p.138



comunidade como um todo, cujos laços são, regra geral, mais fortes que nas classes altas. E é só compreensível que assim aconteça uma vez que é criado um espaço de comunicação que possibilita o aparecimento de relacionamentos genuínos.⁸² Contrariamente, quando a opção da construção é levada a cabo por grandes agências, organizadas de uma forma hierárquica, quer seja pública ou comercial, disponibiliza pouco espaço para diálogo entre os vários actores.

⁸² Turner, J. F. (1972). *The Reeducation of a Professional*. p.145



2.2.1. Grande Escala

Turner critica abertamente o facto de, na maioria dos países, profissionais dos mais variados campos se submeterem à chefia de sistemas centralizados, o que, pela estrutura hierárquica que apresentam, implica que o número contratado pelas grandes organizações será naturalmente limitado e assim, a eficiência destes só poderá ser útil para um número reduzido da população.

Com o objectivo de conseguir abranger o maior número de pessoas pelo menor custo, os sistemas centralizados tendem a criar produtos idênticos em larga escala. Com a pressão de conseguir dar uma resposta rápida, este sistema só é passível de ser mantido através de policiamento e propaganda, com o intuito de conseguir que as pessoas se comportem como máquinas – no entanto, e na prática, só funcionam até certo ponto. A mais eficaz, no entanto, tem sido a substituição da maioria da mão-de-obra humana por máquinas⁸³, o que tem vindo a provocar uma agravante alienação das camadas mais baixas, aquelas que deveriam estar mais interessadas no bom funcionamento de todo o processo - em pleno século XIX, já Marx dizia “the more useful machines there are, the more useless people there will be.” (apud Turner, 1976:42)

O gráfico da figura 24 representa as prioridades de cada um, conjugadas com a evolução dos seus rendimentos e três das premissas que Turner considera ser as mais importantes para a escolha de uma habitação: proximidade com os equipamentos, posse da propriedade e o aspecto moderno da mesma. Ou seja, a escala *habitacional* apresentada varia desde um nível mais baixo, demonstrando aceitação de uma casa num bairro-de-lata (mesmo que como uma medida relativamente temporária), até à mais alta, que indica uma exigência do mais alto *standard* de conforto, que entre as pessoas mais sofisticadas poderá ser modificado pela estética ou por um valor do Estado.

Com tantas prioridades e a variar de uma forma constante, a lacuna entre o fornecimento e a procura é tão grande que é muito pouco razoável esperar que programas ordinários de alojamento *low-cost* tenham um grande impacto no *uncontrolled urban settlement* como produto da diferença entre a exigência popular por uma habitação e a exigida e fornecida pela sociedade institucional.⁸⁴

⁸³ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.46

⁸⁴ Id. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.127



25 | Superblocs construídos em La Guaira, Venezuela, com o intuito de realojar as populações dos *ranchos*.

26 | A necessidade do aumento da mão-de-obra para as construções, trouxe os *ranchos* inclusive para os espaços livres existentes no meio dos superblocs. A fotografia trata-se de um zoom do rectângulo da figura anterior, dez anos depois.

Por isto, algumas decisões devem e têm que ser deixadas à responsabilidade daqueles que se encontram nos níveis mais baixos dessa hierarquia, no sentido de acelerar o tempo de resposta e poupar em todo o processo administrativo.

“Personal and local resources are imagination, initiative, commitment and responsibility, skill and muscle-power; the capability for using specific and often irregular areas of land or locally available materials and tools; the ability to organize enterprises and local institutions; constructive competitiveness and the capacity to co-operate. None of these resources can be used by exogenous or supra-local powers against the will of the people.” (Turner, 1991 : 48)

Quanto maior a organização mais cara e dispendiosa de recursos se torna porque acaba por consumir demasiado combustível fóssil (gás natural, petróleo, carvão mineral), arrastando consigo pesadas burocracias e uma inflação económica. O facto deste sistema heterónimo de provisionamento de habitações⁸⁵ ter sempre grandes custos associados, além de as grandes organizações deixarem de ter interesse em responder à variedade e complexidade de cada pedido, justifica o que foi referido mais acima, que apenas uma minoria abastada acaba por conseguir ter *direito* a um adequado processo de *housing*.⁸⁶

É conveniente lembrar que este processo é definido através de padrões quantitativos, e que as suas *unidades* são estabelecidas pela classe-média. Num sistema centralizado, têm que funcionar todos da mesma forma e na mesma direcção, o que põe em causa a liberdade do indivíduo.⁸⁷

Mesmo que uma grande parte da população com baixo rendimento esteja disposta a investir todos os seus recursos, terá que aguardar na mesma pela (normalmente indesejada) oportunidade de conseguir um empréstimo, que lhes irá roubar a segurança que procuram na posse de uma habitação. A outra hipótese é construir a sua habitação, com os seus recursos, de forma ilegal, o que acaba por ser a resposta mais adoptada.⁸⁸

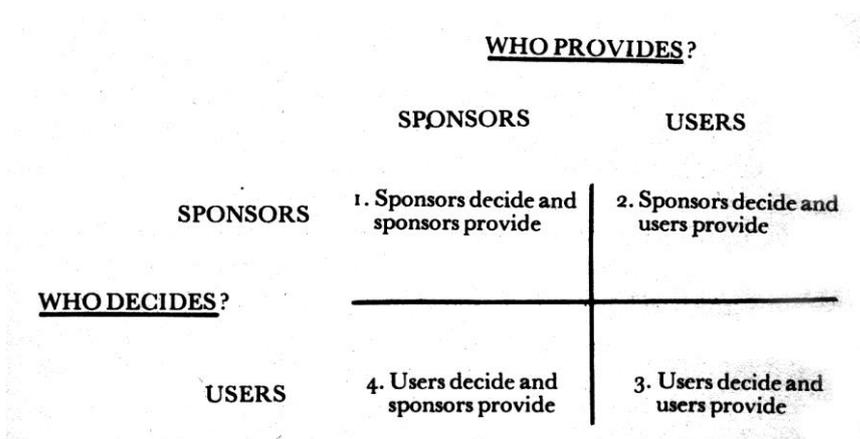
Por isto, Turner afirma que o capital seria mais vantajoso se fosse entregue aos pequenos construtores locais, na construção de casas mais baratas, mais adaptáveis e por isso mais convenientes, e que isto, de algum modo, ajudasse a manter a procura pelo trabalho local. Mas a maior parte das agências de alojamento preferem continuar a assumir que a parte mais eficaz na acção pública de *housing* é providenciar os produtos já acabados ao invés das ferramentas necessárias para que as pessoas e as organizações locais as possam utilizar. Com o Estado a arrecadar com as responsabilidades, os grandes empresários continuam a

⁸⁵Turner, J. F. (1991). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.82. *Centrally administered or heteronomous system supplying housing*.

⁸⁶ Id. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.51

⁸⁷ *Ib.*, p.82

⁸⁸ Turner, J. (February de 1974). *The Fits and Mistis of People's Housing*. p.3



27 | Quem decide e quem fornece? (3) Maioria dos casos de auto-gestão, como as *barriadas*. (4) Representação dos sistemas democráticos, patrocinadores providenciam o que os utilizadores não conseguem, dentro dos limites legislativos.

financiar todo este processo⁸⁹, e os procedimentos administrativos continuam a produzir grandes áreas plenamente equipadas, mas sub-ocupadas, contrastando com as ocupações da envolvente, *empilhadas*, mas sem serviços e autorização.

Num sistema cada vez mais global e capitalista, torna-se evidente que aqueles que defendem um sistema centralizado de construção de habitações, olham os procedimentos tradicionais como intrinsecamente menos desejáveis, e tornam a essência política numa mera luta entre os interesses públicos e privados.⁹⁰

“The essential need of a house and family is ROOM, and the essential improvement of a house for its family is MORE ROOM.” (Geddes apud Turner, 1963:391)

Uma habitação pré-fabricada é obviamente inflexível, dependente de uma maior quantidade de energia, e regra geral tem uma vida mais curta do que uma construída pelas mãos de pequenos construtores.⁹¹ As organizações corporativas responsáveis, para conseguirem dar azo a tantas exigências, têm que recorrer ao uso de tecnologias pesadas, o que torna este método tão dispendioso de reparar, que se torna mais vantajoso comprar um novo – para grande proveitos dos fabricantes e fornecedores.

“If Government cannot, or will not, make up the difference between what housing laws require and what the effective demand can purchase, then why do they create these problems? [...] Why [...] are the *problems* so universally defined in terms of what people *ought* to have (in the view of the problem–stater) instead of in realistic terms of what people *could* have?”
(Turner, 1972:150)

Na perspectiva da grande escala, terá que haver sempre um maior grau de uniformização na infraestrutura, e um planeamento central será sempre preferível a uma administração local de sub-sistemas ou sub-mercados, uma vez que são raras as ocasiões em que existem retornos positivos quando os investimentos são feitos em formato *low-cost* para pessoas com baixos rendimentos.⁹² Aliás, a percentagem de recuperação dos empréstimos para alojamentos para pessoas com baixos rendimentos em países com rápido crescimento urbano é de cerca de 30%⁹³, reflectindo a resistência dos seus habitantes em pagar pelo seu uso, o que acaba por se tornar num fardo para a sociedade. O absurdo deste contraste entre as unidades oficialmente aprovadas e equipadas e as que estão efectivamente ocupadas

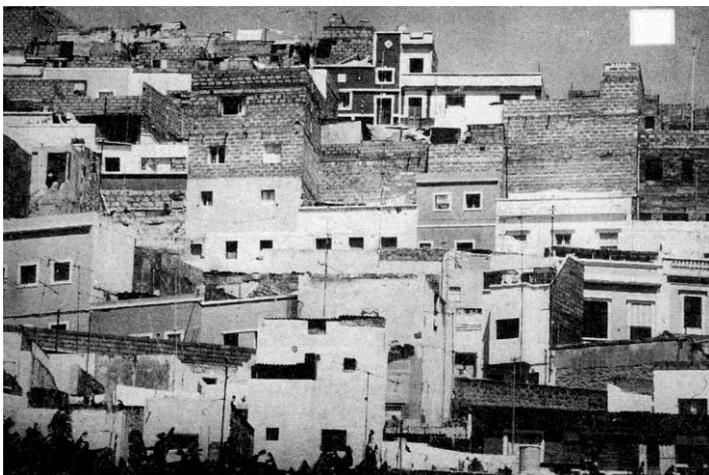
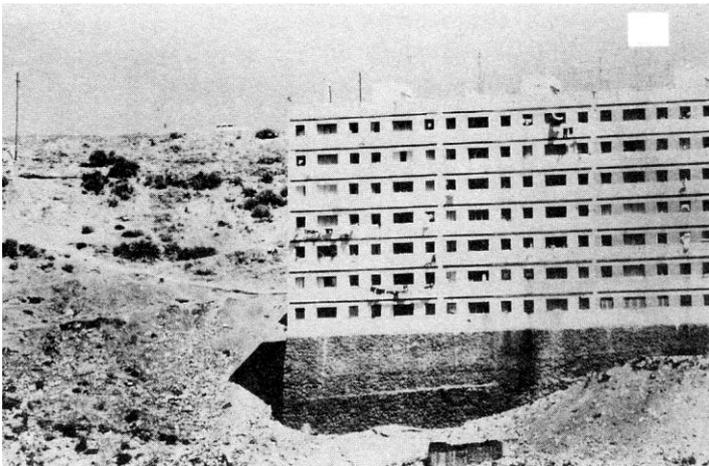
⁸⁹ *Ib.*, p.5

⁹⁰ *Id.* (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.130

⁹¹ *Ib.*, p.107

⁹² Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.118

⁹³ *Id.* (February de 1974). *The Fits and Misfits of People's Housing*. p.5



28 e 29 | Las Palmas, Ilhas Canárias. Exemplo de um bloco *standard*, que não se adequa ao local, em contraste com as tradicionais habitações, construídas por não-profissionais, que ocupam o seu espaço ao longo da colina. É de evidenciar que estes exemplos são contíguos.

diz-nos algo sobre a nossa própria situação e do nosso papel enquanto profissionais num mundo a caminho da urbanização.⁹⁴

Geograficamente, os sistemas de alojamento centrais têm tendência para se localizar na periferia da área construída de vilas ou cidades, pela disponibilidade de terreno existente e o baixo custo.⁹⁵ Por outro lado, *user-controlled housing* pode acontecer em qualquer outra parte das cidades, vilas e aldeias, sendo que é impossível generalizar a sua área.

Nem todos os projectos públicos de alojamento são construídos na forma de blocos de apartamentos, claro, mas essa é a tendência e regra geral. É mais fácil para uma empresa construir grandes blocos, mais rentáveis para que a maquinaria possa ser usada em sua maior vantagem. Grandes edifícios, no entanto, têm um índice de adaptabilidade muito baixo, enquanto que as *self governing* áreas, por outro lado, geram as mais diversas formas de ocupação, como demonstra a figura 29.

Os projectos de alojamento em grande escala são inevitavelmente altamente estandardizados, por razões administrativas e tecnológicas. Tal como já foi referido anteriormente, o número de tipos de habitações desenhadas e construídas por qualquer agência tem que ser reduzido a um mínimo ou a parte administrativa torna-se de tal forma complexa que os custos da construção tornam-se intoleráveis. Apesar disto, costumam normalmente o dobro de um projecto semelhante construído pelo empreiteiro privado ou construtor, e normalmente mais do dobro do custo do que se fora construído por um pequeno empreiteiro, que trabalhe directamente para um proprietário. Quando este é também o construtor, a diferença poderá ser de mais de 400%!⁹⁶

Aptidões profissionais e gerenciais também são escassas, especialmente em países com um baixo valor de rendimento *per capita*. O próprio terreno poderá ser um recurso escasso, especialmente onde cidades colidam com terras agrícolas, ou onde o crescimento excessivo das primeiras leve a um aumento substancial dos transportes e outros custos sob as infraestruturas. Por último, o capital, particularmente o futuro ou crédito, é um recurso escasso, especialmente quando tem que ser emprestado de outrem, o que a grande escala irá aumentar a dependência nacional em investidores estrangeiros. Um factor importante que regula o preço das construções é a natureza dos recursos usados, renováveis ou não renováveis. Embora a escassez de cada um deles varie com o tempo e o local, na prática, qualquer operação, ferramentas, ou materiais que consumam grandes quantidades de combustíveis fósseis.

⁹⁴ *Ib.*, p.3

⁹⁵ *Id.* (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.5

⁹⁶ Turner, J. F. (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.6

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Os recursos renováveis, nestes países, partem essencialmente daquilo que as próprias pessoas possuem ou conseguem obter de uma forma local: a sua imaginação, iniciativa, aptidões, energias, e o seu tempo. Também podem existir abundantes fornecimentos de certos materiais, como a areia e o cascalho. As pessoas, quando motivadas por uma oportunidade de satisfazer as suas necessidades prioritárias encontram maneiras de obter dinheiro adicional, pedindo emprestado a amigos ou familiares, na venda de jóias, trabalhando horas extraordinárias ou um segundo emprego, por exemplo.

No entanto, quão liberal se apresenta o sistema, para conseguir dar uso a estes recursos baratos e abundantes? Uma vez que as grandes organizações têm obrigatoriamente que impor um *standard* nas suas operações e nos seus produtos, indivíduos e pequenas associações locais ou grupos não podem participar sem aumentar as despesas administrativas⁹⁷, o que torna estas organizações progressivamente mais dependentes dos recursos não renováveis, mais dispendiosos.

⁹⁷ Turner, J. F. (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.6

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

2.2.2. Sector Público, Privado e Popular

Existem dois sistemas dominantes – o público e sector comercial privado, ambos controlados por estruturas piramidais, resultando num número muito reduzido de autoridades locais no primeiro, e demasiados especuladores no segundo, focando os recursos do mundo sob o controlo governamental de elites. Para aqueles que não se conseguem enquadrar dentro desta pirâmide resultará, primeiramente, num desajuste para a sociedade e consequentemente numa crescente população de sem-abrigos - o que começa por provocar um colapso, primeiro a nível social, que se reflectirá depois no financeiro.

No caso de países em desenvolvimento, a realidade destes sistemas poderá resultar numa subdivisão em *sector popular* e na exclusão do privado, sendo que este último contribui o mínimo para o processo de *housing* ou da urbanização em si. É possível que o sector comercial contrate alguém para a parte construtiva de um projecto, e os ocupantes possam adquirir algumas responsabilidades na sua manutenção, ou poderá fornecer equipamento e materiais, ou levar a cabo um ou outro trabalho público, mas não muito mais.⁹⁸

Por definição, um país em urbanização, na sua constante transição, torna a divisão dos sistemas confusa, criando todo o tipo de anomalias e tensões nas quais a perda do controlo e um *urban settlement* organizado é um sintoma.⁹⁹ Por isto, a ideia de que o papel do governo deveria primeiramente ser o de assegurar que aqueles com a melhor capacidade de construir tenham acesso às ferramentas ou recursos básicos só ganha força, como se se tratasse de uma delegação de poderes. Por recursos básicos entendamos as terras, títulos para estas ou crédito, e assistência técnica para prosseguir com o design económico das subdivisões e moradias. Mas, mais importante, infraestruturas e instalações comunitárias que as pessoas não conseguem pôr em prática por si próprias mesmo com o crédito do governo e assistência técnica, estradas, distribuição de água potável e electricidade, como elementos extremamente estandardizados que são, continuam a requerer acções a uma maior escala.¹⁰⁰

⁹⁸ Turner, F. C. (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.5

⁹⁹ Id. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.128

¹⁰⁰ Id. (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.7

elements components assemblies

| | | |
|---|---|---|
| ● | ● | |
| ● | ● | ● |
| | ● | ● |

central government

municipal

private and local

elements components assemblies

| | | |
|---|---|---|
| ● | ● | ● |
| ● | ● | ● |
| ● | ● | ● |

Aqui entra o *Princípio da Variedade de Ashley*. Este diz que quanto maior a organização, com menos variedade conseguirá lidar, e quanto maior a escala a que terá que operar maior será a dependência de recursos escassos e não renováveis. Por isso, deve-se evitar utilizar estas grandes empresas para operações e produtos complexos, da mesma maneira que não se deve ir através de pequenas organizações para controlar operações que têm procedimentos *standard* a escalas regionais e nacionais.¹⁰¹

Este princípio segue a lógica de Turner, de que as decisões deveriam ser tomadas pelo nível prático mais baixo, para que as pessoas não sejam *prevenidas* de tomar decisões das quais são perfeitamente capazes. Até porque, regra geral, os níveis superiores não terão a mesma competência essencialmente pela falta de *conhecimento local*. Por isto, o ideal para a comunicação seria que, ao invés de ter que passar por um sistema piramidal, esta se baseasse numa *network* e, assim, permitir a variedade que a própria requer ao longo das negociações.¹⁰²

Turner metaforiza a sua ideia através de uma rede de linhas de comboio, utilizando o termo *equifinalidade* para definir uma multiplicidade de caminhos pelos quais se pode optar para se atingir um mesmo objectivo - uma rede de caminhos, com paragens obrigatórias e limitadas, com redes primárias e secundárias e, assim, a transposição entre uma só linha num sistema autoritário e uma grande variedade num sistema democrático limitado.

O facto de existir um grande lapso de informação no que diz respeito à pré-inspecção das condições de uma habitação, sem quaisquer referências às situações e prioridades de cada família, irá continuar a causar danos, independentemente dos esforços e gastos investidos na atribuição de uma habitação. Mesmo com a possibilidade remota de existir um qualquer sistema central que apoiasse a grande maioria de famílias com bons serviços, a tolerância do primeiro seria extremamente baixa¹⁰³ para qualquer necessidade pessoal ou de serviços do indivíduo – resultado do qual o utilizador final não teria qualquer responsabilidade.¹⁰⁴

A falha parte também pelo facto de não ser reconhecido pelas estatísticas a diferença crucial entre sector popular *use-motivated*, e o sector comercial *profit-motivated*. A maior parte do sector popular no processo de *housing* é ignorado e, muitas vezes, grandes zonas urbanizadas nem sequer aparecem nos mapas. Chega-se a um extremo em que este jogo habitacional passa a ser entre os poderes políticos e comerciais, ao invés de servir as pessoas pelos quais foram criados em primeiro lugar¹⁰⁵, e as razões para as falhas no sistema convencional de *housing* acabam por se prender com a falta de associação entre as necessidades das pessoas e o mesmo.¹⁰⁶

¹⁰¹ Turner, J. (January de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.7

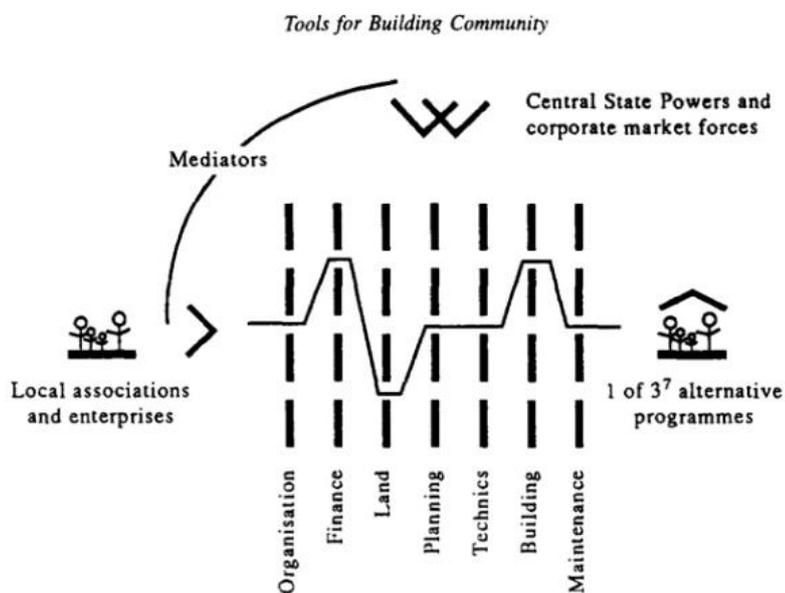
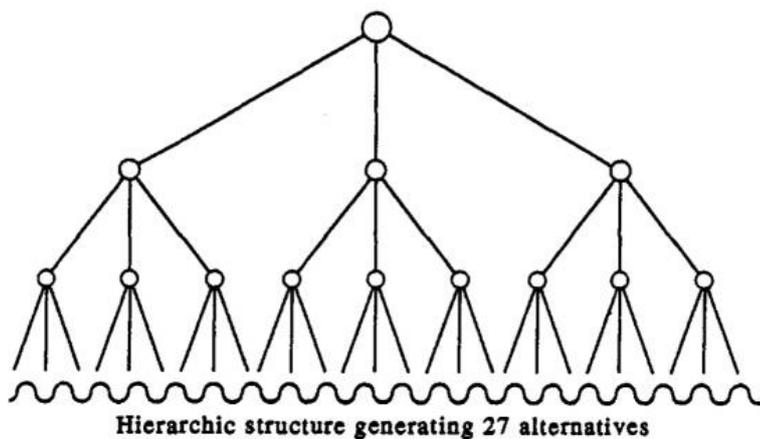
¹⁰² (11 Setembro 2000) Interview of John F.C. Turner. p.23

¹⁰³ Turner chama-lhe *Gift Horse Syndrome*

¹⁰⁴ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.100

¹⁰⁵ Id. (1972). *Housing as a Verb*. p.172

¹⁰⁶ *Ib.*, p.174



“However well-intentioned, the imposition of standardized housing on the false basis of officially presumed ‘needs’ is potentially murderous. It is ironical that so many personal tragedies are caused by well-meaning professionals and administrators, often with strong ideological motives, who suppose they are contributing to the common people’s well-being and even working towards a more just society.” (Turner, 1976:98)

Tentativas de sistemas centrais estandardizados são claramente instáveis, tanto porque não conseguem fazer face às empresas privadas, ou porque são impostos a pessoas com poucas posses, que têm menos escolhas e sofrem com a incompatibilidade da atribuição de uma habitação face às suas prioridades.¹⁰⁷ Por isso, como é que se consegue que o Governo trabalhe com a população e não o contrário?¹⁰⁸

As figuras 31 e 32 exemplificam as opções disponíveis num sistema piramidal, e noutro em que toda a gente tem acesso às mesmas variáveis. A figura 31, representativa de um sistema centralizado com apenas com três níveis, resulta em vinte e 7 opções. Na figura 32, supondo que todas as vinte e uma combinações são possíveis, resulta em 2 187 opções. O terceiro actor que aparece na figura funciona como mediador entre as associações das comunidades e as companhias quando estas têm pouca capacidade, política ou comercial para negociar directamente com o poder central.

“[to] assume that it (housing) must or should be supplied by ‘ever-larger pyramidal structures an centralizing technologies’ is suicidal. Yet this is the basis of all modern housing policies – a quicksand into which they all sink, even if they can be kept afloat awhile with money. And all this has gone on while real demands have been almost completely ignored or misinterpreted by heteronomous systems impervious and blind to the plentiful resources available.” (Turner, 1976)

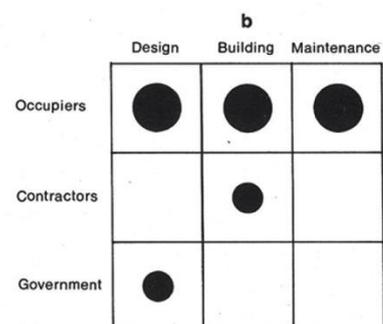
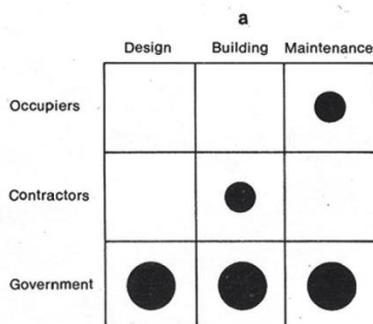
Com esta representação, John Turner tenta demonstrar que, embora nem todos os caminhos sejam compatíveis, a melhor maneira de encontrar uma solução prática na produção tradicional é baseada em *networks*, uma vez que estas oferecem acesso equitativo aos recursos. Assim, são as pessoas que, no seu local de trabalho, nas suas casas, na sua vizinhança que terão a responsabilidade e o controlo sobre as suas ferramentas - “You know when the residents are in charge, when they feel they own it.” (Turner, 2000)

A resposta para que isto possa acontecer a curto prazo implica uma necessária redução do investimento público *directo* no processo de construção a nível local e uma redirecção deste para o aumento considerável de infraestruturas e recursos básicos.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.98

¹⁰⁸ (2000) *Interview of John F.C. Turner*. p.11

¹⁰⁹ Turner, J. F. Op. cit.; p.134



33 | Diagrama que mostra o papel da autoridade num sistema centralizado (a) e num projecto de auto-construção (b). Formulações para responder à questão de quem decide o quê.

Neste seguimento, o sistema autónomo e auto-governante¹¹⁰ é aquele que melhor se enquadra, com várias soluções a um baixo custo mas com alto *use-value*, ou seja, aumenta o seu capital de forma proporcional com o investimento que nele é feito. Um princípio de auto-gestão aponta, só por si, para uma maior variedade, controlada a nível local, onde patrocinadores, construtores e futuros proprietários se podem conjugar das mais variadas formas, conseguindo assim com que os últimos mantenham a oportunidade de escolha entre várias alternativas, com as suas particularidades associadas a diferentes estilos de vida.¹¹¹ A verdade é que os inquilinos têm muito pouco controlo sobre o *design* e a construção das suas casas, ou mesmo sob as maneiras como são geridas ou mantidas. Isso não significa que com a auto-gestão teriam abertura para alterar tudo o que entendessem mas, ao invés de serem obrigados a agir de determinada maneira, as suas acções poderiam ser controladas apenas pelo estabelecimento de *limites*, do que poderiam fazer segundo a sua própria iniciativa e à sua maneira – o princípio de planeamento através de limites.¹¹²

Housing by People não significa que seja o próprio indivíduo ou as comunidades a construir por eles mesmos, mas sim que estes tenham o controlo sobre a sua construção. Auto-construção não significa que seja *apenas* o proprietário a construir a sua habitação, de todo – o auxílio será sempre pedido, regra geral a construtores locais.

“Ingeniero, si nos habian dado las ayudas y orientaciones cuando las necesitábamos...”¹¹³

Se ainda assim as próprias instituições, quer do sector privado ou público, não conseguirem dar resposta rápida às necessidades habitacionais, torna-se imperativo e lógico que essas mesmas necessidades sejam encontradas pela própria população, sendo preferível que cada indivíduo aja fora da lei, do que não aja de todo¹¹⁴ - as pequenas imperfeições na habitação de cada um são mais toleráveis se forem responsabilidade do próprio do que se tiverem sido causadas por outrem.

“The real test of who stands where on the real issues comes when consumers break out of their institutionalized roles, and become producers and administrators. Then the emotional disturbance of those who fear freedom surfaces at once.” (Turner, 1976:21)

¹¹⁰ *Locally self-governing autonomous system.*

¹¹¹ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*.p.104. Turner chama-lhe o princípio da auto-gestão na habitação.

¹¹² *Ib.*, p.106

¹¹³ Idem. (Agosto de 1963). *Dwelling resources in South America*. p.391

¹¹⁴ Id. (1972). *Housing as a Verb*. p.171

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

2.2.3. O Papel da Economia

Tal como já foi discutido, existe uma tendência generalizada para assumir que ao serem atribuídas habitações novas será sempre para melhor. Se partirmos do pressuposto que a sua qualidade de construção e localização são boas, o que poderá falhar para alguém que nunca teve aquilo que regularmente apelidamos de casa, construída com paredes de tijolo?

Através da analogia de *housing* enquanto substantivo e verbo, Turner desenvolve uma teoria interessante, que resume as suas premissas de uma forma bastante clara. Se enquanto substantivo não tem grandes dificuldades interpretativas, *housing* enquanto verbo já implica uma acção, algo que vai evoluindo e que se vai clarificando através das relações entre os vários participantes que fazem parte do processo. Por isto, Turner defende que *housing* deve ser visto como um ecossistema, entendido apenas através das inter-relações entre as pessoas, as suas acções e o seu meio ambiente.¹¹⁵ Porque, afinal, o Homem não é algo *quantificável*.

“[...] the linguistic difference between housing as a noun and housing as a verb, and the political difference between legislating standard rules and executing standardized games.”

(Turner, 1972: 153)

Housing enquanto actividade tem que ter sempre em vista os actores, as suas acções e os seus objectivos, e só com os próprios habitantes enquanto actores principais serão atingidos os melhores resultados.¹¹⁶ E só quando os problemas ligados ao verdadeiro significado de *housing* e à importância da autonomia dos seus habitantes estiverem estabilizados é que conseguirá uma explicação do porquê de alguns destes projectos de desenvolvimento conquistarem de facto os seus habitantes ou, por outro lado, que a sua apropriação seja feita de tal modo desligada, que os seus apartamentos acabem por se degradar de forma exponencial.¹¹⁷

Mesmo aquelas autoridades ou *housing analysts* que reconhecem a variabilidade das prioridades para os standards de um abrigo ou do conforto, para uma conveniente localização, e para segurança – e que, por isso, rejeitam unidades standard como regra para atribuição de

¹¹⁵ Turner, J. (February de 1974). The Fits and Misfits of People's Housing. p.4

¹¹⁶ Id. (1972). Housing as a Verb. p.158

¹¹⁷ *Ib.*, p.164



34 | Pruitt-Igoe, St. Louis, Missouri. Projecto vencedor de um prémio para alojamento público, demolido vinte anos depois, como resultado do vandalismo provocado pela sua impopularidade.



35 | Fergusleigh Park, Paisley, Scotland. Casas abandonadas, vandalizadas, quarenta anos depois.

housing – não conseguem explicar facilmente ou antecipar as largas variações de escolha ou de acções observadas.¹¹⁸ E, por isto, Turner defende que deveria existir um sistema de acompanhamento, dividido em dois: um para a parte material, outro para as necessidades básicas.

“In an economy of scarcity, the mass of the common people, though poor, possess the bulk of the nation’s human and material resources for housing. Their collective small savings capacity and their collective entrepreneurial and manual skills (and spare time) far surpass the financial and administrative capacity of even the most highly planned and centralized institutional system, whether dominated by the state or by private capitalist corporations.” (Turner, 1972:171)

Turner demonstra que não é possível uma economia de escassez co-existir com uma política autoritária de um sistema de *housing*. Por outro lado, também afirma que um resultado satisfatório da combinação entre *housing demand* e *housing supplied* por instituições centrais é politicamente impraticável em economias de extremos, como acontece na maior parte dos países em desenvolvimento.¹¹⁹

Há algumas suposições que precisam de uma revisão. Primeiro é necessário revogar a ideia de *standards* quantitativos, que julgam apenas as condições físicas, sem qualquer referência a todas as relações implícitas que existem entre as pessoas, e o meio que as rodeia. Depois, é preciso ter em consideração que as prioridades variam muito, consoante estejamos a falar do emigrante que acabou de ter a sua própria barraca num bairro-de-lata, assalariados que vivem nas *barriadas* ou alguém que já alcançou um nível de classe média.

Não é possível, ou aconselhável, tentar estabelecer limites em alguma actividade sem que a consigamos compreender. Sobre este tema, pouco se sabe, e o pouco que se sabe está demasiado pouco organizado. Por isto, a única solução será a de continuar a projetar e construir *ad hoc*, sem um planeamento pensado.¹²⁰ Assim, e num plano a curto prazo, a maneira de colocar estas premissas em andamento é reconhecer a necessidade evidente de existirem diferentes níveis de acção e, então, de autoridade, dividida entre o poder local, municipal ou do governo central.

A especulação fundiária torna-se ainda mais evidente nos países em desenvolvimento.¹²¹ “It is estimated that, in general, a modest but adequate urban dwelling for low-income families costs between \$US 3,000 and 6,000 on the traditional market and between

¹¹⁸ Turner, J. F. (1972). *Housing as a Verb*. p.164

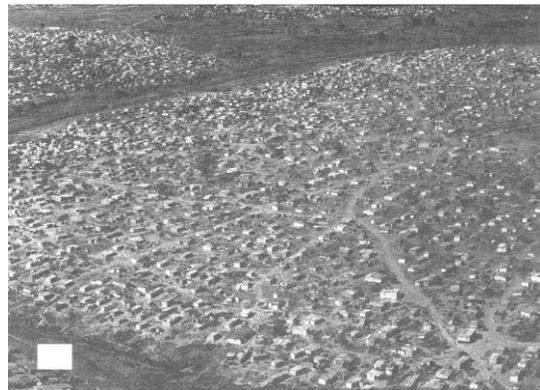
¹¹⁹ *Ib.*, p.169

¹²⁰ Id. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. pp.110-111

¹²¹ Id. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.121



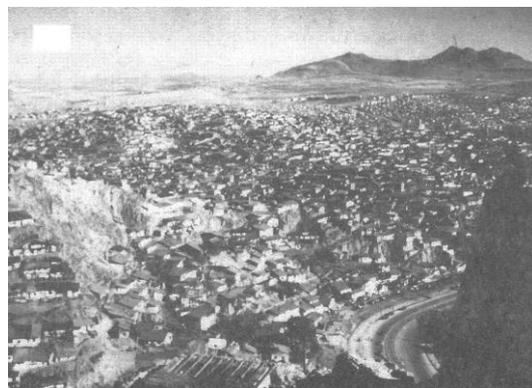
36 | *ranchos, Caracas, Venezuela*



37 | *squatter compounds, Lusaka, Zambia*



38 | *squatter settlements, Manila, Filipinas*



39 | *gecekondu, Ankara, Turquia*

\$US 8,000 and 18,000 for middle-income families”. These high costs, based on a well-documented analysis, include the following percentages: 10-20 per cent for designers’ fees and contractors’ profits and 10-24 per cent interest rates for private financing; when built by public agencies, the agencies’ administrative costs are generally between 15 and 25 per cent (in addition to contractors’ profits) but financing is less – between 6 and 12 per cent per annum. The monthly payments required – assuming twenty year loans – are \$US40-84 for “low”-income housing and \$US100-224 for *medium*-income units. Consequently: “...between 81 and 85 per cent of the low income sector (of Latin America) and between 73 and 81 per cent of the medium income sector do not have the purchasing capacity required...”(Utria apud Turner, 1972:122)

Cada sistema em particular tem uma escala óptima de operações, à qual se deve prestar atenção para uma optimização e aproveitamento dos recursos, de outra forma, as grandes empresas continuarão a dar largo uso aos recursos não renováveis. Enquanto fornecedores e construtores locais concordarem em regularizar os componentes, poderá existir um grande número de pequenos construtores a trabalhar em coordenação com grandes empresas. Atenção que também é necessário fazer a distinção entre programas gerais, que respondem a uma exigência geral, e projectos específicos que são levados a cabo por agências centrais, em resposta a exigências particulares locais.¹²²

Supor que o facto de se defender uma pequena economia de escala na questão da habitação exclui um supervisionamento moderno é tão absurdo como supor que a longa vida das habitações poderá ser alcançada apenas com ferramentas e técnicas pré-industriais. Aliás, esta necessidade de que o Estado invista em infraestruturas nos países em rápido crescimento urbano e com baixos rendimentos é ainda mais gritante na distribuição e na produção de recursos básicos, na propriedade e no investimento local não comercial, e estas deveriam ser as suas prioridades ao invés de se focar em projectos para a construção de novas moradias.¹²³

Ainda assim, e mesmo com esta falha, não deixa de ser visível o poder que o sector popular tem na área da construção de habitações não-comerciais ou semi-comerciais em cidades pertencentes a países em rápido crescimento urbano, onde estas são claramente não autorizadas (figuras 36 a 39). Em qualquer ambiente, a criatividade e capacidade de criação e a consequente possibilidade de descoberta são directamente proporcionais ao número de maneiras que um determinado grupo de variáveis poderá ser combinado. O desejo de participação activa no processo de *housing* vai depender da eficácia relativa dos sistemas centrais e dos efeitos reflectidos na produtividade dos sistemas de tal participação¹²⁴, sendo que a vontade pessoal de agir irá depender sempre das expectativas - muito poucos são aqueles que estão dispostos a pagar uma renda alta por uma habitação extremamente pobre, a menos que sejam obrigados pela escassez ou pelas forças policiais.¹²⁵

¹²² Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environment*. p.149

¹²³ *Ib.*, p.120

¹²⁴ *Ib.*, p.128

¹²⁵ *Ib.*, p.131



Principles ← Methods/tools → Practices

“[...] many planners, architects and urban development administrators are already turning around to face the fact that their real authority has quite different limits to those who have been brought up to suppose [...] human society depends on personal responsibility for the full and proper use of its resources, then the more activities that are centrally prescribed, the less will be done and the greater the costs. The poorer we are or become, the greater the urgency for proscriptive rules that support and stimulate the generation of self-ordering form.”

(Turner, 1976: 126)

As soluções para os problemas de *housing* geram mais e piores problemas, tal como em medicina ou qualquer outro sector que seja gerenciado por corporações mas que por direito e necessidade deveria pertencer às comunidades. Em tom de solução, Turner propõe que é necessário respeitar as três dimensões de comunidade, com (1) uma participação extensa por parte dos seus membros nas decisões que dizem respeito à maneira como a sua vida é governada, (2) ganhar consciência que a sociedade como um todo tem responsabilidade pelos seus membros e que (3) essa responsabilidade inclui respeito pela individualidade dos seus membros.¹²⁶ Se não se está a construir para a comunidade, de uma maneira ou outra está-se a abusar das pessoas, e a prejudicar tanto os seus relacionamentos como o seu meio-ambiente.

Por isto, a população, especialmente a mais jovem, deveria começar a aperceber-se da necessidade de reconstruir o conceito de comunidade, que tem sido tão absorvido pelo Estado e pelos mercados – reforçar o seu significado irá, conseqüentemente, reforçar a sua economia local.¹²⁷

“If building triple-community is the criterion of *best-practice* [...] an understanding that ways of living must be governed by the knowledge that life in the world is a whole, that is, reflected in any part and that all partial actions are means to the further end of life’s fulfillment.”

(Turner, 1996: 340)

O aumento da cultura moderna profissionalizada é caricaturado pelo *Wall-eyed Wally* (Fig.40) onde cada olho está focado nos pólos teórico e outro prático da actividade em questão, sem conseguir ver as ligações entre eles, que se encontram mesmo à sua frente. Do mesmo modo perdemos com facilidade a nossa própria identidade e raciocínio num mundo em que tudo nos é imposto. Como é que se pode exigir com tanta facilidade aos pequenos proprietários que percam a sua liberdade de usar o seu próprio conhecimento local, materiais e capacidades de construir, de melhorar, ou mesmo de apenas se preocuparem com as suas próprias casas e vizinhos?¹²⁸

¹²⁶ Turner, J. (1996). *Tools for Building Community: An Examination of 13 Hyptheses*. p.339

¹²⁷ (2000) *Interview of John F.C. Turner*. p.19

¹²⁸ Turner, J. op. cit., p.340



41 | "Houses in the beginning were very low, and like homely cottages or poor shepherd houses, made at all adventures of every rude piece of timber that came first to hand, with mud walls, and ridged roofs, thatched over with straw. But now the houses be curiously builded after a gorgeous and gallant sort, with three stories one over another." Sir Thomas More

Housing na realidade não privilegia as minorias de acordo com o que estas precisam e como precisam. Ou seja, começando pela noção do que é uma casa apenas pela aproximação aos padrões dos países já urbanizados e industrializados é só por si um erro, que provavelmente levará a uma desmotivação em todo o processo. Por isto, a menos que o Estado possua a maior parte da riqueza do país ou tenha controlo sobre a sua distribuição, nada poderá ser alcançado por se estabelecerem objectivos inatingíveis – excepto, claro, o de reforçar a atitude daqueles que já se encontram satisfeitos com o *status quo*.¹²⁹

“As so few professionals and politicians yet realise, the real experts on people's own situations, resources and priorities, are the residents themselves, the *inperts*, as Charles Abrams called them, on whose unique local knowledge the external experts depend on for constructive contributions [...]” (Turner, 1996:343)

John Turner acredita que projectos *ortodoxos* do governo de *low-cost housing* são extremamente dispendiosos em relação ao que deveria ser o seu verdadeiro valor económico – e esta questão é extremamente desencorajadora para um político ou para um administrador: o problema parece irremediavelmente vasto e os esforços para servir o maior sector da população aparentemente levam a mais dores de cabeça do que ao progresso. A outra implicação é que o desenvolvimento urbano irá ser de relativamente baixa densidade e que, por isso, irá estar incompleto a nível material por cerca de uma década ou mais, isto já depois da ocupação da terra.¹³⁰

“What is a politician supposed to do when his technical advisors tell him that – as in case of Peru in 1957 – 89% of the Nation's housing stock is sub-standard and that, in addition to this, there is an increasing annual demand for the growing population which far exceeds actual housing production? It is not surprising that housing policies, in underdeveloped countries with so-called 'free' economies, tend to oscillate between laissez-faire and somewhat desperate – or cynical – attempts to do something that will create the impression that progress is being made.” (Turner, 1966:12)

Os projectos de *housing* sempre tiveram como base uma maneira de agir que se apoia no que tem de ser feito e numa estrutura de linhas processuais do que tem que ser seguido. As tensões criadas pela imposição de regras generalizadas a diferentes pessoas e locais com contextos específicos e diferentes entre si só fragiliza ainda mais a situação – as normas e as leis tornaram-se irremediavelmente confusas com tantas operações e programas, o que resultou numa fusão entre os poderes legislativos e executivos.¹³¹

¹²⁹ Turner, F. C. (1966) A New View of the Housing Deficit. p.12

¹³⁰ *Ib.*, p.15

¹³¹ *Id.* (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.162

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Uma das maneiras de poder diferenciar os vários tipos de ajuda, e de automaticamente empregar os diferentes tipos de organizações, seria através da aplicação de diferentes leis *executivas* e *legislativas*, que apenas estabelecessem os *limites* para o que deve ser feito, deixando o actor principal livre para escolher o seu próprio caminho.¹³² No entanto, criar essas barreiras entre sistemas centralizados e auto-governantes sem que um ultrapasse o outro é um dos maiores problemas desse planeamento.¹³³

Daí que, e para que resulte numa legislação coerente, é necessário criar bases de dados das várias situações. As avaliações que daí resultem não podem ser feitas através de dados que ainda não foram conceptualmente selecionados e organizados, ou não passarão de mais do que descrições, na melhor das hipóteses. Acções e informação precisam de ser específicas no tempo e espaço, enquanto que teoria e lei têm que ser gerais para serem úteis. Para se conseguir estabelecer os seus princípios e limites, a *lei prescritiva* requer teoria e exemplos de modelos generalizados, e para isto as esferas política e científica precisam de ser complementares.¹³⁴

Poucos ou nenhuns administradores têm o poder de mudar os fins de trabalho, só por si. Por isso é necessário pessoal estratégico - profissionais ligados ao ramo - que seja capaz de lidar com a informação e que, fazendo uso dela, determine quais as acções que deveriam ocorrer ao longo de grandes períodos de tempo.

Um dos problemas específicos no que diz respeito à situação de Lima não é o de não existirem recursos, mas antes o mau uso dos que existem e estão imediatamente ao dispor da população. Pelos termos da definição ortodoxa, no caso de duas famílias que paguem o mesmo valor de renda, mas uma está desempregada e a outra vive minimamente bem para os padrões de uma família pobre, ambas serão tratadas da mesma maneira e transferidas para uma nova habitação.¹³⁵ Ou seja, algo tem que mudar para que erros como este não sejam cometidos. Turner defende que não está a trazer nenhuma proposta nova e, ao contrário dos pensamentos modernos, o que ele tenta apontar é algo totalmente tradicional.

Mais do que uma lei *prescritiva*, Turner defende uma economia de meios - fazer o que se quer com o que se tem implica retirar o máximo do mínimo. Neste caso significa maximizar o uso de recursos renováveis e minimizar o uso dos não-renováveis, uma vez que a produção industrial tem os seus usos e estes devem ser limitados, ou a industrialização irá destruir o Homem ainda mais do que o capitalismo primitivo que criou.¹³⁶

¹³² Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.108

¹³³ *Ib.*, p.109

¹³⁴ *Ib.*, p.160

¹³⁵ *Id.* (1966) *A New View of the Housing Deficit*. p.16

¹³⁶ Turner, J. F. *op. cit.*, p.154

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Housing deve ser visto como algo que tem potencial para provocar uma mudança de atitude e não só como algo que fornece um abrigo físico. A dignidade de um homem não fica danificada pela sua moradia pobre, mas pela sua pobreza que numa casa moderna só será ainda mais exposta. Mas se permitirem que este homem arranje um trabalho, ajudando-o a viver (não interessa quão pobre) num local onde ele possa encontrar um ou, caso já tenha um, apresentar-lhe um sítio onde possa construir e aconselhar onde for preciso, ele fará o melhor uso das suas oportunidades e, devagar, deixará de ser pobre.¹³⁷

“[...] by absorbing peoples’ activities and so destroying opportunities for fulfilment, centrally managed housing defiles persons and wastes material resources, generating a dirty and ugly environment. For those with whom I share an understanding of built form as a reflection of our relationship with the universe, it is all too clear that the architecture of corporate, urban-industrial housing desecrates life instead of celebrating it. Crude as it may usually be, the architecture of low-income, self-built homes and neighbourhoods reflects a recovery of the vernacular roots of genuine culture, along with the material foundation of a sustainable way of life. The erosion of that foundation by corporate absorption undermines the potential for sustainable economic growth where needed and the reduction and stabilization of consumption elsewhere.” (Turner, 1996:344)

Há um desejo intrínseco nos escritos de Turner de querer destacar não só a universalidade dos problemas, princípios e práticas envolvidos num processo de construção de uma moradia, mas também a sua crença pessoal do quanto os ricos poderão aprender com os pobres.

Turner queixa-se que, tal como Mangin, ele e outros têm sido acusados de romantizar a verdadeira condição das pessoas normais na maior parte das cidades do mundo, porque falham constantemente a tentativa de distinguir entre as práticas que descrevem e os princípios que conseguem identificar. Acrescenta que até os leitores de *Freedom to Build* assumem que este se encontra apenas a escrever sobre a auto-construção num sentido literal do *faça-você-mesmo*, renegando os princípios básicos de *housing*. Tal como dito anteriormente, a obrigação de construir a sua própria casa pode ser tão opressiva como ser proibido de a fazer.¹³⁸

No desempenho da função de arquitecto, é muito diferente ser obrigado a fazer de determinada maneira, ditada por lei, ou ser livre de construir uma parede porque o próprio e/ou o cliente assim o preferem. No caso das *barriadas* a situação complica-se ainda mais. Em algumas circunstâncias a localização das *slum settlements* sobre lixeiras, áreas inundadas, *et cetera*, desafia toda a tentativa de pôr em prática qualquer planeamento físico racional.

¹³⁷ Turner, J. (1968). *Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies*. p.127

¹³⁸ Id. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.128

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Turner despendeu a maior parte do seu tempo a tentar desenvolver programas de auto-ajuda que fossem viáveis.¹³⁹ Os melhores casos de estudo, que englobam tanto sucessos como fracassos, deveriam servir para como oportunidade para se identificar os procedimentos, técnicas e tecnologias utilizadas, nunca esquecendo o contexto geográfico, social e político, económico e tecnológico, em que surgiram. Chama a atenção com que é necessário, de um modo quase imperativo, desenvolver e aprofundar o estudo destes processos de *housing*, não por terem regras, mas porque se começam a seguir padrões, e que estes possam começar a indicar qual o melhor percurso, com intuito de reduzir os riscos de *mismatch*.¹⁴⁰

Enquanto arquitectos, temos obrigação de compreender a natureza dos materiais, e saber sob que leis nos devemos organizar. No entanto, ainda há demasiado trabalho a ser feito no campo comportamental do Homem, no seu ambiente e a forma como este é afectado. Falta informação detalhada, casos de estudo precisos e variados, e há uma considerável falta de acessibilidade a documentos e casos de estudo. Provavelmente é uma falha que nunca será colmatada, mas é importante que haja um esforço num sentido de a melhorar, uma vez que é extremamente importante a compreensão sobre o método de *planning*, caso contrário o uso e abuso dos locais e dos seus habitantes irá prevalecer.

A solução que John Turner lança contempla a criação de uma rede de trabalhadores independentes que, providenciando uma vasta variedade de sistemas de controlo, possa interligar mais facilmente as especificações locais e pessoais. Consequentemente, a satisfação das altas expectativas irão estimular o uso dos recursos tanto humanos como materiais dos locais, e isto irá aumentar a responsabilidade pessoal e, por isso, também a sua tolerância. Quando estes campos são adequados, regra geral consegue-se criar uma estética satisfatória e um ambiente culturalmente preenchido. Se resultam ou não, só o conseguiremos comprovar com os já referidos estudos e continuar a arranjar soluções alternativas. E, embora consigamos reconhecer que há muitos problemas a resolver, também não podemos apressar a sua resolução, sob a pena de serem os mais pobres os mais afectados.¹⁴¹

A participação dos cidadãos num sistema centralizado requer mais tempo e dinheiro por unidade de produção. Mas, se nos casos em que isto aconteceu, as respostas demonstram que os sistemas de auto-governança têm potencial para uma disposição de *housing*, então não será relevante continuar a tentar arranjar formas alternativas de participação?¹⁴² Esforços devem ser feitos para mover as organizações de construção a grande escala para um médio-alcance de desenvolvimento de estruturas e para um grande alcance de produção de materiais de construção e componentes.¹⁴³

¹³⁹ Turner, J. F. (1972). *The Reeducation of a Professional*. p.145

¹⁴⁰ Id. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.80 *Mismatch* como incompatibilidade num jogo de correspondências, no qual várias hipóteses poderão ser consideradas correctas, mas com percentagens diferentes de compatibilidade.

¹⁴¹ Id. p.156

¹⁴² Id. p.137

¹⁴³ Id. (Janeiro de 1976). *Approaches to Government-sponsored Housing*. p.7

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Capítulo 3

Quem decide? Quem providencia?

A pergunta colocada no primeiro encontro em Veneza em 1952 mantém-se: *Quem participa e em que decisões?*¹⁴⁴ *Quem decide?* Para a resposta conseguir um resultado adequado ter-se-á que se questionar a definição histórica e empírica do poder político e da autoridade assim como ter-se-á que problematizar o papel de um profissional nesse nexos entre participação e decisão, tal como defende Turner.

Qualquer que seja o caso de estudo relacionado com o subcontinente centro-sul americano terá forçosamente que tomar em linha de conta a significativa expansão demográfica desse território entre 1950 e 1960¹⁴⁵ e a subsequente ambição por maior mobilidade social e portanto por melhores condições de vida que levou essa população jovem e destituída de recursos próprios a procurar trabalho e alojamento nos territórios metropolitanos. A migração e o aparecimento de grandes agregados peri-urbanos de carácter informe e de génese casuística estão ligados à questão da terra, da sua posse e uso, questão central que definiu e define as relações sociais de produção, a distribuição da riqueza e a relação entre os cidadãos e o poder político nas diferentes entidades políticas nacionais desse subcontinente.

¹⁴⁴ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.128

¹⁴⁵ "In 1950, the total population of Latin America and the Caribbean was about the same as the total population of Anglo America (the United States and Canada), but the demographic changes of the 1950s and 1960s created a period of explosive growth that pushed Latin America's population well above that of Anglo America. The region's population more than doubled between 1950 and 1980, as it grew from 167 million to 361 million." Brea, Jorge. A. (Março 2003) Population dynamics in Latin America, p.7

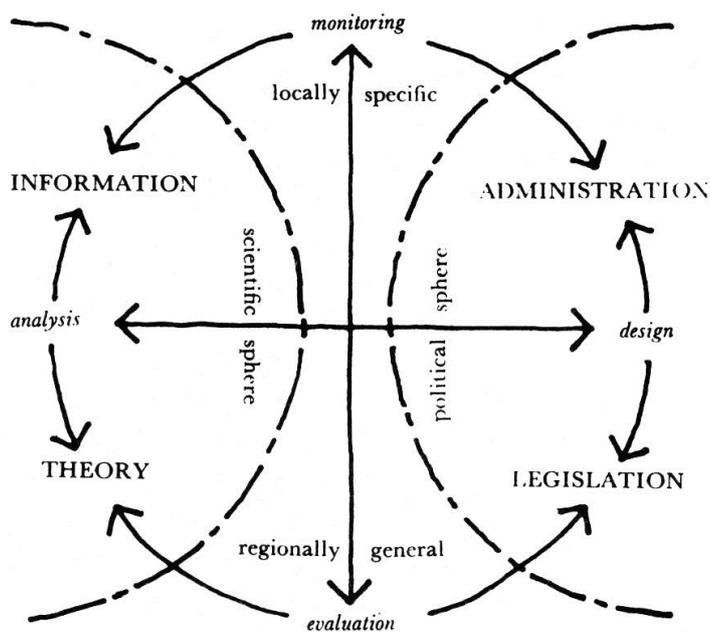
Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

É, todavia, importante compreender que para muitas famílias habitantes do espaço urbano e rural da América do Sul, famílias que vivem no limiar da pobreza, a sua lista de prioridades poderá nem sequer incluir uma habitação. Na sobrevivência das classes sociais destituídas torna-se premente a questão da subsistência económica e do seu agenciamento quotidiano – encontrar trabalho, ganhar a vida, garantir a próxima refeição.

Já no seu artigo de 1948, mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, Giancarlo de Carlo apontava a questão da habitação como o problema da sociedade contemporânea. Dizia também que o pior deste cenário é o facto do Capitalismo e do seu Estado, a Propriedade e a Burocracia, a Acumulação e o Monopólio da violência organizada não possuem os instrumentos necessários para resolver este problema. O capitalismo não está interessado na socialização do alojamento ou em construir casas, bairros, cidades para resolver problemas sociais. A economia capitalista fundamenta a sua acção no território através da especulação fundiária portanto da monetarização do espaço e na sua transformação em mercadoria; as suas principais coordenadas são a concentração, açambarcamento e exploração dessa mercadoria de acordo com a lei da oferta e da procura; não está portanto na sua génese resolver o problema social do alojamento ou encontrar estratégias que obstem à contradição entre a abundância de mercadorias e a escassez da sua posse, pelo contrário interessa-lhe que a necessidade não se resolva objectivamente mas que se transforme num factor de dinamização da especulação é por isso que o capital privado é aplicado em projectos de classe média e alta, blocos de escritórios, lojas de luxo e cinemas, aquilo que efectivamente dá garantias de lucro. Assim, a população pobre tem automaticamente que procurar refúgio nas velhas casas, pouco higiénicas, com todas as consequências que essa sobrelotação possa acarretar.

Trinta anos antes dos textos de Turner, já eram evidentes as limitações dos serviços públicos de *housing* com os seus custos demasiado elevados para poderem servir aqueles para os quais foram realmente criados - além do facto de terem uma má construção e serem esteticamente pobres, demonstrando uma desconsideração pelo habitante, afirmando-se como mais um número no ser abstracto do aparelho do Estado.

Um aspecto a relevar é que os países do subcontinente centro-sul americano, cuja soberania política fora conquistada há pouco mais de cem anos, mantinham uma dependência financeira, tecnológica, cultural e política dos E.U.A. e da Europa; não se haviam, portanto, concretizado as condições para uma revolução industrial consequente e portanto para uma modernização do seu território comparável ao que acontecera com o vizinho do Norte; o contexto dessa incapacidade logística do Estado e as suas contradições eram resultantes da deficitária infra-estrutura, das políticas económicas viradas para extracção de recursos mineiros e naturais cujo valor de mercado permanecia nas mãos dos especuladores norte-americanos e



1 | Esquema de Turner que resume os agentes que participam no processo de *housing*.

européus, para o desenvolvimento intensivo de monoculturas agro-pecuárias. Grande parte do século XX sul-americano caracterizou-se por recorrentes políticas de desigualdade económica, de expropriação e sobreexploração da mão-de-obra, para uma programada instabilidade das instituições políticas que ou derivavam do golpismo autocrata e militarista ou serviam como pretexto para o seu evento.

Turner é menos o *master builder* e mais o agente de um novo tipo de sociedade fundada numa cidadania participativa mas também marcada por um enorme romantismo quer nos seus objectivos quer nas suas possibilidades, considerando que se manifesta no contexto impossível de uma sociedade capitalista de acumulação primitiva. A sua insistência em definir o *housing* como um verbo, como uma estrutura proactiva porque o homem não é algo quantificável, ignora o óbvio de que o Estado, enquanto encarnação administrativa e jurisprudente de uma dominação de classe, nada irá fazer para alterar a crise do alojamento, a precariedade e as condições de vida dos deserdados da terra. A burocratização, a abstractização das subjectividades e das relações intersubjectivas em fragmentos estatísticos, em resultados econométricos são apenas a manifestação de um naturalismo imposto pelo Estado (burguês e oligárquico) para a preservação *do status quo* e que define a pobreza, o desemprego, a iliteracia e o obscurantismo como realidades imutáveis.

“The home is an organism in direct relationship to man. It is his external environment, his affirmation in space. Thus the home cannot have any relationship to the State that recognizes man not as an individual but as a number, a fraction of some greater number.”

(De Carlo, 1948:96)

Ainda assim, John Turner formula hipóteses a que tenta dar uma resposta. Sumariamente, e como já vimos, este assume que há uma *carência de auto-gestão* nos assuntos locais para os quais o princípio da liberdade local e pessoal para construir deveria ser mantido. Para que esta *liberdade* se mantenha, deve-se fazer sempre *uso do mínimo poder* necessário, disponibilizando sempre as ferramentas indispensáveis para que possam desenvolver o seu trabalho, tendo consciência que as estruturas básicas exigem a presença dos *standards* de grandes organizações e da sua maquinaria pesada. Para que os limites entre estes dois mundos não sejam ultrapassados por nenhuma das partes, o seu planeamento deve ser essencialmente *legislativo*, estabelecendo apenas os limites.¹⁴⁶

Para colocar estas premissas em prática, defende que o mais importante a ser desenvolvido neste tipo de projeto são as boas bases de comunicação entre as pessoas envolvidas. O intensificar dessa intercomunicação, além de redobrar os esforços presentes, irá aumentar as hipóteses de ganhar o apoio de pessoas que actualmente se encontram inactivas e que querem efectivamente ajudar. Para isto, é imperativa a revisão dos princípios

¹⁴⁶ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.155

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

centralizados que caracterizam o processo de *housing* que, como paradigma de uma actividade que cada um experiencia de uma forma ou outra, acaba por englobar todos os sectores e actividades essenciais.

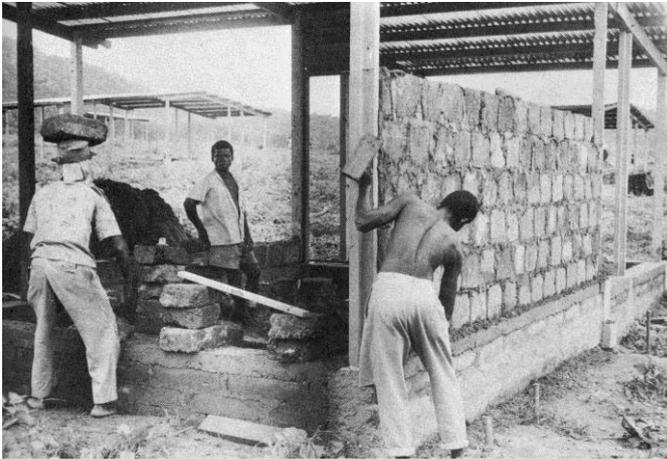
Por conseguinte, Turner desenvolve quatro propostas que passamos a descrever.¹⁴⁷

1. A primeira passa por organizar uma rede de comunicação internacional, de maneira a reorganizar o uso dos já existentes canais de comunicação (formais e informais), de tal maneira que, aumentando a sua universalidade, se consigam reduzir os riscos de exploração pelos poderes centralizados.
2. Em segundo lugar, criar diversos centros de documentação, onde os materiais relativos a casos passados vão sendo recolhidos, indexados, possibilitando um futuro acesso aos mesmos. Todos estes centros deveriam pertencer a uma mesma rede, ou estar de alguma forma interligados, de forma que uma qualquer pessoa pudesse procurar documentos e tópicos em particular – uma vez que não é possível casos de estudo, o trabalho dos que partilham estes princípios e métodos seria exactamente o de elucidar essa teoria.
3. Como terceira proposta, instituir uma nova escola destinada a aproximar os diversos indivíduos, pequenos grupos e organizações que acreditam nos mesmos princípios. A rede internacional anteriormente mencionada serviria como apoio para a sua comunicação.
4. Por último, dar andamento ao programa que irá criar a lei *prescritiva*, para que se possa gerar o já falado formulário de auto governação.

Assim, estas propostas serviriam apenas como linhas de desempenho que, ao invés de imporem especificações, iriam definir apenas limites a essa mesma performance, deixando o método escolhido à imaginação e aptidões do seu *designer* e construtor. No entanto, quaisquer leis não podem ser escritas para processos ou sistemas que são mal compreendidos, por isso esta tarefa vital depende do desenvolvimento de modelos teóricos mais completos e precisos deste contexto.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.157

¹⁴⁸ *Ib.*, p.159



- 2 | *Squatter settlement* num pantanal em Puerto Rico.
- 3 | Construção de uma *core house*, Ajena, Gana.
- 4 | *Roof squatters' shacks* em Hong Kong.

Enquanto que a actividade prática de Turner se prendeu essencialmente com o Perú, Charles Abrams¹⁴⁹ relata em primeira mão situações de miséria humana que presenciou em diversos continentes. Isto justificou o uso da palavra *struggle* no título do seu livro¹⁵⁰, publicado em 64, pela mesma altura em que Turner estaria a terminar a redacção de *Housing by People*. Neste relata as suas experiências de dez anos de missões em países como a Bolívia, Gana, Turquia, Filipinas, Singapura, Nigéria, entre outros.

Abrams, enquanto consultor das Nações Unidas, estava preocupado em descobrir soluções para que os Governos conseguissem resolver o problema de alojamento de mais de 200 milhões de pessoas que se estimava que iriam invadir as cidades de África, Ásia e América Latina durante as décadas de 60-70.

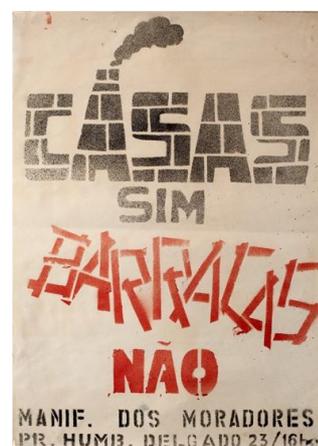
“However, as Richard Harris has shown, the deeper history of aided self-help housing extends far beyond the post-war programs in the developing world generally associated with the term.

Promoted in Sweden as early as 1904, it first emerged as a widespread solution to housing provision in the wake of the First World War, with programs implemented in several Western European countries and the Soviet Union.” (Gyger, 2013:90)

Charles Abrams descreve o problema de *housing* como uma ameaça para a estabilidade económica e política do mundo, afirmando que o Mundo Ocidental não tem como oferecer soluções alternativas que possam ser empregues em países em desenvolvimento e a prova disso são as recomendações apresentadas no passado, que se revelaram bastante inadequadas para as condições locais. A sua vasta experiência em campo dá-lhe algum crédito e autoridade para poder afirmar que uma das primeiras soluções para a construção das casas nestes países deveria passar pela criação de instituições especiais, consignadas para treinar artesãos e pessoal qualificado. E neste sentido, e exactamente na mesma linha de Turner, entende que para que haja uma exponencial minimização da margem de erro, é necessário um desenvolvimento deste campo de investigação, sob o risco, pela falta de pesquisa, o número de estudos viáveis que possam servir de exemplo seja mínimo.

¹⁴⁹ Arquitecto americano, estudou a fundo a questão fundiária nos Estados Unidos e a realidade dos solos urbanos como um bem essencial nos países mais pobres.

¹⁵⁰ *Man's Struggle in an Urbanizing World* faz parte de uma série de tantos outros publicados pelo *Joint Center for Urban Studies*, um consórcio do MIT e da Universidade Harvard, fundado em 1959 com o objectivo de organizar e encorajar a pesquisa nos problemas urbanos e regionais.



3.1. O Processo SAAL e John Turner

Muitas das suas publicações de Turner começaram a tomar parte da política de habitação em todo o mundo. Em Portugal, essa vontade ganhou forma após a Revolução de 25 de Abril de 1974, naquele que ficou conhecido como Processo SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local. Liderado pelo então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo Nuno Portas, este constitui ainda hoje uma referência no campo da habitação social em Portugal e no mundo. Envolveu arquitectos, engenheiros, juristas, geógrafos, mas sobretudo os próprios moradores dos bairros degradados que, criando as suas próprias associações, lutaram pelo seu direito a uma habitação melhor.

Este processo foi impulsionado quando, em Julho de 1969, por iniciativa do Ministério das Obras Públicas (sob a direcção de Nuno Portas), se realizou o Colóquio sobre a Política de Habitação, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Tinha como objectivos específicos a elaboração de um diagnóstico da problemática habitacional nacional e um plano de soluções. Foi defendido o direito à habitação, com o Estado como aquele que tem a responsabilidade de o assegurar, denunciada a especulação e a constante indisponibilidade do solo urbano, a falta de estruturas e produtividade da indústria de construção, e a *descoordenação* dos recursos financeiros com construções de luxo.¹⁵¹ Foi aqui que se começou a delimitar um plano em que considerava a auto-construção como parte da solução para combater a falta de habitação das classes, sem descurar o problema proeminente da degradação dos edifícios nos centros das cidades, particularmente das ilhas do Porto.

Um dos pontos discutido foi o da *segurança urbana*. Este conceito passa pela “[...] proximidade e estabilidade do trabalho; possibilidade de adquirir ou construir habitação implantada em situação de estabilidade, sob os pontos de vista físico e legal; acesso fácil e eficaz aos empregos, escolas, e restante equipamento, quer em tempo real, quer em proximidade e eficiência dos sistemas de transportes; despesas com a habitação compatíveis com os orçamentos familiares, sem prejudicar outros consumos básicos; e, ainda, a possibilidade de melhorar as condições da habitação de acordo com a prosperidade económica, com a mudança de hábitos sócio-culturais ou com as alterações quantitativas do

¹⁵¹ Ferreira, V. M. (1975). *Movimentos Sociais Urbanos e Intervenção Política*. p.64



6 | Construções em Meia-Praia, Lagos. 1975.

7 | s.l., 1975.

agregado, estes benefícios poderão ser alcançados quer pela transformação da casa, quer pela aquisição de nova casa na zona.”¹⁵²

Entre muitas outras, estas foram as premissas aplicadas mais tarde no processo SAAL, e que nesta fase já reconhecemos como tendo sido baseadas nas propostas de John Turner.

A convite de Nuno Portas, este esteve presente no Seminário das Brigadas SAAL, no LNEC, a 13 de Novembro de 1974. Aceite o convite de vir a Portugal com o propósito de tomar contacto com o contexto e os problemas em que se vivia, Turner foi apresentado à assembleia como alguém que tendo desenvolvido uma teoria inovadora acerca da auto-construção das *barriadas* no Perú, trazia consigo experiências que se inseriam no processo do SAAL, por esta altura já em fase inicial de andamento. Esta visita, pelo que se entende das gravações disponíveis¹⁵³, demonstrou-se mais como um apoio ao que se começava a levar avante e que este encontro no LNEC serviu para expor de forma pública. À medida que o Seminário foi avançando, constata-se uma procura de respostas para os problemas com que as Brigadas Técnicas se tinham vindo a deparar, como por exemplo as questões da disponibilidade do solo, e de todo o atraso que estava a começar a ser implicado pela burocracia.

Durante a sessão foi discutido o problema da auto-construção.¹⁵⁴ No ano de 1973, segundo as estatísticas do INE, o aumento em 81% na construção habitacional foi realizado efectivamente em regime de promoção individual.¹⁵⁵ No entanto, e no caso específico do SAAL, este método requeria alguma discussão. Se por um lado, com esta, as populações teriam mais responsabilidades, o que implicaria um maior empenho por parte das mesmas, por outro, não seria uma boa solução para as zonas urbanas de Lisboa e do Porto, pelas situações construtivas em questão e pelos próprios hábitos das populações. Turner chegou inclusive a alertar que este tipo de construção só seria viável em pequenos conjuntos com características especiais, que visassem uma resolução num período inferior a três anos.¹⁵⁶ A procura de soluções para as dificuldades expostas durante a sessão acabaram por se ir equacionando de uma forma directa com exemplos da prática de Turner, denunciando a procura de corroboração por parte deste, conjugada com a intenção de evitar erros futuros.

Turner acentuou a necessidade de se abandonar as normas, reforçando que são precisas normas de funcionamento e não de especificações. Afirmou que para se ser um técnico é preciso ter consciência que é necessário saber jogar dentro de um dado sistema de

¹⁵² Bandeirinha, J. A. (2007). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. p.72

¹⁵³ (13 de Novembro de 1974). Seminário Brigadas SAAL - John Turner. LNEC. Áudio.

¹⁵⁴ Segundo o coordenador deste Seminário, este termo deveria ser substituído por construção por iniciativa dos próprios, uma vez que este inclui tanto a auto-construção como o recurso directo aos empreiteiros (empresários de nível mais rudimentar, oferecendo custos mais baixos), sem recurso ao Estado, empreitadas e fiscalizações. Cf. (13 de Novembro de 1974). Seminário Brigadas SAAL - John Turner. LNEC. Áudio. CD2 30'

¹⁵⁵ Ferreira, A. F. (1987). *Por uma Nova Política de Habitação*. p.40

¹⁵⁶ *Ib.*, p.89



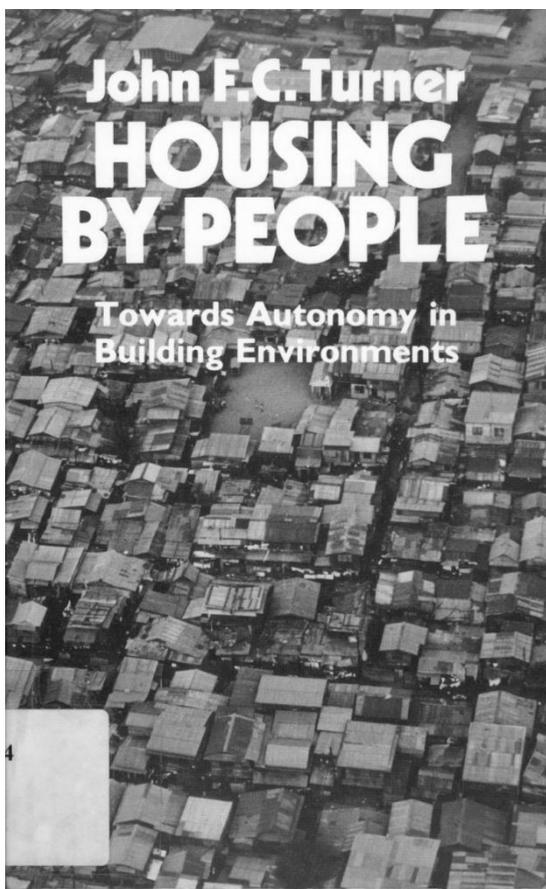
8 | Manifestações pelo direito à habitação. Porto, 5 de Abril de 1975.

regras adquiridas, como se de uma anarquia se tratasse, tendo sempre em mente que se tem que pensar nas pessoas que irão utilizar o produto final, uma vez que estas é que irão pagar pelos erros cometidos. É responsabilidade do arquitecto não descurar isso, e aprender ao mesmo tempo a desenhar as regras dentro das quais outros poderão jogar. Portas acabou por admitir que as premissas de John Turner foram de grande influência para o SAAL. “Há soluções que se tornam um problema e problemas que se tornam uma solução.” (Turner apud Portas 2013)

Por esta altura, o tema da habitação social já era bastante discutido entre a comunidade de arquitectos. Assim, menos de um ano mais tarde, em Maio de 1975, e enquanto ainda decorria o SAAL, reuniam-se trinta e um especialistas em Dubrovnik, onde constavam nomes como Nuno Portas, John Turner, Eduardo Neira e Yona Friedman para quatro dias de preparação para a Conferência sobre a Habitação de 1969. Segundo Gyger “In terms of housing, the report definitely reflected direct construction by governments as a viable solution, in favour of providing support to the initiatives of local communities.” (2013:292)

O SAAL foi proposto como um “corpo técnico especializado que deverá apoiar, através das câmaras municipais, as iniciativas de populações mal alojadas no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros, investindo os próprios recursos latentes e, eventualmente, monetários”¹⁵⁷, predominantemente através da auto-construção mas também de cooperativas de habitação. Tratou-se afinal de um processo de autogestão, em que o financiamento era entregue a cada uma das comissões de moradores, e estes, em conjunto com arquitectos e técnicos decidiam o que fazer, dentro de alguns limites. Na realidade, para Nuno Portas (2013) os arquitectos aproveitaram o SAAL para poderem pôr em prática as suas ideias.

¹⁵⁷ Ferreira, V. M. (1975). *Movimentos Sociais Urbanos e Intervenção Política*. p.23



3.2. Housing by people?

John Turner foi sem dúvida o ponto de partida para toda uma rede de referências de obras que tivemos a oportunidade de estudar durante a elaboração desta dissertação, todas elas para grande interesse pessoal, e muitas delas, infelizmente, não relevantes para a mesma. Na sua redacção, com o crescente entendimento sobre o contexto da vida e escrita de Turner, muitas foram as dúvidas que surgiram, através aquilo que entendemos como alguma *incoerência* no discurso, provavelmente pela falta de encadeamento com o contexto geral.

Turner, que começa por criticar os sistemas centralizados, apontando que o que é necessário é uma rede horizontal a que cada um possa ter acesso, com a liberdade de escolha dentro do seu campo de possibilidades, finda dizendo que os sistemas centralizados são necessários apenas *até certo ponto*, e que a solução para tal é estabelecer os limites entre as partes através da legislação. Não será demasiado ingénuo acreditar que os interesses industriais, financeiros e o capital iriam algum dia decidir contra eles mesmos? E se mesmo assim, por algum acaso isto acontecesse, não estaria o Estado simplesmente a dar autorização para uma invasão *formal*, permitindo com isso uma legalização do valor de mercado destas terras?

Nesta forte crítica ao sistema hierárquico criado pelo capitalismo, apercebendo-se ou não, Turner acaba por estabelecer todas as respostas ao problema de *housing* com base neste. As premissas que nos apresenta, das combinações entre identidade, segurança e oportunidade, com abrigo, localização e posse, e conseqüente alteração das suas respectivas prioridades, acabam por só fazer sentido neste sistema. Em termos práticos, quando alguém que vive em condições miseráveis se muda para a periferia de uma cidade é porque tem necessidade do que esta tem para lhe *oferecer*. Ora, se esta se desenvolve com base num sistema, para conseguir algum resultado, quer a médio ou longo prazo, terá que encontrar o seu lugar no mesmo. Este sistema para se manter vivo tem que, de alguma forma, manter a sua forma hierárquica, e por isso não irá de modo algum facilitar a sua subida no mercado.

No capitalismo, os agentes que produzem os objectos raramente são os mesmo que lhes dão uso, e com todas as trocas no mercado, os produtos utilizados para a construção de uma casa, quer estejamos a falar de cimento, telhas, ferro, *et cetera*, também adquirem um

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

valor de troca baseado nas horas gastas na sua elaboração. Além disto, a partir do momento em que a habitação é na maior parte das vezes construída com ajuda de outrem, as horas de mão-de-obra passam também a ter um valor de mercado, faça uso dele ou não.

Um *squatter* consegue construir uma habitação a baixo custo se evitar os monopólios de materiais de construção e produzir ele próprio os seus ou comprando-os a outrem como mercadoria barata. Utilizando trabalho barato e desprotegido não lucra nada com isso - aliás isso acontecerá apenas se mais tarde vender ou arrendar a casa. Mas isto não implica uma ausência de um sistema burocrático, nem de etapas na construção, está simplesmente a agir numa esfera diferente do capital existente. Ele não escapou ao capitalismo, está simplesmente num outro sector do mesmo.

O conceito de *housing* de Turner não prevê o melhoramento da habitação pelo próprio proprietário enquanto uma comodidade, considerado um *market-value* no sistema capitalista. Portanto, aquilo que é *use-value*, construído pelas próprias mãos por um, poderá ter *market-value* para outro. Por isto, a diferenciação que faz de *use-value* e de *market-value* não poderá ser assim tão indissociável.

As necessidades do ser humano não são definidas *apenas* pela sua biologia. Cada indivíduo vive sob um determinado contexto histórico e social bastante variáveis, e que, por isto, se definem também pelo nível material que foram recebendo da sociedade, nível esse que é calculado também com a habitação na equação. Portanto, as melhorias que poderão acontecer na vida do proprietário da *cabana* - as decisões que terá que tomar, onde irá investir as suas poupanças e o emprego que irá arranjar - terão sempre em vista a sua integração na sociedade, neste caso no mercado capitalista. Esta acaba por ser a sua única hipótese de melhorar as suas condições de vida.

O facto de Turner acreditar que caminhar na direcção de uma liberalização e necessária responsabilização por parte do indivíduo poderia mesmo criar dinâmicas produtivas e racionais que levassem a uma transformação social parece sugerir algum romantismo. A partir do momento em que *barriadas* inteiras pretendem melhorar as suas condições de vida, e que a sua única verdadeira fonte de rendimento será aproveitando os recursos que a cidade e as classes media e alta lhes têm para oferecer, até que ponto é que o indivíduo não se irá querer juntar ao esquema do capitalismo? É ingenuidade o facto de não se admitir que o Homem não é um ser bom por natureza, porquanto mais possa ter, mais quererá.

Na actividade ligada ao *housing* existem três tipos de actores: o utilizador, ou sector popular, com predominância pelo *use-value*; os fornecedores, ou sector privado e comercial, interessados em maximizar os seus lucros; e os que regulam, sector público e governo, para manter a ordem pública. E cada um destes quer beneficiar com a sua parte.



Ao pensarmos sobre isto, torna-se mais fácil acreditar que, da mesma maneira que os ocupantes se infiltram na cidade, quem toma as decisões irá tentar fazer o mesmo, mas em sentido inverso, quer seja sob a forma de agentes do estado, pelos próprios construtores, profissionais ou não, e pelos agentes de crédito, por exemplo. Todos eles informarão com certeza o Sistema sobre a situação vivida dentro de cada uma das áreas ocupadas – quer estejamos a falar de *barriadas* ou de *pueblos jóvenes*. É também aqui que surgem as questões. Nos vários textos com que nos cruzamos, não há um único que mencione sequer este facto ou algo que nos leve a esta indução – e é difícil de acreditar que, durante os mais de dez anos de estada no Perú e quase quarenta de investigação, Turner não tenha presenciado nada desta ordem.

Neste ponto, cremos que seja importante acrescentar mais alguns dados históricos. Pela altura em que John Turner se mudou para o Perú, os Estados Unidos eram sem dúvida o país que mais havia desenvolvido soluções de *housing*, essencialmente por possuir os meios e controlar quase $\frac{3}{4}$ da economia mundial no final da Segunda Grande Guerra. Os subúrbios norte-americanos eram marcados por uma produção em série de casas, com uma construção rápida, idêntica e colorida, que caracterizava os sucessivos bairros de uma classe média conformista.

Ao mesmo tempo, os Estados Unidos sofisticaram e dualizaram os métodos da Doutrina Monroe¹⁵⁸ praticando uma ingerência não só de cariz político-militar (formando os principais oficiais da maior parte das forças armadas dos países hispano-americanos e do caribe na infame Escola das Américas, infiltrando e influenciando as hierarquias militares no sentido destas protagonizarem através de golpes de estado, os famosos *gorilatos*, o derrube de governos democraticamente eleitos e de reprimirem as organizações políticas de esquerda impedindo portanto a sua acção política) mas também de natureza económica, impondo a ideologia do mercado livre, a dolarização das economias internas, a redução das taxas alfandegárias sobre as importações (sobretudo norte-americanas) mas sobretudo a privatização dos vastos recursos naturais existentes nos solos desse subcontinente. O anti-comunismo, bandeira da estratégia global da Guerra Fria, serviu os objectivos de hegemonia político-económica e veio dar uma *legitimação* ideológica junto do público norte-americano à política de massacres e ao clima de intensa violência política e polarização ideológica que definiu sempre a presença norte-americana nos territórios Hispano-americanos e do Caribe. Se na década de vinte a United Fruit Company punha e dispunha dos governos da América

¹⁵⁸Trata-se da concepção de política externa do Presidente Monroe dos E.U.A. proferida em 1823, e onde especifica que a América passará a ser dos (norte-)americanos; essa concepção introduzirá como acções políticas formais no final do século XIX, princípios do século XX, primeiro com o presidente Teddy Roosevelt e depois com William Taft, o direito de ingerência, o intervencionismo armado- *a gun boat diplomacy*- e a expropriação territorial como aconteceu com o canal do Panamá (1903), país inventado por mercenários e aventureiros norte-americanos às custas da Colômbia, com a ocupação de Cuba (sucessivamente 1899-1902, 1906-1910 e 1917-1922) após a independência e com a ocupação do Haiti entre 1915 e 1934.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Central, impondo criaturas políticas provenientes das oligarquias locais e criando gerações de nepotistas e de cleptocratas de que a famosa família Somoza na Nicarágua constituiu o exemplo mais duradouro, com o início da Guerra Fria a estratégia de imposição imperialista de um modelo de desenvolvimento modernizou-se ampliando o controlo técnico e securitário não só à esfera da produção mas às actividades culturais e a todos os sectores da vida quotidiana das populações.

É no contexto desse controlo e da integração do *American way of life* no viver urbano sul-americano que se compreende a estratégia dos organismos económicos internacionais, (as instituições criadas pela conferência de Bretton-Woods em 1944: o Banco Mundial, o FMI/IMF e o GATT) em praticarem um assistencialismo paliativo e em introduzirem a cultura construtiva de origem ilegal nas dinâmicas monetaristas da oferta e da procura. O capitalismo e os seus órgãos de comércio e financiamento transnacional não pretendem resolver o problema do alojamento mas também não querem perder a oportunidade de explorar enquanto consumidores e não apenas enquanto produtores os milhões de habitantes precários das megacidades sul americanas.

Neste seguimento, quem poderá negar que *ajudar* fornecendo materiais relacionados com *housing* de uma forma recorrente através de organizações internacionais não possa ser tido em conta? O World Bank, acima mencionado, é uma instituição financeira, que fornece empréstimos a países em desenvolvimento, sob a forma de programas de capital. Foi através desta, com o interesse de Robert McNamara¹⁵⁹ pelos *pueblos jóvenes*, que se incentivou a criação do Departamento Urbano, Ou seja, não querendo discutir a melhoria dos resultados com estas intervenções ou não, mas apenas as bases da sua fundação, não poderá esta ser uma tentativa da *bourgeoisie* de equilibrar todos os interesses, mantendo na mesma as condições gerais que mantém um sistema capitalista?

Dois anos depois da publicação do seu primeiro artigo para a *Architectural Design*, e provavelmente por se aperceber que na América Latina a situação não estava propícia a maiores desenvolvimentos, em 1965, Turner abandona a sua actividade regular no Perú e inicia um percurso como investigador na Universidade de Harvard e no MIT. Ironia ou não, acabou por se instalar no núcleo que mais o apoiava no desenvolvimento das suas teorias. Paralelamente, optou também pela via do ensino e, para além do MIT, leccionou também na *Architectural Association School* e no Development Planning Unit of the School of Environmental Studies, University College, ambos em Londres. Aqui poderia encontrar o apoio para conseguir pôr em prática as suas premissas, e quiçá, contagiar os estudantes a pensar fora do que vem nos livros, e deixarem-se levar pela prática. “The students and young professionals, some of them foreign volunteers, who managed to find situations in which they could work with people rather than for central agencies supposedly acting on the people’s behalf, learned more than they ever could have in a formal school.” (Turner, 1972:146)

¹⁵⁹ Presidente do World Bank entre 1968 e 1981, tendo sido anteriormente Secretário da Defesa dos E.U.A. entre 1961 e 1968.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

A influência de Turner é indiscutível, ainda nos dias de hoje, e o seu trabalho escrito pode ser visto como tendo sido o responsável por persuadir inúmeros estudantes, agências, oficiais do governo e profissionais, que as respostas criativas das pessoas no processo informal de alojamento deveriam ser vistas como parte da solução e não como o grande problema urbano como tantos classificam.

Assim, as suas ideias no que diz respeito à auto-construção passaram a fazer parte da solução entre os grupos de ajuda internacionais, e esta passou a ser adoptada como uma resolução paliativa social e política, e com algum sentido a nível económico. Por outro, acreditamos também que, mais do que isto, quem acredita no funcionamento deste tipo de arquitectura, da habitação popular, tenha encontrado em Turner um refúgio e ânimo.

“The situation can be reversed. If we develop a profound knowledge and understanding of local problems, and work out the technical means of solving them, and then vigilantly and actively see that these plans are put into effect – then town and country planning can be made a most effective instrument of collective direct action.” (de Carlo, 1948:100)

Turner defende que a melhor forma de encarar o problema de *housing* seja a partir da sua base, pelas próprias pessoas, enquanto indivíduos com uma vontade própria, e não, hierarquicamente falando, do topo para baixo, nas classes altas. Antes desta dissertação seríamos capazes de admitir esta opção como viável, e quiçá em Portugal até o possa ser dentro de certos parâmetros. Mas nos países em desenvolvimento como é o caso do Perú, a começar por uma simples questão de disparidade nos números que precisam de alojamento, será preciso muito mais que isso – e enquanto os interesses externos continuarem a ser a prioridade, resultados positivos teimarão em constar das estatísticas.

Acreditamos que a arquitectura enquanto disciplina assume várias vertentes, a que produz trabalhos para particulares, a que apresenta projectos de *revista*, a que está ligada às agências do Governo, a responsável pelos espaços verdes, *et cetera*. Claro que não implica que não possam estar interligadas, não é essa a questão. Mas há umas que se encontram mais facilitadas que outras e conseqüentemente mais desenvolvidas. O que não é o caso da arquitectura ligada à habitação social. Embora acreditemos na arquitectura como uma prática interdisciplinar – aliás, não faria qualquer sentido de outra forma – esta teria mais conseqüências no campo político se fosse reconhecida como verdadeiramente essencial.

Turner, assim como todos os restantes que foram mencionados ao longo desta tese, tiveram um papel importante ao assumir um problema que possui causas muito concretas que podem ser confrontadas mas que continua a ser mediatizado como um fenómeno natural excêntrico, comparável às catástrofes naturais e aos desastres.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Para responder às perguntas de *quem decide e quem providencia* é premente assumir com uma consciência limpa que existe mais do que a vontade de um só indivíduo para agir. Esta dissertação serviu para nos consciencializarmos de que o problema constante da falta de habitação que estaria à partida relacionado essencialmente com a falta de interesse, se revela mais grave do que isso. São inúmeras as pessoas que continuam a ser afectadas por este problema, com um número demasiado escasso daquelas que se dedicaram na procura de soluções alternativas. O próprio Turner, que escreveu e disponibilizou imensa teoria, acaba por não definir uma resposta. Até mesmo sobre o Processo SAAL, que aconteceu há quarenta anos atrás, pouco se sabe – e foi em Portugal, e as pessoas envolvidas ainda se encontram vivas, e no entanto o legado é demasiado escasso. O que correu mal? Qual é a constante que não permite que este tipo de projectos consigam ter uma duração necessária para alcançar um maior número de pessoas? Não se sabe, não está documentado.

É esta visível e urgente falta de documentação, de exemplos que relatem as falhas e dificuldades com que os vários agentes (não só arquitectos) se depararam nos campos social, político e económico, que vemos como imprescindíveis para que o espaço que se cria para novas soluções tenha bases fortes. Destarte, estas irão permitir pôr em prática a internacionalização deste problema, e quiçá deixe de ser encarado como tal.

“Freedom defined as the freedom to make choices but within limits and those were implied rather than explained. Limits to housing action, which need to be properly regulated, must be those that allow people to make choices that benefit them without cost to others. Freedom, in other words, to make use of one’s own knowledge and skills, to do what one is able and willing to do for oneself, family, neighbours, even life as a whole. Without sufficient freedom of that real kind, in some areas of life at least, one cannot be fulfilled as a person. This is the nub of the argument: personal and locally particular activities, like housing, are potential vehicles for growth, not just things we need. So the greatest evils are actions and tools that frustrate people’s abilities and will to do things in and for themselves and their own communities. **You must be free to find your own way within limits that don’t hurt other people or the environment, and are not counterproductive in some other way.**” (Turner, 2000)

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Referências

Bibliografia específica

Turner, J. F. (Agosto de 1963). **Dwelling resources in South America**. *Architectural Design*, pp. 360-393. Obtido de www.communityplanning.net/JohnTurnerArchive/

Turner, J. F. (1967). **Barriers and Channels for Housing Development in Modernizing Countries**. *Journal of the American Institute of Planners*, pp. 167-181.

Turner, J. F. (1968). **Housing Priorities, Settlement Patterns, and Urban Development in Modernizing Countries**. *Journal of the American Institute of Planners*, pp. 354-363.

Turner, J. F. (1968). **Uncontrolled Urban Settlement: Problems and Policies**. *International Social Development Review No 1*, 107-128.

Turner, J. F. (1972). **Housing as a Verb**. Em J. F. Fichter, *Freedom to Build, dweller control of the housing process* (pp. 148-175). New York: Eds. Collier Macmillan.

Turner, J. F. (1972). **The Reeducation of a Professional**. Em J. F. Fichter, *Freedom to Build, dweller control of the housing process* (pp. 122-147). New York: Eds Collier Macmillan.

Turner, J. F. (February de 1974). **The Fits and Misfits of People's Housing**. *Freedom to Build, RIBA Journal, No. 2*.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Turner, J. F. (January de 1976). **Approaches to Government-sponsored Housing**. *Ekistics*, Vol. 41, No. 242, 4-7.

Turner, J. F. (1976). **Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments**. London: Marion Boyars.

Turner, J. F. (1978). **Housing in Three Dimensions: Terms of Reference for the Housing Question Redefined**. *World Development*, Vol. 6, No. 9/10, pp. 1135-1145.

Turner, J. (1996). **Tools for Building Community: An Examination of 13 Hyptheses**. *HABITAT INTL*. Vol. 20, No. 3, 339-347.

Turner, J. F. (11 de Setembro de 2000). **Interview of John F. C. Turner**. 25. World Bank, Washington DC.

AAVV. (1970). **Previ/Lima. Low Cost Housing Project**, *Architectural Design*.pp. 187-205. Disponível em www.isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic892112.files/Previ/AD.pdf

AAVV. (1988). **Building Community: A Third World Case Book**. Londres: Bertha Turner, Building Community Books.

Bibliografia geral

Abrams, C. (1970). **Man's Struggle for Shelter: in an Urbanizing World**. Cambridge: Mass: MIT Press.

Bandeirinha, J. A. (2007). **O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974**. Coimbra: Ed. Imprensa da Universidade.

Ferreira, A. F. (1987). **Por uma Nova Política de Habitação**. Porto: Afrontamento.

Ferreira, V. M. (1975). **Movimentos Sociais Urbanos e Intervenção Política**. Porto: Afrontamento.

Geddes, P. (1994). **Cidades em Evolução**. (M. J. Castilho, Trad.) São Paulo: Papyrus Editora.

Grande, N. (2012). **O Ser Urbano: Nos Caminhos de Nuno Portas**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Jencks, C. (2006). **Movimentos Modernos em Arquitectura**. Lousã: Edições 70.

Kropotkin, P. (1970). **Kropotkin's Revolutionary Pamphlets: A Collection of Writings by Peter Kropotkin**. (R. N. Baldwin, Ed.) New York: Dover.

Montaner, J. M. (2001). **Depois do Movimento Moderno: Arquitectura da Segunda Metade do Séc. XX**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

- Morris, B. (2008). **Basic Kropotkin. Kropotkin and the History of Anarchism**. The Anarchist Federation. Disponível em www.afed.org.uk/
- Mumford, E. (2000). **The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960** (pp. 130-215). Massachusetts Institute of Technology.
- Portas, N. (2004). **Habitação Social: Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura**. Porto: FAUP Publicações.
- Portas, N. (2005). **Os Tempos das Formas, Vol. I: A Cidade Feita e Refeita**. Guimarães: Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho.
- Rudofsky, B. (1964). **Architecture Without Architects**. New York: Academy Editions.
- Zevi, B. (1973). **História da Arquitectura Moderna**. Lisboa: Arcádia.

Artigos em Publicações

- Almeida, N. R. (20 de Novembro de 2013). Disponível em www.ionline.pt/artigos/portugal/nuno-portas-ao-i-miguel-morreu-nao-me-interessa-politica
- Balty, M., & Marshall, S. (5 de February de 2010). **The Evolution of Cities: Geddes, Abercrombie and the New Physicalism**. *Town Planning Review*, 80, pp. 551-574.
- Bouman, O., & van Toorn, R. (1994). **Architecture is too Important to Leave to the Architects: a conversation with Giancarlo de Carlo**. Em O. Bouman, & R. van Toorn, *The Invisible in Architecture* (pp. 382-389). Disponível em www.roemervantoor.nl/invisibleinarchi.html
- Brea, Jorge. A. (Março 2003) **Population dynamics in Latin America**. *Population Bulletin (a publication of the population reference bureau)*, vol. 58, n 1, p.7
- Burgess, R. (September de 1977). **Self-help Housing: A New Imperialist Strategy? A Critique of the Turner School**. *Antipode*. Vol. 9, Issue 2, pp. 50-59.
- Burgess, R. (1978). **Petty Commodity Housing or Dweller Control? A Critique of John Turner's Views on Housing Policy**. *World Development*, Vol. 6, No. 9/10, pp. 1105-1133.
- Carlo, G. d. (1948). **Rebuilding Community** Em R. Graham, *Anarchism: a Documentary History of Libertarian Ideas*. Vol. II. *The Emergence of the New Anarchism (1939-1977)* (pp. 95-100). Canada: Black Rose Books.
- Cuthbert, A. R. (2006). **The Form of Cities: Political Economy and Urban Design**. *Journal of Planning Education and Research*, 26: 254-255.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

- Gould, S. J. (1997). **Kropotkin Was No Crackpot**. The Anarchist Library. Disponível em www.marxists.org/subject/science/essays/kropotkin.htm
- Harris, R. (2003). **A Double Irony: the Originality and Influence of John F. C. Turner**. *Habitat International*, 27, 245-269.
- Lauwe, P. C. (Julho de 1960). **Sociologia da Habitação, Métodos e Perspectivas de Investigação**. *Revista Arquitectura nº 68*, pp. 41-50.
- Lefebvre, H. (1999). Capítulo I. **Da Cidade à Sociedade Urbana**. Em H. Lefebvre, *A Revolução Urbana* (pp. 15-32). Belo Horizonte: UFMG.
- Mangin, W. (1967). **Latin American Squatter Settlements: A Problem and a Solution**. *Latin American Research Review*, Vol. 2, No. 3, pp. 65-98.
- Mayumi, L. (2005). **A Cidade Antiga nos CIAM, 1950-59**. 6º Seminário DOCOMOMO, (pp. 1-22). Brasil, Niterói.
- Molinari, L. (2003). **Giancarlo de Carlo and the postwar modernist Italian architectural culture: role, originality and networking**. *Team 10 - between Modernity and the Everyday*, (pp. 93-105). Faculty of Architecture TU Delft. Disponível em www.team10online.org/research/papers/delft2/molinari.pdf
- Mumford, E. P. (2000). **CIAM and the Postwar World, 1939-1950**. Em E. P. Mumford, *The CIAM discourse of Urbanism, 1928-1960* (pp. 131-215). Massachusetts Institute of Technology.
- Rocha, R. (12 de Setembro de 2011). **Por uma Nova Monumentalidade: o Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial o Rio de Janeiro**. *136.04*, pp. 1-14.
- Tuscano, C. (2003). **Giancarlo de Carlo and the postwar modernist Italian architectural culture: role, originality and networking**. *Giancarlo de Carlo and the Italian context of Team 10*, (pp. 227-235). Faculty of Architecture TU Delft. Disponível em www.team10online.org/research/papers/delft2/tuscano.pdf
- Ventura, V. d. (s.d.). **Villaggio Matteotti, Giancarlo De Carlo**. Disponível em ftp://ftp.polito.it/people/distrib/consegna_03/della%20Ventura%20Veronica/matteotti%20relazione%20PDF.pdf
- Welter, V. M. (5 de Novembro de 2001). **CIAM Team 10, the English Context**. *Post-war CIAM, Team X, and the Influence of Patrick Geddes: Five Annotations.*, pp. 88-110.

Dissertações

- Carvalho, C. (2011). **Comunidade. A escala do lugar ara o arquitecto de hoje** (Dissertação de Mestrado Integrado). Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade.

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

Carvalho, M. (2012). *Investigação em Arquitectura: O Contributo de Nuno Portas no LNEC 1963-1974*. Coimbra: Universidade de Ciências e Tecnologia.

Gyger, H. E. (2013). *The Informal as a Project: Self-Help Housing in Peru, 1954–1986*. Columbia University.

Webgrafia

Constante Nieuwenhuis
<http://www.notbored.org/new-babylon.html>

Giancarlo de Carlo
<http://www.designculture.it/giancarlo-decarlo.html>

John Turner
<http://www.communityplanning.net/JohnTurnerArchive/index.php>
<http://www.spatialagency.net/database/john.turner>

Peter Kropotkin
<http://anarquismoefilosofia.blogspot.pt/2011/07/moralidade-anarquista-peter-kropotkin.html>
http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/kropotkin/KropotkinCW.html
<http://www.marxists.org/reference/archive/kropotkin-peter/1893/advice.htm>

Team X
http://www.team10online.org/research/studies_and_papers.html

Yona Friedman
<http://www.yonafriedman.nl/>

Registos áudio

Vários (13 de Novembro de 1974). **Seminário Brigadas SAAL - John Turner. LNEC**. Disponível no Centro de Documentação 25 de Abril

Filmografia

_____. **A Guerra Fria na América Latina** (s.d.). Disponível em www.youtube.com/watch?v=qF2m1bgvJyY

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

João Dias. (Realizador). (2009) *Operações SAAL*. Disponível em <http://youtube.com/watch?v=45K1Bu9rA0E>

Johnson, B. S. (Realizador) (1970). *The Smithsons on Housing* Disponível em www.youtube.com/watch?v=UH5thwHTYNk

Pearce, T. C. (s.d.). *Experiencia de Poder Popular en Chile - Campamento Nueva Habana*. Disponível em www.youtube.com/watch?v=DXh5TLcYHXo

Fonte de imagens

Capítulo 1

- 1 | <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.095/147%20Page%201%20of%208>
- 2 | http://www.yonafriedman.nl/?page_id=78
- 3 | <http://www.photography-ka.blogspot.pt/p/new-babylon-anexo.html>
- 4 | <http://www.pinterest.com/pin/571675746419201368/>
- 5 | Rudofsky, B. (1964) *Architecture Without Architects*. fig.16
- 6 | Rudofsky, B. (1964) *Architecture Without Architects*. fig.41
- 7 | Rudofsky, B. (1964) *Architecture Without Architects*. fig.14
- 8 | <http://www.practise.co.uk/artwork/thumb-rhg>
- 9 | <http://www.arquiteturascontemporaneas.files.wordpress.com/2013/11/131>
- 10 | <http://design.rootiers.it/tecniche2012/sites/default/files/users/Gio.Azzariti/dicarlo03>
- 11 | <http://www.lombardiabeniculturali.it/img/db/bcf/3g010/27/l/26546/26546>
- 12 | <http://www.lombardiabeniculturali.it/img/db/bcf/3g010/27/l/26540/26540>
- 13 | <http://1.bp.blogspot.com/aCXgeExdUJM/TC3ZwklvLI/AAAAAAAAAFHU/qyi-NPtBg/s1600/VOLONTA'-1981-04.jpg>
- 14 | [http://en.wikipedia.org/wiki/Freedom_\(newspaper\)#mediaviewer/File:FreedomPress.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/Freedom_(newspaper)#mediaviewer/File:FreedomPress.jpg)
- 15 | <http://www.southgategreen.org.uk/wordpress/wpcontent/uploads/2012/04/william/morris>
- 16 | <http://freedompress.org.uk/news/about/history/>
- 17 | <http://freedompress.org.uk/news/about/history/>
- 18 | <http://sarahyoung.com/site/2011/01/09/russians-in-london-pyotr-kropotkin>
- 19 | Geddes, P. (1994). *Cidades em Evolução*. p.236
- 20 | <http://www.transculturalmodernism.org/article/142>
- 21 | Geddes, P. (1994). *Cidades em Evolução*. p.241

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

22 | <http://www.arqandina.com/pages/general/art08.htm>

Capítulo 2

- 1 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.364
- 2 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.364
- 3 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.364
- 4 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.24
- 5 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.25
- 6 | Turner, F. C. (1974) The Fits and Misfits of People's Housing. p.2
- 7 | Turner, F. C. (1974) The Fits and Misfits of People's Housing. p.2
- 8 | Turner, F. C. (1974) The Fits and Misfits of People's Housing. p.2
- 9 | <http://www.communityplanning.net/JohnTurnerArchive/pdfs/AD8-01Intro.pdf>
- 10 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.175
- 11 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.361
- 12 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.362
- 13 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.362
- 14 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.362
- 15 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.387
- 16 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.387
- 17 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.377
- 18 | Turner, F. C. (Agosto de 1963). Dwelling resources in South America. p.378
- 19 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.92
- 20 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.92
- 21 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.63
- 22 | Turner, F. C. (1966) A New View of the Housing Deficit.
- 23 | Turner, F. C. (1967) Barriers and Channels for Housing Development in Modernizing Countries. p. 169
- 24 | Turner, F. C. (1996). *Tools for Building Community: An Examination of 13 Hypotheses*. p.343
- 25 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p. 44
- 26 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p. 44
- 27 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.139
- 28 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p. 45
- 29 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.45
- 30 | Turner, J. F. (1976). *Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments*. p.117

Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John Turner

- 31 | Turner, J. F. (1996). Tools for Building Community: An Examination of 13 Hyptheses. p.344
- 32 | Turner, J. F. (1996). Tools for Building Community: An Examination of 13 Hyptheses. p.345
- 33 | Turner, J. F. (1976) Approaches to government-sponsored housing Ekistics, vol 41-1. p.1
- 34 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.34
- 35 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.34
- 36 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.132
- 37 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.133
- 38 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.133
- 39 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.132
- 40 | Turner, J. F. (1996). Tools for Building Community: An Examination of 13 Hyptheses.p.341
- 41 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.111

Capítulo 3

- 1 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. p.160
- 2 | Abrams, C. (1964) Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World. p.164
- 3 | Abrams, C. (1964) Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World. p.181
- 4 | Abrams, C. (1964) Man's Struggle for Shelter in an Urbanizing World. p.20
- 5 | <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=Galeria&album=CartazesSAAL>
- 6 | <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=Galeria&album=ColeccaoslidesAAIvesCosta>
- 7 | <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=Galeria&album=ColeccaoslidesAAIvesCosta>
- 8 | <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=Galeria&pn=0&album=FotosAAIvesCosta>
- 9 | Turner, J. F. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments
- 10 | <http://www.expatriates.com/2011/10/monroe-doctrine-an-overview/>